



**Universidade de Brasília - UnB**

**Instituto de Psicologia - IP**

**Departamento de Psicologia Clínica - PCL**

**Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura - PPG PsiCC**

**CLÁUDIA APARECIDA CARNEIRO**

**Experiência estética e narrativa emocional no campo analítico do sonhar**

Tese de doutorado submetida para defesa à Banca  
Examinadora do Programa de Pós-Graduação em  
Psicologia Clínica e Cultura do Instituto de  
Psicologia da Universidade de Brasília.

Orientadora: Profa. Dra. Eliana Rigotto Lazzarini

**Brasília**

**2025**

Cláudia Aparecida Carneiro

Experiência estética e narrativa emocional no campo analítico do sonhar

Tese de doutorado submetida para defesa à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília.

**Banca Examinadora:**

**Presidente:** \_\_\_\_\_

Profa. Dra. Eliana Rigotto Lazzarini

(Universidade de Brasília - UnB)

**Membro Externo:** \_\_\_\_\_

Profa. Dra. Rosine Jozef Perelberg

(University College London - UCL)

**Membro Externo:** \_\_\_\_\_

Prof. Dr. Cláudio Laks Eizirik

(International Psychoanalytical Association - IPA)

**Membro Interno:** \_\_\_\_\_

Profa. Dra. Katia Cristina Tarouquella Rodrigues Brasil

(Universidade de Brasília - UnB)

**Suplente:** \_\_\_\_\_

Profa. Dra. Sandra Santos Cabral Baron

(Universidade Federal Fluminense - UFF)

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de  
Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES)

Número de processo: nº 88881.981524/2024-01

*Ao mestre e amigo Roosevelt Cassorla, com carinho e gratidão, por semear,  
com sua experiência e leveza, o caminho desta minha jornada.  
Sua criatividade e pensamento seguem vivos em mim.*

*Nós somos feitos do mesmo tecido dos sonhos.  
W. Shakespeare, A tempestade, ato IV*

## Agradecimentos

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo auxílio concedido que tornou possível a realização desta pesquisa, incluindo o período de estágio sanduíche em Londres, sob o processo nº 88881.981524/2024-01. O apoio permitiu ampliar o intercâmbio acadêmico, a cooperação entre grupos de pesquisa e o aprofundamento profissional com desdobramentos para futuros trabalhos.

À Eliana Rigotto Lazzarini, orientadora e amiga que ganhei no percurso do mestrado e do doutorado, pelo frescor de nossas conversas, incentivo e apoio nos momentos difíceis, confiança em meu trabalho e pela abertura para eu sonhar meu próprio sonho.

À Rosine Perelberg, Cláudio Eizirik, Katia Tarouquella e Sandra Cabral, por aceitarem tão gentilmente participar da banca examinadora. Ao João Milton Tavares e Livia de Sousa, pelas contribuições valiosas na banca de qualificação. Minha gratidão a Rosine por generosamente possibilitar meu acesso ao University College London e à British Psychoanalytical Society, e por sua orientação, ampliando minha visão para a pesquisa.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura da UnB, por compartilharem seus conhecimentos e abrirem novos campos de observação.

Ao meu grupo de pesquisa da pós-graduação, pelas trocas teóricas, sugestões criativas e pelos momentos afetivos que ajudaram a selar amizades tão bem-vindas. Em especial aos queridos amigos Beth Mori e André Paiva, por me darem ideias e escuta ao longo de meu percurso.

À querida amiga Augusta Gerchmann, pela revisão e leitura atenta, pela disponibilidade para me ouvir e pela companhia fundamental nos momentos finais de elaboração da tese.

Às companheiras do grupo da Microscopia, que me dão a alegria de seguirmos juntas, sustentando e cuidando do legado que nosso querido Roosevelt Cassorla nos deixou. Como era seu desejo, a Microscopia segue viva e ajudando mais analistas.

Aos meus analisandos, pela companhia e pela confiança ao longo de nossas jornadas de crescimento conjunto, navegando em 'mundos internos inesgotáveis', e por me proporcionarem a cada dia o encontro com nossa humanidade.

À Fátima Malva, pela disponibilidade afetiva para sonharmos juntas e por todas as experiências estéticas vividas nesses anos.

Minha gratidão à minha mãe, que me ensinou a amar a vida. À minha filha Isadora e Felipe, presenças amorosas e encorajadoras todo o tempo. De vocês, só inspiração e alegrias. À Carlene, Carmélia e Gláucia, que cuidaram de mim para que eu pudesse me dedicar a este trabalho, com o amor que só as irmãs podem dar. À Maria Clara, pelo amor puro com que me acolheu na reta final do trabalho.

## Resumo

Este trabalho investiga o encontro analítico e os fatos clínicos produzidos no campo analítico, compreendido como campo do sonhar (Cassorla, 2016). Tem o objetivo de demonstrar como o sonhar inconsciente na sessão, envolvendo analista e analisando, propicia experiências estéticas a partir das imagens produzidas na mente do analista, com função transformadora no processo analítico. Parte-se do modelo de sonho (desperto) de Bion para observar os movimentos inconscientes da dupla analítica, que têm origem nas emoções e dos quais emergem acontecimentos estéticos, como as *rêveries* do analista. Essas experiências estéticas dão sentido à experiência emocional vivida e são a matéria-prima para a construção de uma narrativa emocional compartilhada, necessária para sustentar novo sentido para a existência da pessoa e promover processo de cura na análise, entendida como a expansão do pensar. A tese se alicerça no método psicanalítico e toma como modelo de investigação do campo do sonhar o Working Party “Microscopia da Sessão Analítica”, desenvolvido por Roosevelt Cassorla no âmbito da Federação Brasileira de Psicanálise (Febrapsi) e da Associação Psicanalítica Internacional (IPA). Essa atividade clínica valoriza o campo grupal como ferramenta para psicanalistas desenvolverem a capacidade de trabalhar e pensar a situação de análise, no encontro com seus pacientes.

*Palavras-chave:* sonhar, experiência estética, narrativa emocional, rêverie, Working Party

## Abstract

This study investigates the analytic encounter and the clinical facts produced within the analytic field, understood here as a dreaming field (Cassorla, 2016). It aims to demonstrate how unconscious dreaming in the session, involving both analyst and analysand, gives rise to aesthetic experiences through the images formed in the analyst's mind, which a transformative function in the analytic process. Drawing on Bion's model of dreaming while awake, the study observes the unconscious movements of the analytic dyad, which originate in emotions and from which aesthetic events emerge, such as the analyst's reveries. These

aesthetic experiences give meaning to lived emotional experience and constitute the raw material for construction of a shared emotional narrative, which is necessary to sustain new meaning for the person's existence and to promote a process of cure in analysis, understood as the expansion of thinking. The thesis is grounded in the psychoanalytic method and adopts as its model for investigating the field of dreaming the Working Party "Microscopy of the Analytic Session", developed by Roosevelt Cassorla within framework of the Brazilian Federation of Psychoanalysis (Febrapsi) and the International Psychoanalytical Association (IPA). This clinical activity values the group field as a tool through which psychoanalysts can develop the capacity to work and think within the analytic situation in their clinical encounters with patients.

*Keywords:* dreaming, aesthetic experience, emotional narrative, reverie, Working Party

### **Resumen**

Este trabajo investiga el encuentro analítico y los hechos clínicos producidos en el campo analítico, comprendido como un campo de soñar (Cassorla, 2016). Tiene como objetivo demostrar cómo el soñar inconsciente en la sesión, que involucra al analista y al analizante, propicia experiencias estéticas a partir de las imágenes producidas en la mente del analista, con una función transformadora en el proceso analítico. Se parte del modelo de sueño (despierto) de Bion para observar los movimientos inconscientes de la dupla analítica, que tienen su origen en las emociones y de los cuales emergen acontecimientos estéticos, como las rêveries del analista. Estas experiencias estéticas dan sentido a la experiencia emocional vivida y constituyen la materia prima para la construcción de una narrativa emocional compartida, necesaria para sostener un nuevo sentido para la existencia de la persona y promover un proceso de cura en el análisis, entendido como la expansión del pensar. La tesis se fundamenta en el método psicoanalítico y toma como modelo de investigación del campo del soñar el Working Party "Microscopía de la Sesión Analítica", desarrollado por Roosevelt Cassorla en el marco de la Federación Brasileña de Psicoanálisis (Febrapsi) y de

la Asociación Psicoanalítica Internacional (API). Esta actividad clínica valora el campo grupal como una herramienta para que los psicoanalistas desarrollen la capacidad de trabajar y pensar la situación analítica en el encuentro clínico con sus pacientes.

*Palabras clave:* soñar, experiencia estética, narrativa emocional, rêverie, Working Party

## Sumário

<b>Introdução</b>	12
<b>1. Working Parties: um método de pesquisa clínica compartilhada</b>	24
1.1 A proposta da nova política científica	24
1.2 Desenvolvimento do método e controvérsias	27
1.3 Expansão para a América Latina	29
1.4 Um terreno comum para a pesquisa psicanalítica?	30
1.5 As metodologias dos Working Parties	31
1.6 Os modelos atuais de Working Parties	34
1.7 O modelo da Microscopia da Sessão Analítica	37
1.8 As teorias do campo	40
1.8 O campo da Microscopia	46
1.10 Um recorte do trabalho do WP	51
1.11 Ponte para explorar infinitos	55
<b>2. Um mar sem fim: o encontro analítico navega por inconscientes</b>	57
2.1 A dimensão narrativa do encontro analítico	57
2.2 Uma narrativa entre emoções surge do campo	64
2.3 O que se mantém vivo em nós	66
2.4 A função analítica e a escuta sensível	71
2.5 Navegando por inconscientes	75
2.6 Inconscientes se expandem no infinito	80
2.7 Rêverie: da imagem à narrativa	85
2.8 Ponte para explorar vivências estéticas	90
<b>3. Sonhos e experiências estéticas no campo</b>	92

3.1	Rêverie e figurabilidade no campo de sonhos	94
3.2	Sonhos-a-dois e a narrativa das emoções	97
3.3	Vinheta 1: <i>Vidas secas</i>	99
	Discussão 1	102
3.4	Vinheta 2: <i>O sorriso do lagarto</i>	105
	Discussão 2	108
3.5	Vinheta 3: <i>Maman</i>	112
	Discussão 3	116
3.6	O traumático e a dimensão dramática do encontro	118
3.7	Experiências estéticas e criação no campo	120
	<b>Considerações finais</b>	125
	<b>Referências</b>	129

## Introdução

Esta tese explora o campo dos sonhos. O relato de uma experiência onírica é um bom começo para situar o leitor em meu campo de estudo.

Eu estava em uma cozinha. Era clara, ampla, com largas janelas que brindavam minha visão com um campo verde, e depois do verde, o horizonte. Eu preparava um bolo e, de pé ao meu lado, estava minha analista. Conversávamos num clima descontraído e ela, atenta à minha tarefa e respeitando meus movimentos, ora me observava, ora participava da confecção artesanal de minha receita. Mostrei-lhe como eu poderia dividir a massa do bolo em duas ou três partes (eu fazia isso com uma linha de costura). Ela então colocou uma parte do bolo, mais clara, dentro de outra parte, de cor mais vívida, como se faz na teoria dos conjuntos, quando um objeto é inserido em outro e passa a pertencer ao conjunto. Isto na matemática, pois na psicanálise podemos pensar em um terceiro objeto somando-se os dois, ainda que distinto dos dois, cujas cores das partes do bolo mantinham suas próprias tonalidades. Eu fiquei admirada com a sua destreza para aquela manobra culinária. Foi nesse instante que minha analista, com uma expressão de quem vai me mostrar a cereja do bolo, me diz: ainda não acabou, vamos ao recheio!

Acordei sem a cereja do bolo, mas com a emoção de quem ganha uma receita para preparar um recheio, temperado com a intuição e a capacidade criativa. Esta cena onírica foi sonhada por mim numa noite que antecedeu uma sessão matinal de minha análise, quando eu entrava na etapa final de elaboração de minha tese. Foi um trabalho de sonho, com todos os elementos oníricos sobredeterminados, ali presentes, e o desejo de realizar e concluir a tese. Na verdade, uma tentativa de realização de desejo, como aprendemos com Freud (1933/2010g).

O sonho tornou-se idealmente apropriado para introduzir minha escrita, por representar, de maneira condensada, deslocada e figurada, não apenas o processo de realização de pesquisa com o método psicanalítico, mas também por representar um modelo para o objeto desta pesquisa. Investigo o sonhar inconsciente como fenômeno que

ocorre no processo analítico, na experiência compartilhada entre analista e analisando, e que tem a função transformadora de gerar significado às experiências emocionais. O *locus* de investigação do presente estudo é o sonhar na sessão analítica, no sentido descrito por Bion (1962/2021, 1992/2000).

Meltzer (1983) afirma que, na análise, costumamos estudar os sonhos para acessar os processos de pensamentos que nos levam aos conflitos emocionais de nossos pacientes. Ele observa que, em pacientes com interesse profissional no próprio método analítico (os psicanalistas), ocorre um tipo diferente de sonho. “São sonhos que parecem refletir o pensamento do paciente sobre como sua mente funciona” (p. 163), acrescenta, nomeando-os “sonhos teóricos”, ou seja, não dizem respeito à psicanálise em si, mas à teoria do sonhador sobre sua experiência do funcionamento da própria mente.

O sonho descrito pode ser compreendido como um fato onírico científico. Demonstra que o trabalho investigativo (a preparação do bolo) ocorre num fazer psicanalítico compartilhado, se processa no ambiente afetivo (a cozinha) e a receita é sempre única, nunca igual a receitas anteriores ou à receita dos outros. E como diz o ditado acadêmico – pesquisa a gente não acaba, a gente entrega –, a cereja do bolo fica guardada para o próximo sonho.

O processo de realização desta pesquisa psicanalítica deu-se num contínuo trabalho de elaboração psíquica de questões concernentes ao método e ao processo psicanalítico, que instigaram a investigação em curso. Esse percurso aconteceu na companhia de autores da psicanálise cujas contribuições teóricas e clínicas abrangem o campo intersubjetivo, com origem nas emoções que sustentam a relação psicanalítica. Busquei nas obras de escritores e outros artistas inspiração para enlaces com a arte, que germinam as associações de pensamentos. E, fundamentalmente, tive como fonte genuína de brotação de ideias a experiência vivida em consultório com meus pacientes e no solo em contínua aração de minha análise pessoal.

As sementes que motivaram este estudo foram lançadas durante minhas participações, desde 2013, nas atividades do Working Party “Microscopia da Sessão

Analítica”. Esse grupo de trabalho clínico constituído de psicanalistas, que será apresentado no capítulo 1, foi criado e coordenado pelo psicanalista Roosevelt Moises Smeke Cassorla (1945-2024), professor titular da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e membro da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP) e Sociedade Brasileira de Psicanálise de Campinas (SBPCamp). Cassorla é autor reconhecido internacionalmente por suas contribuições para a psicanálise contemporânea. No que diz respeito a esta pesquisa, foi de fundamental importância seu legado teórico e clínico sobre o estudo do campo psicanalítico, na concepção de campo de sonhos (Cassorla, 2016), e os fenômenos intersubjetivos que nele ocorrem e afetam a mente do analista, propiciando transformações no campo.

A observação sistemática da dinâmica do grupo da Microscopia, nos Working Parties de que participei com Cassorla, como sua assistente, e as discussões posteriores com a equipe coordenadora da atividade, me levavam a insistentes indagações. Surgiu aí o interesse de aprofundar a investigação dos processos intrapsíquicos e intersubjetivos que afetam o analista, e o que faz da escuta analítica uma escuta mais sensível, na experiência compartilhada com o analisando ou com o grupo. O sonho descrito acima é um vestígio desse processo de me ver acompanhada de alguém de minha grande estima e confiança. Representa minha analista e, também, esse outro parceiro que se faz presente ao longo da tese, que foi inspirador para meu trabalho no Working Party e para o tema que venho desenvolvendo nesse tempo de construção teórica e clínica.

As perguntas geradas na experiência da Microscopia, como campo de investigação da clínica psicanalítica, foram produtos da observação dos fatos clínicos que surgem da mente do analista e dos fatores que interferem no campo analítico. Como o campo favorece o sonhar acordado na sessão analítica, ou na atividade clínica do grupo, e propicia a intuição e a criatividade dos sujeitos envolvidos na situação? O que faz com que uma imagem (sonhada) irrompa e salte à mente do analista, em contato com seu paciente na sessão analítica, ou na experiência de membros de um grupo no contato com material clínico, e tenha conexão com a realidade psíquica do paciente? Qual o efeito dessa imagem

em termos de potencialidade criativa para a dupla analítica? As *rêveries* (devaneios) do analista, na comunicação inconsciente com o analisando, são determinantes para uma abertura criativa e para a ampliação do universo simbólico?

Nas experiências de grupo da Microscopia, elaboramos ricas imagens e associações com o material clínico vivenciado, e os sonhos despertos e devaneios que ocorrem nos situam em um universo estético colorido por uma imaginação criadora (Chuster, 2019, 2024). A investigação dessa abertura para o criativo, sustentada na experiência pessoal da clínica e do grupo da Microscopia da Sessão Analítica, me direcionou para a aposta em um campo do sonhar (Cassorla, 2016) propiciador de experiências estéticas que dão sentido único às experiências emocionais vividas na situação analítica. Essas experiências são compartilhadas por analista e analisando e o acontecimento estético, que emerge nesse entrelaçamento de emoções, move a análise. As imagens que surgem na mente do analista (as *rêveries*) fazem parte do sonhar na sessão, o que remete à definição de Meltzer (1983) para a vida onírica: “o teatro para a geração de significado” (p. 93).

Em artigo relacionado à conexão entre *rêverie* e intuição psicanalítica, Ribeiro (2024) sugere que a teoria tem uma função de continente para a mente do analista, sujeita às turbulências geradas na sala de análise. “As teorias afinam a capacidade de observação do analista, como um músico afina seu instrumento” (p. 198), afirma, considerando que teorias precisam estar incorporadas para depois serem esquecidas, como os exercícios de técnica de um músico. As teorias pavimentam o mundo psíquico do analista, e podem funcionar como uma memória RAM de um computador, temporária, que vem como recurso de trabalho e depois se apaga, ou seja, é passível de esquecimento.

No entanto, como enfatizam Cassorla (2016) e Ribeiro (2022), acompanhando o pensamento de Bion (1965/2004b), o que pode ser treinado pelo analista é a sua capacidade de observação, que poderá se servir da intuição psicanalítica para captar fatos e elementos psíquicos que ocorrem em sua mente, no trabalho analítico com seu paciente. Ao oferecer esse exercício, o Working Party Microscopia abriu as portas não somente para uma observação analítica minuciosa (microscópica) que passei a desenvolver em grupo, mas

para um envolvimento mais aprofundado nas questões do método psicanalítico, que abordarei a seguir.

### **O método psicanalítico**

No espaço acadêmico a pesquisa em psicanálise tem o desafio metodológico de lidar com variáveis de caráter subjetivo às quais não se aplicam métodos tradicionais de validação, como os quantitativos. O método psicanalítico de pesquisa tem como particularidade a investigação clínica, ainda que a pesquisa teórica e mesmo a empírica ocupem com vigor a área da psicanálise. Como afirma Herrmann (2004), “nossa empiria é a clínica” (p. 60): a pesquisa clínica é a modalidade natural para o psicanalista, pois ele está a realizar investigações cotidianamente em seu consultório, com seus pacientes.

No seio da instituição psicanalítica europeia ligada à Associação Psicanalítica Internacional (IPA), a iniciativa científica que deu origem aos Working Parties, como se verá no capítulo 1, assegurou que esses grupos transitassem – e dessa forma permaneceram – entre a investigação científica e o diálogo intersubjetivo (Levy et al., 2024), como preconizado por Freud. Este é o caminho que o movimento psicanalítico percorre desde seu início. Sabemos que Freud fundou não apenas um método terapêutico, mas uma nova e independente ciência, e afirmava que demandaria muito trabalho e um longo caminho para a psicanálise ter a validação científica que ele esperava que ela alcançasse. Vale lembrar o protesto que Freud (1925/2011a) acrescentou, em 1935, à sua “Autobiografia”:

Sempre vi como grosseira injustiça que não se quisesse tratar a psicanálise como qualquer outra ciência. (...) Recriminava-se a psicanálise por suas imperfeições e por sua incompletude, quando uma ciência baseada na observação não pode fazer outra coisa senão obter um a um seus resultados e solucionar passo a passo seus problemas. (p. 146)

Freud (1912/2010e, 1927/2014) insistiu que a ligação entre a cura e a pesquisa psicanalítica era indissociável. Afirmava que não se podia tratar sem aprender algo novo, mas ressaltava que o analista, preocupado em investigar, poderia comprometer a

particularidade do método psicanalítico (que requer uma atitude psíquica em associação livre) e prejudicar a análise de seu paciente. No método revolucionário criado por Freud, teoria e prática não apenas são indissociáveis, como também a prática clínica opera como um cultivo: prepara e aduba o solo da experiência clínica, de onde a teoria emerge e floresce. A teoria é produzida no terreno vivo da prática psicanalítica.

Dunker (2011) chama a atenção para a hierarquia colocada por Freud (1923/2011c) em sua famosa definição da psicanálise:

(...) é o nome: 1) de um *procedimento* para a investigação de processos psíquicos que de outro modo são dificilmente acessíveis; 2) de um *método de tratamento* de distúrbios neuróticos, *baseado* nessa investigação; 3) de uma série de conhecimentos psicológicos adquiridos dessa forma, que gradualmente passam a constituir uma nova disciplina científica. (p. 274, grifos meus)

Dunker (2011) aponta como Freud destaca o procedimento de investigação como *fundamento*, a base para se desenvolver o método do tratamento psicanalítico. Somente depois reúne método de tratamento e método de investigação para então construir a disciplina científica. Lembremos a afirmação de Freud (1912/2010e) no texto de recomendação aos que praticam a psicanálise: “Um dos méritos que a psicanálise reivindica para si é o fato de nela coincidirem pesquisa e tratamento” (p. 114).

Elia (2023) enfatiza que não se pode fazer pesquisa em psicanálise, nem avaliar os efeitos e a eficácia do que incide sobre a experiência psicanalítica, sem um método que tenha os mesmos princípios que estruturam essa experiência. “O método de pesquisa em psicanálise é o *único e o mesmo* método da psicanálise, aquele que a norteia como uma *práxis*” (p. 218, grifos do autor). Para Elia, não há lugar no método psicanalítico para metodologias em pesquisas das áreas humanas e sociais, qualitativas ou pesquisa-ação, pois o psicanalista não dirige o sujeito e não pode estar, ele mesmo, na posição de sujeito, mas na função de objeto.

A defesa de Elia (2023) é pela radicalidade do reconhecimento do método psicanalítico como compromisso ético-metodológico com os efeitos que a investigação, que

coincide com tratamento, produzirá no sujeito. Elia é categórico: “Toda pesquisa científica que quiser se inscrever no campo da psicanálise só poderá usar este método: o método psicanalítico, o mesmo utilizado no dispositivo da experiência psicanalítica”, mesmo que tal pesquisa não tenha a proposta de tratamento, no sentido clínico estrito do termo (p. 218).

A literatura psicanalítica reconhece que pesquisa em psicanálise e pesquisa com o método psicanalítico não são equivalentes. Se na primeira a psicanálise é, de forma ampla, objeto de estudo e o pesquisador não precisa exercer a clínica nem funcionar psiquicamente como psicanalista, na segunda a investigação é conduzida por um psicanalista em atividade, e a separação sujeito e objeto de pesquisa deixa de existir (Figueiredo & Minerbo, 2006).

Para Figueiredo e Minerbo (2006), a pesquisa com o método psicanalítico consiste em “efetuar recortes não arbitrários” (p. 274), guiados pelo impacto emocional do campo, e produz verdades provisórias, parciais e singulares, cuja validade é relativa ao processo que a produziu. Nas palavras dos autores, “a verdade de uma interpretação não pode ser tomada como definitiva, mas sempre provisória. Nem como totalizante, pois é sempre uma verdade parcial, uma perspectiva selecionada do seu objeto” (p. 275).

Aproximando-se mais de minha pesquisa, as ideias de Meltzer (1983) sugerem o que seria uma metapsicologia da experiência estética nos processos psíquicos do par analítico, ao qualificar a psicanálise como uma “ciência perfeita” (p. 164). O autor explica: por ela utilizar um instrumento não apenas análogo ao objeto, mas quase idêntico a ele – a mente do analista – e por usar a resposta contratransferencial harmônica desse instrumento, que permite estudar os fenômenos clínicos. Acrescenta:

Por essa razão, qualquer artigo no campo da psicanálise científica que seja um relato honesto de experiências clínicas é fundamentalmente introspectivo e autobiográfico. Portanto, em certo sentido, aspira a ser uma obra de arte. A pesquisa psicanalítica é essencialmente autoexame e autodescrição, sendo seu principal instrumento a introspecção. Ela tem, portanto, uma forte ligação com o método filosófico e pode-se dizer que ocupa uma posição metodológica muito confortável no triângulo tradicionalmente criado pela ciência, filosofia e artes. (Meltzer, 1983, p. 165).

A natureza da psicanálise como método para investigar e apreender o mundo interior abrange subjetividades. Ela está no tecido da relação entre as subjetividades envolvidas no processo. Tudo o que ocorre entre analista e analisando faz surgir nosso interesse de pesquisa. A particularidade do método psicanalítico é que o analista é também objeto de observação, pois faz parte do campo, e nada nesse sentido deve ser desconsiderado. Essa premissa inspira a valorizar fatos clínicos que ocorrem na mente do analista, para a compreensão de fenômenos psíquicos que surgem entre analista e analisando. A tarefa colocada ao psicanalista pesquisador é dirigir sua atenção para o modo como sua própria mente é usada como instrumento de investigação, pois, sendo sujeito e objeto de pesquisa, é afetado pelo processo de investigação.

Por fim, Kohon (2019) argumenta que a potência da psicanálise para realizar mudanças profundas em uma pessoa que se submete ao processo analítico está na natureza do discurso que evolui entre analisando e analista. Para Kohon, um discurso paradoxal, pois nem um, nem outro se esforçam para provar ou contestar as hipóteses geradas no decorrer do processo. Mas seguem considerando os desdobramentos do discurso e as aberturas que ele sugere. Na perspectiva de que o método se apoia numa dimensão narrativa dos sujeitos da análise, a investigação do psicanalista lida com mais um fato de natureza paradoxal, pois depende do envolvimento intuitivo do analista, ou seja, do surgimento de uma verdade no analista, para que uma verdade do paciente seja alcançada.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, orientada pelo método psicanalítico, adotei duas vias de investigação. A primeira foi o percurso pela história dos Working Parties e o desenvolvimento do método de trabalho dos grupos, dedicando-me à Microscopia da Sessão Analítica como modelo de observação de fenômenos que ocorrem no campo de sonhos. A segunda via adentrou o encontro analítico e os fatos clínicos e fatores que surgem no campo do sonhar, concebido aqui como um espaço intersubjetivo vivo, cocriado pela dupla analítica, onde imagens, afetos, silêncios, sonhos e não-sonhos são estudados à luz das teorias psicanalíticas de Freud, Bion e autores como Ogden, Ferro, Figueiredo,

Botella e Botella, Chuster e Cassorla, além de vários outros que tiveram importantes contribuições na construção da tese.

A investigação teórica é realçada pela apresentação de vinhetas clínicas, cujo intuito é ilustrar o trabalho de sonho desperto na sessão e as rêveries da analista como acontecimentos moldados pelo trabalho de figurabilidade e de invenção narrativa no próprio campo. O vínculo entre essas duas vias se sustenta na ideia de que o funcionamento do campo do Working Party é análogo ao funcionamento da mente: aberto a conexões imprevisíveis entre fatos simbolizados e não-simbolizados incluindo aspectos afetivos que evocam sentimentos e emoções (Cassorla et al., 2021).

Na apresentações das vinhetas, valorizei exemplos clínicos cuja situação analítica ilustra a ocorrência de rêveries da analista e outros movimentos psíquicos da dupla analítica que possibilitam observar o evoluir de uma abertura criativa e ampliação do universo simbólico do paciente. Para a seleção de vinhetas, usei critérios de escolha de pacientes cujas análises eram muito ricas de associações para a analista e de sonhos sonhados em sessão, que me serviram para dialogar claramente com o objeto de estudo. Foram priorizados recortes de análises já encerradas, com pacientes adultos atendidos em consultório particular e que não mais residem no mesmo estado.

Sobre o sigilo ético do material clínico, é necessário acrescentar que as vinhetas foram escritas a partir de minha experiência clínica com esses pacientes, com alterações deliberadas de elementos que pudessem identificar nomes, contextos e sequências narrativas, com o objetivo de preservar o sigilo e a confidencialidade. Assim, os exemplos clínicos não correspondem a relatos factuais ou transcrições literais de sessões analíticas, são construções narrativas elaboradas *a posteriori* pela analista, a partir de experiências clínicas vividas de fato. Foi preservado o que é essencial da dinâmica da dupla analítica, dos movimentos psíquicos, imagens mentais da analista, a atmosfera emocional e o manejo clínico, de modo a garantir atender aos objetivos deste estudo.

Nesse sentido, tal como ocorre no trabalho de sonho, elementos do material clínico são combinados, condensados, deslocados, de modo a impedir qualquer possibilidade de

reconhecimento de sujeitos, sem que se perca a verdade psíquica da experiência analítica descrita (Ogden, 2010). A escrita clínica assume, assim, uma dimensão ficcional (Herrmann, 2006; Ogden, 2010; Tanis, 2015) como recurso metodológico para transmitir processos emocionais e de pensamento da situação analítica, observando não apenas exigência ética fundamental, mas possibilitando que os elementos de verdade da experiência analítica sejam compartilhados com o leitor, mantendo o rigor no desenvolvimento da pesquisa.

A propósito do reconhecimento do caráter ficcional da escrita psicanalítica, Fábio Herrmann (2006) reitera que “ficcional não significa falso, nem mesmo cientificamente menor, mas inserido num tipo de verdade peculiar à literatura, que é em geral mais apropriada para a compreensão do homem que a própria ciência regular” (p. 63). Por sua vez, Cassorla (2015) afirma que, quando o autor psicanalista transmite de forma genuína as emoções envolvidas, o leitor “deverá ver o material clínico como fatos da vida, que foram construídos de forma a manterem invariância com fatos clínicos” (p. xvii).

Em vários trechos da tese adoto a escrita em primeira pessoa do singular, por estar intimamente implicada como sujeito e objeto de pesquisa. A meu ver, este é um modo verdadeiro de registrar uma experiência de investigação que envolve os próprios processos mentais do pesquisador, incluídos no objeto de estudo. O processo de escrever implica um trabalho de luto permanente, “uma criação que não acontece sem mágoa”, como acentua Green (1973/1994, p. 47). A criação de uma escrita é atravessada pelo trabalho doloroso de perder boa parte do universo de ideias e sonhos que cortam a mente. Eles se vão antes de podermos prendê-los no texto. O resultado é que nenhum texto é acabado.

### **Estrutura da tese**

A tese é estruturada em três capítulos, cuja sequência de temas revela o modo como a pesquisadora foi organizando a ocorrência das realizações psíquicas em relação ao objeto de estudo proposto. O desenvolvimento da pesquisa se inicia pelas investigações do campo grupal do Working Party e segue para o campo da dupla analítica.

O primeiro capítulo apresenta a pesquisa clínica como a base da produção de conhecimento em psicanálise e situa os Working Parties como um dispositivo metodológico criado para sustentar o pluralismo sem romper a unidade da ciência psicanalítica. Faz-se um percurso pela origem e desenvolvimento dos Working Parties, sua expansão na Europa, América do Norte e América Latina, destacando os objetivos e metodologias de cada modalidade. Amparada em Cassorla, a autora apresenta com destaque a Microscopia da Sessão Analítica, como uma lente clínica de investigação do campo do sonhar, no qual analistas observam conjuntamente as experiências emocionais que surgem no campo, a partir de leitura de material clínico. Um recorte clínico demonstra o modelo de trabalho da Microscopia. O capítulo explora também as teorias do campo, com os autores Baranger e Baranger, Ferro, Civitarese, Herrmann e Cassorla.

O segundo capítulo aprofunda a ideia de campo analítico como um espaço narrativo, dinâmico, sensível e infinito, no qual o encontro entre inconscientes do analista e do analisando exige disponibilidade interna do analista para transitar entre infinitos. A dimensão narrativa do encontro é problematizada com Ricoeur e Ogden. Trabalha a ideia de que o campo do sonhar propicia experiências emocionais e funciona como criação narrativa para a pessoa tornar pensável o que antes não podia ser pensado. Guiada sobretudo por Figueiredo, a autora faz um percurso sobre as várias dimensões inconscientes que atuam na sessão analítica e evocam uma escuta sensível do analista. As colaborações de Bion sobre inconsciente infinito e função analítica têm destaque. A rêverie do analista, como recurso terapêutico, é explorada nas propostas teóricas de Ogden, Ferro, Civitarese, Rocha Barros e Chuster.

O terceiro capítulo desenvolve a ideia de acontecimentos estéticos como fragmentos sensíveis (imagem, gesto, sensação, atmosfera afetiva) que dão o significado emocional à experiência da dupla analítica. A tese percorre autores de inspiração bioniana, como Meltzer, Ogden, Cassorla, Chuster, Ribeiro, para sustentar que o sonhar é narrativa emocional e a experiência estética é via para novas significações na análise. Com Botella e Botella, o trabalho de figurabilidade é discutido, também a dimensão dramática do processo

analítico, com as contribuições de Sandler e Perelberg. São apresentadas e discutidas três vinhetas clínicas para ilustrar os temas investigados na tese.

As traduções de trechos de citações, originalmente publicados em idiomas estrangeiros, quando não disponíveis em versões oficiais em português, foram realizadas pela própria autora, preservando o sentido teórico-clínico do texto original. Em alguns casos a autora deu preferência ao texto em sua versão original no inglês.

Vamos à leitura!

## Capítulo 1

### **Working Parties: um método de pesquisa clínica compartilhada**

A pesquisa clínica é o campo natural de investigação do psicanalista. É na observação do fazer psicanalítico de todo dia, do modo particular e íntimo de escuta do outro e de fala para o outro que é extraída a matéria prima para se pensar e compreender o sentido humano. A investigação clínica, da situação analítica à observação de grupos e contextos sociais e culturais, se junta à pesquisa teórica para tratar do que há de mais específico do humano, sua subjetividade. No sentido de cuidar da consistência e da vivacidade da psicanálise como prática e saber, desenvolveu-se uma modalidade de pesquisa psicanalítica, os *Working Parties* (Grupos de Trabalho), cuja história, descobertas e desdobramentos clínicos serão explorados neste capítulo.

Os *Working Parties* (WP) da International Psychoanalytical Association (IPA) surgiram há mais de 20 anos no âmbito da Federação Psicanalítica Europeia (EPF) com o propósito de pesquisar as implicações do pluralismo na teoria e prática psicanalíticas. Era um esforço para aprimorar a comunicação e a exploração clínica entre analistas de diferentes modelos teóricos. Havia o entendimento de que melhorar a comunicação sobre como psicanalistas compreendem seu trabalho e as questões clínicas que o norteiam seria ponto essencial para que a pluralidade de modelos teóricos e clínicos não representasse ameaça à unidade da ciência proposta por Freud.

#### **A proposta da nova política científica**

Sob a liderança do psicanalista britânico David Tuckett, então presidente da EPF, um grupo de psicanalistas reunidos em Londres, representando 26 sociedades psicanalíticas de 17 línguas diferentes, aprovou em 2000 o que foi chamada *Nova Política Científica*. O objetivo era promover uma abordagem mais colaborativa e rigorosa nas discussões científicas dentro da psicanálise. A política científica proposta reconhecia a diversidade

dentro da psicanálise, mas também identificava a necessidade de clareza e de profundidade no entendimento das práticas clínicas (Tuckett, 2008).

A formação dos Working Parties visava envolver psicanalistas, de forma mais rigorosa, em tarefas científicas que aprofundassem o campo de investigação psicanalítica e, particularmente, examinar se “o estado atual de fragmentação teórica e clínica poderia ser mais criativo do que disruptivo, mais específico do que um vale tudo” (Tuckett, 2010, p. 15). A crítica de Tuckett era admitida por parte da comunidade psicanalítica e não deixou de alimentar as controvérsias historicamente existentes. Ao analisar as contribuições dos Working Parties em mais de 20 anos de existência, Giampieri-Deutsch (2024) relembra que a psicanálise sempre esteve envolvida em embates em torno de sua unidade e metodologia, em razão da pluralidade de modelos teóricos e clínicos, e persiste o enigma da multiplicidade das maneiras de pensar, trabalhar e pesquisar em psicanálise.

Destaco que o termo *grupo de trabalho*, tradução literal para Working Party, faz referência ao conceito de Bion (1961/1975) que descreve uma mentalidade de grupo ajustada à realidade e capaz de se organizar em funções, de forma cooperativa e com regras de procedimentos, para desenvolver uma tarefa comum. Nessa perspectiva, foram criados quatro Working Parties iniciais, com o objetivo de estudar questões teóricas, questões clínicas, educação e interface da psicanálise com universidades e outros profissionais. Na definição de Tuckett (2010),

O Grupo de Trabalho (WP) é um grupo de colegas oriundos de diversas tradições e de sociedades diferentes dispostos a se comprometer com o trabalho. A ideia é aproveitar as diferenças. Os Grupos de Trabalho (WP) desenvolvem objetivos e metodologias decididos de comum acordo – metodologias consideradas adequadas para o problema que o WP se propôs a debater. (p. 16)

Os quatro WP iniciaram seu trabalho como espaços de diálogo, reflexão e pesquisa psicanalítica. Analistas de diversos países, envolvidos no projeto, dedicaram-se a desenvolver metodologias específicas para investigar o que, de fato, um psicanalista faz no

seu trabalho clínico, como usa as teorias em sua prática, como transmite essa experiência na formação de analistas e como compartilha a psicanálise com outros campos de saber.

O WP sobre Questões Teóricas, presidido por Jorge Canestri (Itália/Argentina), dedicou-se a investigar o significado e o uso das teorias pré-conscientes, as teorias implícitas que os psicanalistas criam para seu trabalho. O WP desenvolveu um instrumento para mapear essas teorias privadas (pré-conscientes) na prática clínica. Segundo Canestri (2010, 2012), o uso das teorias oficiais (aquelas que encontramos na literatura psicanalítica) à prática clínica é sempre redutor. O analista constrói suas teorias implícitas e enriquece, assim, seu trabalho clínico com o que há de singular em cada dupla analítica.

O WP sobre Questões Clínicas foi liderado por Haydée Faimberg (Argentina/França) para investigar o que o analista efetivamente faz em sua prática clínica. O trabalho do grupo buscou compreender as diferentes maneiras de fazer psicanálise e identificar os pressupostos teóricos subjacentes a essas práticas. A tarefa dos analistas era buscar uma linguagem comum para pensar as diferenças e semelhanças no trabalho clínico de colegas, independentemente de suas correntes teóricas.

O trabalho conduzido por Faimberg teve vários desdobramentos para a pesquisa clínica em grupos de trabalho que se formaram em outras regiões, fundamentados no método Faimberg Escuta da escuta (Faimberg, 1981). Esse método de escuta da sessão analítica pode ser assim descrito: escuta-se a escuta que o paciente faz das interpretações ou do silêncio do analista e, nessa função, um novo significado é atribuído de maneira retroativa à interpretação, ou ao silêncio, podendo gerar mal-entendidos e abrindo caminhos para se conhecer verdades psíquicas (Faimberg, 2010).

O terceiro WP, sobre formação psicanalítica, depois nomeado WP da Educação, teve como *chair* Mary Target (Inglaterra) e promoveu o intercâmbio entre analistas de formação dos diferentes referenciais (modelos Eitingon, francês e uruguaio), explorando os critérios da formação e a natureza da supervisão. Organizou vários projetos importantes, entre eles a avaliação do fim de formação, que se tornou mais tarde o WP sobre Fim da formação analítica/A mente do supervisor.

O quarto dos WP originais, sobre Interface, foi liderado por Shmuel Erlich (Israel). O grupo realizou estudo empírico por toda a Europa para investigar a exposição e o envolvimento de psicanalistas em atividades com outras áreas (psicoterapia, universidade, arte e cultura, mídia e política). Desse primeiro estudo em 2003, os resultados mostraram maior ambivalência e ansiedade dos analistas entrevistados, em relação à psicoterapia e à academia (Giampieri-Deutsch, 2024). Mais tarde, a tarefa de estudar o que distingue a psicanálise de outras psicoterapias ficou a cargo do WP Especificidade do Tratamento Psicanalítico Hoje.

### **Desenvolvimento do método e controvérsias**

Levy et al. (2024) observam que os Working Parties colocaram em ação a iniciativa científica de dez anos lançada pela EPF na esteira do que Freud preconizou – a psicanálise deveria trabalhar passo a passo para ser reconhecida como disciplina científica. Um dos passos seria melhorar a comunicação entre os analistas sobre seu próprio trabalho clínico. Como este é de natureza subjetiva, essa comunicação envolve “compartilhar subjetividades” (p. 2) e busca melhor entender o objeto em estudo, a realidade inconsciente.

A experiência de um colega analista que apresentou material clínico em oficina de grupo, publicada por Levy et al. (2024), serve para ilustrar como os WP compartilhavam experiências e se mantêm entre a exploração científica e o diálogo intersubjetivo. O Dr. A, como foi chamado, viajou de um país distante para participar de workshop, conhecia as instruções, ainda assim ficou surpreso e intimidado ao entrar na sala e reconhecer dois analistas renomados e junto a eles outros colegas desconhecidos, incluindo jovens analistas como ele próprio. Todos estavam sentados muito à vontade na sala.

Enquanto apresentava seu material, Dr. A tinha a intenção de mostrar um bom trabalho numa análise difícil, mas notou que o grupo estava interessado em outros aspectos. O grupo presumiu que ele trabalhava analiticamente, mas queria entender “*como* ele trabalhava e *por que* trabalhava daquela maneira” (Levy et al., 2024, p. 4, grifo dos autores).

Os colegas estavam atentos às intervenções do analista, o que ele esperava alcançar e por que relatou daquela maneira.

O analista acreditava que suas interpretações no aqui-e-agora na transferência poderiam ajudar sua paciente paranoica a ver suas defesas contra experiências traumáticas, quando, surpreendentemente, um integrante da oficina percebeu um padrão no trabalho do Dr. A. Suas intervenções tinham uma lógica sequencial visando facilitar as associações da paciente e somente ao final fazia uma interpretação completa da transferência.

Curiosamente na parte final da sessão ele trabalhou de forma oposta e tornou-se evidente, para Dr. A. e para o grupo, que ele pensava que deveria trabalhar com cuidado com sua paciente para facilitar o retorno dela, antes de se separarem durante o dia.

O Dr. A. e os colegas do grupo analisaram novamente todas as sessões e encontraram sempre o mesmo padrão, que ele não havia percebido antes. Não havia uma teoria psicanalítica explícita que justificasse aquela forma de trabalhar. Estava em jogo algo inconsciente. Ficou então claro ao Dr. A. como ele se via induzido, na transferência paranoica da paciente, a ser especialmente cauteloso com ela, abrindo camadas para intervir no problema e depois costurando-as uma a uma ao sair. Desse modo ele poderia estar compartilhando a teoria paranoica da paciente sobre seu sofrimento, como algo perigoso a ser eliminado, em vez de integrado. O diálogo com os colegas ajudou Dr. A. a descobrir aspectos inconscientes de si.

Este exemplo oferece detalhes da metodologia empregada nos WP. É critério não supervisionar material de colegas ou dizer como o trabalho *deveria* ser feito. O trabalho do grupo é o de se ajudarem uns aos outros a explorar o campo psicanalítico e o psicanalista a compreender melhor o que faz. A tendência de grupos de discussão de material clínico se transformarem em supervisão sempre foi uma preocupação entre psicanalistas e a dificuldade de compreender o trabalho uns dos outros, nos diferentes modelos psicanalíticos, impulsionou a iniciativa científica da EPF (Levy et al., 2024).

A tarefa de investigação exigiu desses grupos a definição de procedimentos metodológicos muito claros que resultou num tripé com definição do desenvolvimento e

reconhecimento dos novos grupos de trabalho. De acordo com Levy et al. (2024), o tripé consistiu em oficinas clínicas com psicanalistas de orientações psicanalíticas diversas; um método definido; uma equipe para coordenar o processo e trabalhar nos resultados. Mais psicanalistas aderiram aos grupos clínicos da EPF. Como acontece com grupos humanos, as controvérsias e discordâncias vieram com o tempo e grupos se dividiram, outros se mantiveram ou deixaram de existir, e novos WP surgiram.

Divergências sobre método para as oficinas levaram à divisão do WP sobre Questões Clínicas em dois novos grupos em 2004: o Fórum sobre Questões Clínicas, hoje o Método Faimberg Escuta da escuta, e o WP Métodos Clínicos Comparados, organizado por David Tuckett e colaboradores, interessados em abordagem qualitativa baseada na Grounded Theory (Glaser & Strauss, 1967), a Teoria Fundamentada nos Dados, que parte da observação sistemática de fenômenos para formular conceitos teóricos.

Em reação aos métodos considerados extra-analíticos, que poderiam prejudicar o trabalho de associação livre, a psicanalista Evelyne Séchaud criou em 2006 o WP Especificidade do Tratamento Psicanalítico Hoje, com um método de investigação baseado exclusivamente em princípios analíticos. O WP da Educação criou os WP Término de formação/Mente do supervisor e Iniciação à Psicanálise.

Em 2010 surgiram na Europa os Grupos Clínicos Livres e em 2012 o WP sobre Psicossomática. O WP sobre Questões Teóricas encerrou as atividades com publicações significativas (Canestri, 2012). Em 2011, Ricardo Bernardi criou o Modelo dos Três Níveis, método qualitativo para rastrear mudanças em pacientes ao longo do tempo, desenvolvido por Marina Altmann de Litvan a partir do Comitê de Observação Clínica da IPA.

### **Expansão para a América Latina**

Em 2008 os Working Parties foram introduzidos na América do Norte, com a formação de novos grupos, e chegaram também em solo latino-americano. No Congresso da Federação Psicanalítica da América Latina (Fepal) de 2010 em Bogotá, psicanalistas brasileiros iniciaram três WP: Especificidade do Tratamento Psicanalítico Hoje, coordenado

por Ruggero Levy e Leopoldo Bleger; Escuta da escuta, coordenado por Haydée Faimberg e Cláudio Laks Eizirik; Métodos Clínicos Comparados, coordenado por José Carlos Calich.

Em 2009, Roosevelt Moisés Smeke Cassorla, da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP) e da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Campinas (SBPCamp), foi convidado por Faimberg a apresentar material clínico no WP Escuta da escuta no Congresso da IPA em Chicago. Cassorla voltou entusiasmado com o novo método de trabalho clínico e o adaptou para oferecê-lo em seminários clínicos do Instituto de Psicanálise da SBPSP.

Assim começou a experiência do que veio a se constituir uma nova modalidade de Working Party, exclusivamente brasileira, a Microscopia da Sessão Analítica. Em 2012 Cassorla levou a Microscopia para o Congresso da Fepal em São Paulo e contou desde então com a assistência da psicanalista Ana Clara Duarte Gavião, da SBPSP. O método foi sendo aperfeiçoado nos congressos seguintes da Fepal, da Federação Brasileira de Psicanálise (Febrapsi) e em sociedades psicanalíticas da América Latina, reunindo o interesse de analistas experientes e de jovens em formação psicanalítica.

### **Um terreno comum para a pesquisa psicanalítica?**

Uma nova maneira de fazer pesquisa em psicanálise foi se estruturando, aproximando-se da ideia de um campo argumentativo partilhado (Bernardi, 2002), para se compreender e lidar com as diferenças entre os vários modelos teóricos e clínicos. A ideia de um terreno comum na psicanálise continua sendo inconciliável com a natureza do trabalho psicanalítico, que é lidar com complexidades e as infindáveis dimensões do mundo psíquico.

Para Cláudio Eizirik (2025), coordenador desde 2004 do Working Party criado por Haydée Faimberg, o desenvolvimento de grupos “de inegável sucesso não levou a um *common ground*, mas a uma compartilhada curiosidade por trabalhar em conjunto psicanaliticamente sobre nossas diferenças” (p. 3). Eizirik presidiu a IPA de 2005 a 2009, em pleno florescimento dos WP na Europa. Ele observa que a inovação dos WP mudou para

sempre os congressos psicanalíticos no âmbito da IPA, pois passaram a atrair desde experientes colegas a analistas em formação para realizarem uma imersão na investigação clínica ao vivo. Muitos colegas afirmam frequentar os congressos psicanalíticos mais pela participação nos Working Parties oferecidos do que pela programação principal.

Em 2016, a IPA criou o Working Parties Committee (WPC) com a estratégia de construir pontes entre os vários grupos de trabalho e promover a comunicação entre os pares nas três regiões. O WPC, composto de representantes regionais, tinha como meta colaborar com as Federações Regionais para criar um espaço inter-regional de diálogo e intercâmbio científico entre os WP.

### **As metodologias dos Working Parties**

Os psicanalistas envolvidos com as propostas dos Working Parties trataram de pensar as metodologias apropriadas para os objetivos específicos de cada grupo. Abordagens distintas de pesquisa se estabeleceram de acordo com o objeto específico de estudo de cada WP. Algumas, como o Modelo dos Três Níveis, incluíram investigações qualitativas com entrevistas psicanaliticamente estruturadas e a observação de sessões ao longo do tempo para avaliar mudanças no processo analítico. Outros grupos, como os de Psicossomática e de Iniciação à Psicanálise, empregaram a pesquisa conceitual, que busca pensar sistematicamente as hipóteses psicanalíticas de trabalho e as metodologias empregadas em investigações.

O conceito de pesquisa-ação de Kurt Lewin (1946) foi utilizado pelo WP Especificidade para investigar os efeitos da transformação do trabalho psicanalítico em grupo sobre todos os participantes. Nessa modalidade, o investigador é também agente e passível de transformação. Uma via de observação para o analista envolve a compreensão que tem de suas próprias crenças e teorias, ou seja, como ele escuta e interpreta o que vê. Alguns grupos priorizaram esse vértice de investigação, como o Modelo Escuta da escuta, a Microscopia da Sessão Analítica, também o grupo Especificidade do Tratamento Psicanalítico Hoje.

Para essas modalidades, o uso que o analista faz das teorias em sua mente deveria ser investigado. As teorias explícitas, utilizadas pelo analista em seu trabalho, são apoiadas em suas próprias teorias implícitas (Sandler, 1983). Ou seja, as teorias implícitas, pré-conscientes e derivadas da experiência pessoal e clínica do analista, divergem das teorias oficiais (formalizadas na literatura psicanalítica) e exprimem a elasticidade dos conceitos psicanalíticos. As teorias implícitas operam no campo prático do analista.

O exemplo do Dr. A. mostra como o analista pode pensar que está utilizando uma teoria explícita em seu trabalho e, na verdade, pode estar influenciado por uma fantasia pessoal, sua teoria implícita. Esta é uma das razões, segundo Levy et al. (2024), pelas quais as metodologias de WP revelam ser úteis: Os colegas de diferentes orientações psicanalíticas podem se ajudar a perceber os preconceitos teóricos pessoais.

Embora alguns Working Parties optem por articular o método psicanalítico com procedimentos de investigação qualitativa ou conceitual, outros defendem o uso exclusivo de procedimentos derivados do método psicanalítico, como associação livre e atenção uniformemente suspensa. A dinâmica contratransferencial do grupo será objeto de investigação, por expressar a dinâmica inconsciente da dupla da sessão trabalhada e dos analistas que investigam o material. Para os WP que estudam sessões psicanalíticas, essa investigação é compreendida como uma forma de pesquisa clínica. A discussão metodológica se apoia não na teoria, mas nas experiências clínicas e nos efeitos das formas de trabalho.

Alguns aspectos metodológicos são comuns na maioria dos WP. Os procedimentos se assemelham quanto à duração de um workshop (de meio dia a um dia e meio) e número de participantes (entre 10 e 15). Os workshops trabalham com material clínico apresentado pelo analista que conduz a análise. Em geral, ele não fornece detalhe algum sobre o caso clínico, apenas relata a sessão. Alguns grupos trabalham com material de supervisão ou com entrevistas preliminares.

Cada WP tem dois ou mais coordenadores; alguns com observador acompanhando a evolução do trabalho. Os participantes recebem orientação sobre os procedimentos.

Outros WP realizam estudo detalhado do material clínico e dos procedimentos técnicos por uma equipe. As formas de observação do material levam a triangulações complexas da dupla analítica, objeto inicial de investigação. Há métodos de WP em que o objeto de pesquisa é a dinâmica inconsciente no próprio grupo, ou seja, no campo analítico do Working Party.

Sobre a questão de validação do método, algumas considerações são levantadas. Em psicanálise a verificação da validade das teses é interna ao método de tratamento e de pesquisa (Elia, 2023). Lembremos que o grande valor do método freudiano está em sua singularidade como método clínico e de pesquisa, e é nesse raciocínio que as abordagens de investigação dos WP buscaram critérios, apropriados ao campo psicanalítico, para determinar a confiabilidade e a validade das descobertas.

Levy et al. (2024, p. 26) descrevem os critérios adotados pelos WP para se ter conclusões significativas e confiáveis: (a) pertinência das questões investigadas e se podem ser respondidas por métodos adequados; (b) reexame contínuo dos métodos para avaliar se, de fato, abordam tais questões; (c) reaplicação dos procedimentos por diferentes investigadores e consistência nas descobertas; (d) consideração de explicações alternativas no exame das descobertas; (e) transparência na avaliação das descobertas relatadas, em relação aos dados fornecidos.

Com a observação desses critérios de validade e confiabilidade, os investigadores esperam garantir dados sólidos e replicáveis e conclusões úteis ao campo. Os autores afirmam que há a preocupação em confrontar os dados com outros pontos de vista, para evitar vieses e raciocínios circulares. O material investigado deve ser considerado por vários psicanalistas em vários níveis do processo do WP, para se chegar a um consenso sobre as observações. Necessário esclarecer que, em alguns modelos de WP, os critérios para validação atendem a condições de subjetividade do objeto de investigação.

Elia (2023) reitera que a eficácia da psicanálise está em “modificar uma posição subjetiva” (p. 256). No entanto, não se trata de um subjetivismo sem clareza e precisão: tanto a prática psicanalítica quanto a investigação teórico-clínica promovem constantes

deslocamentos das posições subjetivas, na medida em que se mantêm ancoradas nos princípios metodológicos que sustentam sua prática.

### **Os modelos atuais de Working Parties**

Os psicanalistas Ruggero Levy, Bernard Reith, Marie G. Rudden, Agustina Fernández, Nancy Kulish, Leopoldo Bleger e Inés Bayona Villegas, membros do Comitê dos Working Parties da IPA à época, reuniram trabalhos de coordenadores de WP de vários países numa coletânea. O livro *New tools for psychoanalysis: clinical investigation and psychoanalytic training in the Working Parties* (Routledge) foi publicado em 2024.

Os editores trazem uma discussão sobre a epistemologia da pesquisa em psicanálise, seguida da apresentação dos atuais WP em atividade, com seus históricos, metodologias e descobertas, depois de 15 a 20 anos de aplicação do método psicanalítico na pesquisa entre pares. O livro encerra com uma cuidadosa avaliação da psicanalista Patrizia Giampieri-Deutsch (Áustria) das contribuições do movimento dos WP à psicanálise.

Farei um breve resumo dos atuais Working Parties em atividade, com base na apresentação feita por seus coordenadores em capítulos próprios em Levy et al. (2024). Em seguida, farei uma apresentação detalhada do modelo da Microscopia da Sessão Analítica.

1. Término de formação/Mente do supervisor: descendente do WP da Educação da EPF, este WP trabalhou até 2014 na produção de um vasto material para contribuir com a melhoria da supervisão psicanalítica. Sua metodologia continua a ser empregada por grupos que investigam o processo de supervisão com foco na mente do supervisor, com destaque aos fenômenos contratransferenciais, as influências da instituição e relação entre pares.

2. Especificidade do Tratamento Psicanalítico Hoje: funcionando há 15 anos na América Latina e América do Norte, o WP centra sua atividade no uso da associação livre para investigar elementos específicos do processo analítico. O método explora as analogias entre a dinâmica grupal e o encontro entre paciente e analista, numa espécie de tecelagem de

pensamentos, e foca nos elementos transferenciais e nas trocas entre os analistas durante a discussão clínica. O livro *Spécificités du traitement psychanalytique: Naissance d'une méthode* (Éditions d'Ithaque), lançado em 2025, com prefácio de Cláudio Eizirik, apresenta as descobertas desse método, resultados e como o dispositivo demonstra sua validade.

3. Métodos Clínicos Comparados: sua metodologia baseia-se na comparação das abordagens de psicanalistas de distintas formações teóricas. Busca compreender as práticas e a maneira como eles trabalham psicanaliticamente. Uma pesquisa de 15 anos com mais de 100 casos clínicos internacionais explorou abordagens dos analistas às transferências e contratransferências eróticas. Outra pesquisa internacional organizada por Tuckett durante 20 anos tentou responder à questão sobre o que os psicanalistas realmente fazem quando estão praticando psicanálise. No livro *Knowing what psychoanalysts do and doing what psychoanalysts know* (Rowman & Littlefield), publicado em 2024, os autores relatam um método comparativo de discussão clínica, criado para psicanalistas expressarem o que faziam em seus consultórios e as razões pelas quais faziam.

4. Iniciação à Psicanálise: o método estuda as dinâmicas das entrevistas preliminares em psicanálise, como os analistas as praticam e como elas influenciam que um paciente entre em análise ou em uma psicoterapia psicanalítica. O grupo europeu constatou que a função do analista nas primeiras sessões consiste mais em tolerar emoções e trabalhar com o paciente a tempestade emocional presente. O grupo americano verificou que o método do WP atua como continente em expansão para elaborar a turbulência emocional das entrevistas iniciais.

5. Escuta da Escuta: O método de Haydée Faimberg desenvolveu-se em diversas sociedades e grupos psicanalíticos com a proposta de investigar como essas distintas culturas lidavam com o material clínico e questões teóricas. Evoluiu para uma abordagem destinada a discussão clínica. Propicia uma escuta sensível e cuidadosa das intervenções e

reações dos analistas durante a discussão clínica e uma reflexão aprofundada das dinâmicas e das suposições básicas (Bion, 1961/1975), como reações e preconceitos que surgem na prática psicanalítica. Os mal-entendidos na escuta são particularmente valorizados, pois ao serem identificados na escuta do analista e do grupo, é possível reconhecer uma polifonia de suposições básicas. O WP vem sendo aplicado há 15 anos no Brasil e América Latina por Cláudio Eizirik e Sérgio Lewkowicz, ambos da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.

6. Grupos Clínicos Livres: o psicanalista alemão Wolfgang Loch desenvolveu o método a partir de sua experiência com Michael Balint no final dos anos 50 em Londres. O grupo busca oferecer um espaço horizontal de reflexão da clínica. Tem-se o cuidado de não privilegiar intervenções de analistas mais antigos ou experientes em relação aos mais jovens. O nome Grupos Clínicos Livres enfatiza que o método não pertence a uma escola teórica específica de psicanálise, mas trabalha com as ideias gerais freudianas.

7. Psicossomática: nove psicanalistas de diferentes perspectivas teóricas se juntaram para desenvolver uma abordagem de engajamento clínico efetivo com pacientes psicossomáticos. Durante uma década, esse grupo aprofundou a compreensão das dinâmicas psicossomáticas, destacando a importância da continência emocional e a capacidade de tolerar diferenças teóricas e práticas. O método propõe identificar hipóteses teóricas implícitas no material clínico, permitindo avançar nas ideias sobre a condição psicossomática.

8. Modelo dos Três Níveis (3-LM): busca responder à necessidade de uma metodologia que registrasse mudanças em pacientes ocorridas ao longo do processo analítico. O WP utiliza sessões literais desde o início do tratamento e seleção de sessões em intervalos regulares para se observar a ocorrência de mudança ou não no paciente. A investigação é feita em três níveis: (a) a observação de indicadores de mudança no paciente; (b) a conceituação de

dificuldades e mudança; (c) a formulação de hipóteses sobre teorias subjacentes às intervenções do analista e exploração de intervenções alternativas.

### **O modelo da Microscopia da Sessão Analítica**

Finalmente, o Working Party Microscopia da Sessão Analítica ganha destaque especial nesta tese em razão de minha experiência pessoal como colaboradora de Roosevelt Cassorla desde 2015, nas atividades desse grupo realizadas em congressos da Febrapsi, Fepal e sociedades psicanalíticas brasileiras e latino-americanas. O modelo da Microscopia surgiu do trabalho de Cassorla para aprimorar uma técnica clínica voltada a estimular o desenvolvimento da capacidade analítica dos psicanalistas em formação.

Cassorla passou a aplicar um modelo próprio de Working Party em seminários clínicos no Instituto de Psicanálise da SBPSP, a partir de 2009. Auxiliado pela colega Ana Clara Gavião, Cassorla aprimorou o método no decorrer dos anos e ampliou seu potencial de investigação clínica, por meio do diálogo analítico criativo entre os psicanalistas do WP. Durante 16 anos, até sua morte em 2024, Cassorla realizou mais de uma centena de Microscopias, com um número crescente de colaboradoras. Como era o seu desejo, a Microscopia prossegue, agora coordenada por Ana Clara e sua equipe, na qual me incluo.

O termo microscopia é definido no dicionário Houaiss (2001) como um conjunto de técnicas que permitem a investigação científica por meio do microscópio. Freud (1900/2019) usou a imagem do microscópio como metáfora do aparelho psíquico sendo um instrumento de observação e investigação acurada dos processos anímicos. Gavião (2024) relembra esta e outras metáforas tecnológicas usadas por Freud (como o telescópio e a máquina fotográfica) para representar a percepção das experiências emocionais do vivido, por imagens visuais ou por outros órgãos sensoriais, que retornam à consciência carregadas de afetos em busca de simbolização. Os sonhos são uma trilha privilegiada para esse percurso rumo à simbolização.

Gavião (2024) mira nessa trilha quando chama a atenção para a função psicanalítica, que será estimulada no trabalho do WP em termos de experiência grupal. Observa que a

função psicanalítica “pressupõe a apreensão de elementos estéticos com significações emocionais que a princípio não são representadas por palavras, mas sim de forma pictográfica, condensada, simbólica, como nos sonhos e nos sintomas” (p. 2).

No campo analítico, os elementos estéticos aparecem como fragmentos sensíveis (imagem, sensação, tom, gesto, atmosfera afetiva) da experiência e carregam significado emocional, em forma bruta, antes de serem traduzidos em palavras. Funcionam como matéria-prima para o que dá sentido à experiência. As ideias sobre a experiência estética no encontro analítico, desenvolvidas no capítulo 3, se apoiam em autores de inspiração bioniana, com destaque aos trabalhos de Meltzer (1983), Meltzer e Williams (1988/1994), Chuster et al. (2003), Chuster (2023, 2024), Civitarese (2017b) e Levy (2017, 2019).

A Microscopia da Sessão Analítica considera a dimensão estética do campo e vai funcionar como uma lente de aumento para observar minuciosamente as situações vivenciadas em grupo, incluindo elementos estéticos com significações emocionais. Nesse sentido, a Microscopia valoriza o surgimento desses fatos no campo grupal e propõe aos participantes um exercício rico de construções estéticas, para desenvolver a capacidade para investigação clínica, considerando quatro pilares do método: sonhar, interpretar, validar e teorizar (Cassorla, Gavião & Carneiro, 2024).

O sonhar tem um lugar central no trabalho clínico do grupo da Microscopia. Esse sonhar, no sentido apresentado por Bion (1962/2021, 1992/2000), está na base das experiências emocionais vividas na clínica. Como disse Bion, trata-se de uma atividade contínua da mente, ocorrendo 24 horas por dia, do mesmo modo que outras funções biológicas – como metabolizar, respirar, digerir. O sonhar inconsciente constante distingue-se do sonho noturno e do sonho diurno (ou devaneio), mas seu conteúdo se manifesta por meios desses (Cassorla, 2016).

Para Bion (1992/2000), o sonho é a maneira pela qual a mente trabalha quando está acordada. É um processo de digestão da verdade, das experiências emocionais que precisam ser metabolizadas e transformadas, como um alimento indispensável ao crescimento mental. Bion acrescenta esta ideia ao que Freud (1900/2019, 1933/2010g)

descreveu sobre o trabalho do sonho – o processo pelo qual os pensamentos oníricos latentes são convertidos em imagens sensoriais, cenas visuais, e transformam-se em sonho manifesto. Na leitura de Bion (1992/2000), Freud quis dizer que o trabalho onírico, ao transformar pensamentos inconscientes em sonho, precisava ser desfeito para fazer com que o sonho se tornasse compreensível. Diferindo de Freud sobre o papel do trabalho do sonho, Bion diz:

O que *eu* entendo é que o material consciente tem que ser submetido ao trabalho onírico para tornar-se adequado ao armazenamento e à seleção; portanto passível de sofrer transformação da posição esquizoparanoide para a posição depressiva<sup>1</sup>; o material pré-verbal inconsciente tem que ser submetido ao trabalho onírico recíproco para o mesmo objetivo. (Bion, 1992/2000, p. 56, grifo do autor)

Aí entra a função-alfa, originalmente designada como trabalho de sonho alfa, mas Bion mudou o nome para evitar ser confundido com o trabalho de sonho descrito por Freud. Bion (1962/2021) nomeou função-alfa a capacidade da mente de transformar impressões sensoriais e emoções brutas (os elementos-beta) em elementos-alfa, material pensável e representável, passível de ser sonhado. Sob a atividade da função-alfa, elementos sem significado mental ganham sentido, tornam-se elementos simbólicos, que se conectam e formam uma rede de pensamento simbólico em constante transformação (Cassorla, 2012).

A função-alfa é necessária para a formação dos sonhos. Por meio dela, sonha-se todo o tempo, numa alternância entre estados de consciência e de inconsciência. A experiência emocional, tomada como o núcleo do sonho (Bion, 1992/2000), será sempre passível de elaboração pela função-alfa, quer ocorra durante o sono, quer ocorra durante a vigília. Assim, os dados sensoriais da experiência emocional são transformados pela função-

---

<sup>1</sup> Introduzidos por Melanie Klein (1946/1991), os conceitos de posição esquizoparanoide (PS) e depressiva (D) foram ampliados por Bion, ao estabelecer uma relação com sua teoria do pensamento e propor um movimento dinâmico entre PS e D. Uma nuvem de elementos-beta capazes de se reunir formam PS para alcançar D, e esta pode se fragmentar e dispersar para converter-se em PS (Bion, 1963/2004a).

alfa em pensamentos oníricos, que servem ao pensamento inconsciente de vigília, e em pensamentos conscientes que servem ao senso comum.

A função-alfa transforma impressões sensoriais em elementos-alfa que se assemelham e, de fato, podem ser idênticos às imagens visuais com as quais estamos familiarizados nos sonhos, a saber, os elementos que Freud considera que produzem seu conteúdo latente quando o analista os interpreta. (Bion, 1962/2021, p. 32-33)

No modelo de sonho proposto por Bion, os sonhos podem ocorrer entre um paciente e um analista ou entre componentes de um grupo em trabalho clínico. Como no processo analítico que ocorre no campo formado pela díade analítica (Baranger & Baranger, 1961-62/2008), no processo grupal há um desencadear de sonhos que são sonhados pelos membros do grupo. A Microscopia constitui, assim, um *campo de sonhos* (Cassorla, 2016, 2017). Seu modelo baseia-se no pressuposto de que, por meio da observação das vicissitudes do sonhar, pode-se avaliar o desenvolvimento da capacidade de aprender com a experiência clínica.

No campo grupal, as experiências emocionais que ali ocorrem buscam transformação em imagens, como ocorre nos sonhos de vigília. Essas imagens se conectam a palavras, outras imagens, novas palavras, e assim por diante, surgindo sonhos simbolizados por palavras, bem como *não-sonhos*, ou seja, fatos em busca de simbolização que figuram como emoções, descargas, atos e outras formas de não-pensamento (Cassorla, 2005b; Cassorla et al., 2016).

### **As teorias do campo**

Frente à variedade de teorias do campo analítico que se desenvolveram a partir da década de 1960 e penetraram a psicanálise contemporânea, é justificável uma breve exposição das ideias de teóricos do campo e de como elas foram influenciadas pelas teorias psicanalíticas, para delimitar o terreno no qual nos situamos neste trabalho, o campo do sonhar (Cassorla, 2016).

Em todas essas proposições, o conceito de campo analítico enfatiza a natureza intersubjetiva da situação analítica. Assumem que analisando e analista constituem um campo compartilhado, no qual fenômenos clínicos são coconstruídos. Os fatos ocorridos no campo se manifestam simultaneamente. Nada ocorre em qualquer aspecto do campo que não interfira nos demais aspectos.

Maldonado (2022) observa que, citada ou não como tal, a ideia do campo psicanalítico frequenta atualmente o pensamento de muitos psicanalistas de diferentes latitudes. As teorias do campo têm sido reunidas em três grandes grupos, influenciados pela teoria de campo de Madeleine Baranger e Willy Baranger, nascida na América do Sul, pelas teorias italianas do campo pós-bioniano e pela psicanálise relacional norte-americana. Essas perspectivas, suas linhas de convergência e direções futuras são estudadas no âmbito da International Field Theory Association, fundada em 2015 para promover uma compreensão e desenvolvimento dos distintos modelos, num trabalho de colaboração entre seus representantes.

A noção de campo analítico foi introduzida por Baranger e Baranger (1961-1962/2008), derivada dos princípios da Gestalt e das ideias de Merleau-Ponty, para alcançar os fenômenos clínicos na relação entre analista e analisando. Influenciados pelas contribuições originais de Heinrich Racker e Paula Heimann sobre contratransferência e por outros analistas argentinos que nos anos 1950 investigavam os eventos bipessoais, Baranger e Baranger formularam a teoria do campo dinâmico como unidade indissociável analista-analisando. O campo criado na situação analítica envolve duas pessoas que permanecem inevitavelmente conectadas e complementares, enquanto esta situação durar, implicadas num processo dinâmico singular.

Posteriormente Baranger e Baranger inseriram a noção de intersubjetividade à sua teoria, sustentando o aspecto essencialmente dinâmico do campo. Faz parte do campo uma fantasia inconsciente compartilhada que dá estrutura narrativa ao que se desenvolve na análise. Disso decorrem situações como a repetição de certos padrões emocionais ou o enredamento de analista e analisando em um mesmo cenário inconsciente. A cumplicidade

inconsciente entre os dois, em um setor do campo, pode levar à formação de baluarte (Baranger, Baranger & Mom, 1982), uma estrutura imobilizada que dificulta ou paralisa o processo analítico. Baluartes são conceituados aqui como defesas inconscientes que surgem das fantasias compartilhadas da dupla.

Os teóricos do campo pós-bioniano trouxeram importantes inovações à teoria de campo em psicanálise, inspirados no modelo de mente proposto por Bion e sua teoria do pensar, que abrange conceitos como função-alfa, sonhar acordado, o sonhar do analista e a construção de sentido por meio de transformações da experiência emocional. No âmbito da teoria do campo pós-bioniano, Paixão (2025) afirma que Antonino Ferro foi pioneiro na conciliação das ideias de Baranger e Baranger com as de Bion, e criou um modelo no qual foi acompanhado por autores como Basile, Civitarese, Rocha Barros e Rocha Barros, Cassorla e outros.

Ferro concebe o campo analítico essencialmente como campo onírico e enfatiza seu caráter de processo narrativo e mítico em constante transformação. Descreve o campo analítico como o lócus de um número infinito de outros fenômenos, em sua maioria desconhecidos, e habitado por inúmeras presenças reais e virtuais no processo de integração. Nesse universo que renasce a cada sessão, os personagens refletem as operações mentais de analista e analisando, suas protoemoções e emoções. Surgem como hologramas do funcionamento mental de ambos e podem incluir elementos clivados ou ainda não acessíveis ao pensamento<sup>2</sup> (Ferro & Basile, 2013, p. 13).

Nessa concepção, o campo analítico cria narrativas compartilhadas: emergem histórias inconscientes em que eventos do passado, figuras da vida do analisando e estados emocionais atuais aparecem personificados como personagens nesse palco intersubjetivo e

---

<sup>2</sup> No pensamento de Ferro, protoemoções são estados afetivos primordiais ainda não simbolizados, não acessíveis ao pensamento. Correspondem à experiência emocional em seu início essencial, análogo aos elementos-beta de Bion, e se manifestam como tonalidades de presença, mudanças microafetivas no ambiente, pressões corporais etc. (Ferro, 1998). Já o holograma é uma configuração complexa e tridimensional do campo analítico. Um sonho, um equívoco, uma associação ou um gesto do analista podem operar como hologramas do campo analítico (Ferro & Civitarese, 2018).

a função do campo é providenciar um teatro onírico no qual conteúdos profundos podem aparecer e ser transformados pela coparticipação do analista.

Civitarese compartilha com Ferro a visão de campo essencialmente onírico e acrescenta formulações como as transformações em alucinação (Bion, 1970/2006), relacionando-as a erros de percepção do analista. Mal-entendidos, lapsos e erros, como tudo que ocorre entre analista e analisando, são partes de um sonho compartilhado gerado pelo campo. São entendidos como um sonho cocriado pela dupla, uma espécie de poesia da mente que serve para dar sentido pessoal a uma experiência. Esse sonho transmite, de forma cifrada, a verdade emocional do campo no momento da sessão (Civitarese, 2017a).

Na abordagem Ferro-Civitarese, interpretar diretamente o conteúdo latente que surge no campo pouco adianta. Em vez disso, é preciso primeiro sonhar junto algo para depois interpretar. Primeiro constrói-se a imagem, depois vem o significado. Os teóricos do campo pós-bioniano radicalizaram a ideia de que o analista deve abandonar o modelo de verdade histórica oculta e se engajar na narrativa imaginativa conjunta. Dessas premissas vem uma ferramenta técnica básica recomendada por Ferro e Civitarese: escutar tudo o que ocorre na sessão como se fosse cenas e personagens de um sonho, de modo a se desprender da realidade factual e manter contato com a experiência emocional.

Uma terceira vertente do campo analítico, estabelecida na América do Norte, é apresentada por Katz (2017) em quatro vértices diferentes das teorias de campo desenvolvidas. O vértice interpessoal de Harry Stack Sullivan, desenvolvido por Edgar Levenson e Donnel Stern, enfatiza a narrativa sobre a verdade objetiva e entende a mente como um fenômeno conjunto. A análise intersubjetiva envolve trabalhos de Atwood e Stolorow, baseada na Psicologia do Self de Kohut. A teoria dos sistemas motivacionais de Lichtenberg, Lachmann e Fosshage destaca a experiência intrapsíquica num contexto intersubjetivo. E a teoria relacional de Jay Greenberg e Stephen Mitchell, na perspectiva de Fairbairn e das relações objetais, descreve o campo relacional como uma matriz interativa exclusiva do par analítico.

No Brasil, Fábio Herrmann apostou numa leitura epistemológica singular da psicanálise que o levou a reconceituar o método e desenvolveu uma concepção original de campo, à qual nomeou Teoria dos Campos. Bem distinta das tradições de Bion e de Baranger e Baranger, sua noção de campo reinterpreta o inconsciente freudiano como um campo de sentidos, estende o conceito de clínica e compreende o ser humano como produto de campos culturais. Na análise, paciente e analista se movem numa construção intersubjetiva e ficcional que emerge no discurso analítico. Herrmann relativiza o estatuto especial do sonho e argumenta que a lógica inconsciente se manifesta em qualquer narrativa, em um sintoma ou em uma simples conversa.

O campo concebido por Herrmann (2004a) é definido a partir das rupturas de campo, isto é, o campo transferencial no qual a análise acontece e todas as formações psíquicas valem apenas se puderem ser rompidas pela interpretação. Para a Teoria dos Campos, uma interpretação é um “ato falho a dois” (p. 19) que move a análise, uma “interposição de sentido que faz com que o próprio paciente se denuncie e escute sua denúncia precoce” (p. 18). Sucessivas vezes, a estrutura do campo se desorganiza e irrompe um novo campo.

Mas foi com o fio teórico de Bion e de Baranger e Baranger que muitos outros autores brasileiros teceram suas ideias na perspectiva do campo analítico, entre eles Roosevelt Cassorla, um dos principais teóricos do campo em solo brasileiro. Conceitos de Cassorla (2005b, 2012, 2017) surgidos de suas observações do campo, como *enactment* crônico, *enactment* agudo e não-sonho-a-dois, ganharam destaque internacional na psicanálise contemporânea.

Cassorla formulou suas ideias integrando a teoria do pensamento de Bion (1962/2022) e seus desdobramentos realizados por Meltzer, Grotstein, Ferro, Ogden, Civitarese e Sandler, os trabalhos de Baranger e Baranger e a literatura psicanalítica italiana apresentada por Ferro. Nessa seara fértil de produções teórico-clínicas, entre outros autores, eu me situo para desenvolver esta pesquisa, tendo como fio condutor o modelo do

campo do sonhar, concebido por Cassorla (2016, 2017)<sup>3</sup> e vivenciado por mim nas participações da Microscopia da Sessão Analítica as quais tive a oportunidade de acompanhá-lo.

O campo do sonhar é definido por Cassorla (2015) como uma complexidade dinâmica e intersubjetiva, constituída pela dupla analítica e cuja função é proporcionar significado a experiências emocionais que ali ocorrem. Isto se dá por meio do processo onírico, que implica “um trabalho de elaboração de experiências emocionais que buscam expressão através de imagens, isto é, figurabilidade” (p. 5). O campo é gerador e produto de cocriação psíquica, uma matriz de rêveries (devaneios), de sonhar e de pensamento, onde se produzem fatos clínicos e transformações psíquicas que sustentam o processo analítico.

Nesse espaço/tempo em que analista e analisando se influenciam mutuamente, tudo o que ocorre com um repercute emocionalmente no outro. Sonhar o sonho desperto na sessão é transformar experiências emocionais brutas em imagens e pensamentos, em um processo contínuo de simbolização. O campo torna possível essa elaboração, funcionando como um espaço de continência e de criação compartilhada de sentido. Também é o cenário de turbulências emocionais quando não é possível sonhar. No campo o observador influencia os fatos observados. O analista participa ativamente como parte do campo: suas rêveries, fantasias, intuições e afetos são instrumentos de investigação e vias de acesso à realidade psíquica conjunta.

Rêverie, no sentido empregado ao trabalho do analista na sessão, relaciona-se com devaneios, sonhos, fantasias, imagens visuais ou não, percepções e sentimentos imaginados que surgem na mente do analista e podem ser trabalhados pela dupla analítica como sonhos-a-dois (Cassorla, 2015). Os sonhos-a-dois ocorrem no campo analítico em áreas de possível simbolização, em que paciente e analista sonham (sonho desperto na sessão), cada um a seu modo, mas constituindo um trabalho onírico em dupla, configurando

---

<sup>3</sup> O modelo do campo do sonhar foi apresentado por Cassorla em reunião da International Field Theory Association em 2015 em Boston. Seu texto foi publicado em Katz, Cassorla & Civitarese (2017). Uma versão ampliada do texto foi publicada em 2016 na Revista de Psicanálise da SPPA.

uma triangularidade (p. xviii). Os conceitos de *rêverie* e *sonho-a-dois* serão desenvolvidos nos capítulos 2 e 3.

Segundo Cassorla (2016), é o analista, a partir de seus vértices de observação, quem *cria* o campo. Um vértice de observação para as funções do campo é a capacidade de transformar e ampliar a rede simbólica do pensamento:

A transformação dessa rede se manifesta no aumento da capacidade do analisando de atribuir significado a suas experiências, isto é, de pensar os fatos conscientes e inconscientes de sua vida. Dessa forma se desenvolvem recursos mentais que permitem ao analisando lidar com a realidade transformando-a para benefício de si mesmo e, eventualmente, da humanidade (p. 450).

O campo do sonhar, criado e sustentado pelo analista, possibilita a emergência de novos sentidos e recursos mentais que favorecem a vida psíquica e suas transformações. O sonhar na sessão suscita imagens, pensamentos, novas emoções que o analista poderá usar com seu paciente para criarem narrativas compartilhadas que deem sentido à existência.

### **O campo da Microscopia**

Função, fator e fato são termos que se apresentaram no início desta pesquisa à procura de uma aproximação do que caracteriza o campo analítico e o que diferencia o campo do sonhar de outros tipos possíveis. No contexto de minhas explorações, fato clínico corresponde a tudo o que ocorre na relação analítica ou entre membros de um grupo de trabalho clínico. Sonhos, fantasias, narrativas, *rêveries*, movimentos transferenciais são fatos produzidos no campo analítico. Uma investigação conceitual sobre a especificidade dos fatos em psicanálise será desenvolvida no capítulo dois, a partir das ideias de Paul Ricoeur.

Encontramos em Bion (1962/2021) uma definição para o significado e o uso que ele atribui aos termos função e fator, que nos ajuda a delinear aspectos a serem observados no campo. Nas palavras de Bion,

“Função” é o nome para a atividade mental própria a alguns fatores operando em consórcio. “Fator” é o nome de uma atividade mental operando em consórcio com outras atividades mentais para constituir uma função. Deduzem-se os fatores a partir da observação das funções de que eles são uma parte, em consórcio uns com os outros (p. 24).

Como fatores do campo entendemos os elementos constitutivos que definem seu funcionamento e qualidade, as condições que tornam possíveis as funções do campo. Função é a própria tarefa mental, o trabalho de mentes que estão a constituir o campo permanentemente. No percurso de uma análise, diferentes fatores e funções do campo podem ser observados pelo analista. Os fatores que determinam o funcionamento do campo instalado na díade analítica são equivalentes àqueles para o conjunto de membros do Working Party.

Cassorla (2016) destaca alguns fenômenos (fatores) que podem ser observados no campo do sonhar, como a qualidade dos vínculos entre analista e analisando ou entre os membros do WP; a qualidade das experiências emocionais advindas desses vínculos; a capacidade de rêverie do analista (Bion, 1962/2021), e outros fatores que tornam possível a função do campo de transformar e ampliar a rede simbólica de pensamento. Esses fenômenos são sempre transitórios, em constante mudança.

O funcionamento do campo do Working Party é análogo ao funcionamento de uma mente, como expõem Cassorla et al. (2024):

O modelo de mente adotado implica possibilidades imprevisíveis de conexão entre aspectos com graus variados de simbolização e não simbolização. Envolve também ataques tanto às possibilidades de conexão quanto às conexões já estabelecidas. Os fatos simbólicos e não-simbólicos incluem aspectos afetivos que os envolvem e estão rodeados por eles. Neste modelo a mente é o resultado de fertilização de outras mentes, que por sua vez são fertilizadas por ela. (p. 161)

O campo é, portanto, produto da totalidade do grupo. Qualquer que seja a intervenção feita por um membro, é entendida como emergente do campo. O método da

Microscopia da Sessão Analítica é aplicado valendo-se dos quatro eixos citados anteriormente – sonhar, interpretar, validar, teorizar. Do vértice de observação proposto para a Microscopia, investiga-se o campo de sonhos que se instala no grupo. O processo é estimulado por material clínico que cria reverberações emocionais no campo. Essas vão se transformando em sonhos grupais e novas formas de pensar. O grupo propõe e discute intervenções clínicas, as teorias implícitas e a validação dos movimentos da dupla analítica e os vivenciados pelos membros do grupo.

No trabalho com o analisando, o analista constrói a interpretação numa mescla de aspectos intuídos e pensados por ele, em dimensão consciente e inconsciente. A interpretação inclui sonhos que estão sendo sonhados e não-sonhos à espera de quem possa sonhá-los. No campo do WP, do mesmo modo, ocorre uma negociação consciente e inconsciente entre os aspectos intuídos na interação entre os membros do WP e outros produtos do campo (Cassorla, Gavião & Carneiro, 2021).

As intervenções e interpretações do analista são influenciadas por teorias, e interessa à investigação clínica do campo do WP particularmente as teorias implícitas, ideias próprias que o analista usa, consciente e inconscientemente, que o leva a fazer uma interpretação. Importa identificar as teorias implícitas do analista, uma vez que elas determinam as intervenções escolhidas e, desse modo, influenciam o trabalho analítico.

A comparação das intervenções do analista, presentes no material clínico, com as intervenções propostas pelo grupo do WP e a dinâmica da mudança psíquica, ou sua ausência, expõem as convergências e divergências entre o campo analítico e o campo do WP. Essa avaliação ocorre em vários momentos do exercício e depois, num *segundo olhar* para a experiência vivida no WP. Constitui o processo de validação do trabalho clínico e o analista pode examinar se seu trabalho é criativo e útil para seus pacientes (Cassorla, 2012).

Essas duas etapas de validação realizadas no WP, a microvalidação e a macrovalidação, são uma proposta de lidar com variáveis específicas e próprias da

investigação em psicanálise, as quais não se repetem exatamente da mesma maneira, além de estarem em transformação constante. Segundo Cassorla et al. (2024):

Definimos a microvalidação como uma avaliação do que acontece durante os movimentos de uma sessão (ou durante os movimentos do Working Party). Neste modelo, tal avaliação ocorre pela observação do surgimento (ou falta dele) de ideias, afetos, memórias e associações no campo. Tais fatores nos dizem se a rede simbólica do pensamento está se ampliando e se sonhos-a-dois estão operantes. (pp. 168-169)

A macrovalidação (Cassorla, 2012) refere-se à observação do que acontece durante um segundo momento fora da sessão do paciente, seja quando o analista escreve sua experiência, seja em discussão com colegas e encontros científicos. Esse exercício é reproduzido no grupo do WP, quando, algumas semanas depois, relatam percepções do seu trabalho analítico que possam ter sido influenciadas pelo WP.

Gavião (2024) observa que a metodologia da Microscopia da Sessão Analítica “tem se mostrado útil para estimular um estado de mente grupal flutuante, sonhante, ressonhante, em rêverie e, analogamente ao microscópio, funciona como uma espécie de *zoom*, uma percepção aprofundada do campo analítico” (p. 6). A autora relata que a experiência vivenciada em vários anos de prática da Microscopia mostra como a apreensão de elementos simbólicos implícitos na relação da dupla analítica acontece no grupo, ao antecipar e verbalizar conteúdos do material clínico que só são revelados ao final do exercício pelo analista que apresentou a sessão. Tais fatos clínicos surgem da experiência emocional compartilhada, o que reafirma os objetivos da Microscopia.

A Microscopia tem como principal objetivo desenvolver a capacidade de trabalhar e pensar na clínica psicanalítica. Entre os objetivos específicos, são listados por Cassorla et al. (2024): desenvolver a capacidade intuitiva dos participantes e a capacidade de pensar os fenômenos vivenciados; desenvolver a capacidade de construir interpretações; identificar e compreender as teorias implícitas e explícitas que influenciam o trabalho analítico; desenvolver a capacidade de validação do trabalho clínico e da investigação clínica.

A metodologia da Microscopia envolve o estudo minucioso de material clínico apresentado por um membro do grupo. Cada WP é composto por um número mínimo de 15 e máximo de 25 psicanalistas treinados e psicanalistas em formação. A atividade é realizada em dois ou três turnos, totalizando de 8 a 12 horas. O coordenador e a equipe de coordenação têm funções definidas entre si.

Os procedimentos metodológicos estão descritos em Cassorla et al. (2016) e Cassorla, Gavião e Carneiro (2021, 2024) e são reproduzidos a seguir:

- i. Um analista membro do grupo apresenta parte de uma sessão clínica, a qual é interrompida em determinado momento antes de ser conhecida a intervenção do analista.
- ii. O grupo é convidado a sonhar (entregar-se a pensamentos, devaneios, imagens etc.) o material clínico até aquele ponto e discutir livremente.
- iii. Fatos selecionados (Bion, 1963/2004a) emergem no grupo e serão base para intervenções hipotéticas.
- iv. O grupo é convidado a fazer intervenções/interpretações hipotéticas.
- v. O grupo busca identificar as teorias implícitas que determinaram as intervenções propostas.
- vi. O apresentador faz então a leitura da intervenção do analista e o trecho seguinte do material clínico. O grupo discute possíveis teorias implícitas que determinaram a intervenção do analista.
- vii. O grupo compara a intervenção do analista com as intervenções hipotéticas propostas pelo grupo e a dinâmica da mudança psíquica (ou a falta dela) nos dois campos de observação, da sessão analítica e do WP.
- viii. Discutem-se fatos relacionados à validação do trabalho clínico.
- ix. Outra parte da sessão é apresentada. Repetem-se os passos da investigação, que podem ter alguma variação de acordo com os movimentos do grupo.
- x. Durante o trabalho, o grupo é estimulado a observar e discutir a dinâmica grupal.

- xi. O analista apresentador toma a palavra ao final e discute o material clínico e suas impressões do trabalho grupal. Este é o único momento em que o analista comenta o material e suas vivências com seu analisando, no setting.
- xii. O grupo faz uma avaliação do trabalho realizado. Algumas semanas depois, os membros respondem por escrito questões propostas pelos coordenadores.

### **Um recorte do trabalho do WP**

A diversidade e riqueza de sonhos e material associativo produzidos em uma reunião de Microscopia podem ser apreendidas pelas características desse exercício: em média 20 psicanalistas de diferentes gerações e linhagens teóricas, reunidos com o propósito comum de vivenciar um material clínico, durante um dia inteiro, às vezes com o intervalo de uma noite quando podem acontecer sonhos noturnos, que são relatados no dia seguinte, na sequência do exercício. Essa rede de pensamentos que vai se formando com os sonhos sonhados em grupo é extensa e tende ao infinito, mas para efeito de investigação clínica os fatos selecionados que surgem na discussão são trabalhados no fio conduzido pelos coordenadores da atividade.

Os coordenadores do WP estão conscientes de que podem ocorrer situações de uma aparente ampliação da capacidade de pensar, que Cassorla (2017) nomeou de falsos sonhos. Essas situações ocultam áreas que ainda não podem ser sonhadas pelo grupo, muitas vezes reproduzindo a impossibilidade de sonhar da dupla analítica. Esses fatos podem ser identificados durante o trabalho grupal, ou em momento posterior.

Para ilustrar a dinâmica do grupo da Microscopia, transcrevo a seguir excertos de um WP realizado com 15 membros de diferentes sociedades e analistas em formação. Um registro desse WP, extraído de gravação e de notas feitas pelos coordenadores enquanto escutavam, foi apresentado em Cassorla, Gavião & Carneiro (2024). O material foi reduzido e modificado em seus detalhes, para preservar o sigilo, mantendo a estrutura do que ocorreu na sessão analítica e a experiência vivenciada pelo grupo do WP. Como diz Ogden

(2010), a experiência analítica deve ser transformada em ficção para que a verdade da experiência seja transmitida ao leitor (p. 140).

*Primeiro momento: sonhar*

O analista relata uma sessão ocorrida no início da manhã de uma segunda-feira. Abre a porta do consultório e encontra seu paciente colado à porta, abraçando uma pasta de trabalho e chorando. Ele entra e permanece de pé. O analista, mobilizado com a cena, oferece-lhe o divã. Ele se deita de bruços e assim permanece, até que se vira e diz: “Bom dia. Lamento me apresentar dessa forma. Não posso ser assim com ninguém, nem com você.” Diz que quase desistiu de ir, mas precisava de ajuda e comenta que não há como viver uma vida feliz “sendo quem é”, e isto não é possível “consertar”.

A leitura é interrompida. O coordenador convida o grupo a expressar as experiências emocionais, comunicar as fantasias, sonhos acordados. O grupo trabalha durante meia hora, a primeira manifestação descreve a sensação de desamparo, desespero, “coisas emocionais” e o grupo associa imagens visuais a essas “coisas”. Uma figura à beira de um precipício em busca de um anteparo para não cair é associada a um abraço, representado pela pasta que o paciente segura. Associações centradas na identificação do grupo com o analista, visto como a borda protetora, manifestam o desespero de “não poder fazer nada, não ter como consertar”.

Um sentimento de estranhamento associado a aversão domina o grupo, que tenta dar sentido a essas emoções. Desânimo e aversão são associados à ideia de recuo e sentimentos de confusão e alienação. Observa-se então que o desejo de ajudar vem junto a uma aversão a ameaças e manipulações. Uma fala do paciente, “jogar-se da janela do quinto andar”, inclui tanto desespero quanto engano. O grupo supõe que algo enganoso está surgindo, junto à pressão de “agarrar a mão de alguém que está se afogando”. Se não ocorre o salvamento, a culpa será terrível.

O grupo evoca letras de músicas, obras de literatura e ditados populares para ajudar a nomear a mistura de sentimentos presentes no campo: esperança, desconfiança,

manipulação, chantagem. Em meio a piadas que abrandam o clima grupal, permanece a percepção de sentimentos contraditórios. A imagem de um executivo de terno e gravata como uma armadura, carregando uma pasta com fundo falso que se desfaz ao ser aberta, sugere que falta ao paciente uma espinha dorsal e o divã tivesse que substituí-la.

A certa altura a discussão é interrompida e os investigadores comentam a dinâmica do grupo. É evidente a evolução do grupo em sonhar fenômenos do campo. O grupo funciona como uma mente interligando sonhos e pensamentos, ampliando a rede simbólica do pensamento, e pode alterar seus vértices de observação, procurando integrar as várias experiências. A sequência da sessão demonstrará se há compatibilidade das hipóteses que começam a surgir no grupo.

Segue a leitura da sessão. O analista investiga, perguntando ao paciente o que precisa ser consertado e o que parece irreparável. “Gostaria de estar contente comigo mesmo... por que penso tanto na existência, e quanto mais penso mais me pergunto, o que está acontecendo?” O paciente interrompe a fala abruptamente. “Não gosto do divã, posso me sentar na cadeira?” Espera a reação do analista, que sugere que ele se posicione onde preferir. Os coordenadores do WP passam para a próxima etapa, em que interpretações hipotéticas serão imaginadas.

#### *Segundo momento: interpretar*

O coordenador pede ao grupo que imagine o que diria ao paciente nesse momento. Após um silêncio, começam a surgir as intervenções hipotéticas. A: “Eu diria: Pensar não substitui a experiência do contato com o outro.” B: “Eu falaria sobre trocar de cadeira e sobre o que ele está procurando, que não consegue encontrar um lugar onde se sinta confortável. Não sei...” O coordenador pede-lhe para colocar em palavras. B propõe: “É difícil encontrar um lugar onde você se sinta confortável.” C: “Acho que diria: O que é felicidade, que lugar é esse? Onde se encontra esse tipo de felicidade?” (risos). D: “Pensei o quanto seria importante a modulação da voz para esse paciente... há uma dor terrível, as

palavras são secundárias... Eu diria: Estou vendo que você está sofrendo e que veio para compartilhar essa dor comigo.”

Surgem mais intervenções hipotéticas e a coordenação passa para a etapa seguinte.

#### *Terceiro momento: teorizar*

O coordenador convida o grupo para investigar quais teorias influenciaram essas interpretações, em especial as teorias implícitas, pois são as ideias que o analista utilizou, consciente e inconscientemente, e que o levaram à intervenção. O grupo discute a primeira: “Pensar não substitui a experiência do contato com o outro.” E: “Achei que o analista poderia estar pensando no contato emocional entre ele e o paciente, presente na sessão.” F: “Vejo três pontos de foco na interpretação: um foco é pensar, outro é a experiência, e talvez o terceiro seja o outro.” O coordenador indaga ao grupo quais as teorias podem estar por trás disso. G: “A experiência do contato com o outro.” H: “Entendi que o analista está tentando pensar na própria experiência... de estar com alguém nessas condições. Acho que ele disse isso para si mesmo.” I: “Acho que existe um convite do analista para uma experiência emocional, mas me pergunto se está claro para o paciente...”

A conversa segue e o coordenador comenta que no quarto passo, da validação, o grupo poderá ver o que o paciente fez com a intervenção do analista. Mas não há uma interpretação que discorde das demais, todas se complementam. O que leva a pensar que todos seguem um caminho próximo, que pode estar de acordo ou não, e o paciente *mostrará* isso. Novas teorias implícitas são identificadas nas intervenções seguintes e em dado momento a leitura do material é retomada, a atividade prossegue.

#### *Quarto momento: validar*

A microvalidação está sendo realizada durante todo o exercício. Em cada etapa observa-se a ampliação da capacidade de pensar. É preciso considerar que a ausência do paciente impede uma avaliação mais refinada das intervenções hipotéticas realizadas a partir das associações do grupo. As intervenções são então comparadas com a

interpretação do analista, o grupo discute os aspectos observados, e depois de algumas rodadas das etapas do WP o analista finalmente fala de suas impressões ao grupo.

O coordenador pede que o analista leia novamente sua intervenção. Analista: “Você pede minha ajuda, mas parece precisar de minha permissão... parece ter medo de que eu o condene, como você faz consigo.” O analista diz ao grupo: “Minha teoria está associada a um supereu tirânico... achei interessante vocês trazerem aspectos que convergiram na proteção do sofrimento dele... Fiquei surpreso ao ouvir seus comentários e saber que você tinha um sentimento semelhante... Assim como você, eu buscava elementos para lidar com esse sofrimento enorme, que apareceu desde que abri a porta. Foi preciso descer ao fundo do poço, que parecia inacessível.” Observa-se que o analista revela a congruência entre seu pensamento e o proposto pelo grupo, o que denota uma forma de validação.

Um mês após a Microscopia, os participantes enviaram relatos de suas experiências e as percepções de eventual influência do WP sobre seu trabalho clínico. As respostas foram semelhantes e, compiladas, revelaram percepções de uma ampliação da capacidade de observar e pensar, maior disponibilidade psíquica e pensamento fluente, possibilitando transformações na forma de trabalhar. Experiências como sentir-se mais próximo de seus pacientes, mudança em sua escuta e uma melhor percepção dos preconceitos que interferem na escuta marcaram o momento posterior em suas clínicas (Cassorla et al, 2024).

### **Ponte para explorar infinitos**

O método investigativo de trabalho que utilizei até aqui teve como objetivo fertilizar o terreno para a sementeira de ideias que nos aproximam dos fenômenos clínicos pesquisados, propiciadores do encontro criativo do par analítico. O percurso pela história dos Working Parties, suas metodologias, descobertas e controvérsias, até chegar aos pressupostos teóricos e exploração de abordagens clínicas que resultaram no modelo da Microscopia da Sessão Analítica, reafirma o método psicanalítico como abertura para a cocriação envolvendo os sujeitos da análise e favorecendo a transformação psíquica.

Ao propor que analistas observem conjuntamente os sonhos e outros fatos clínicos emergentes no campo, como expressões de um campo intersubjetivo em transformação constante, em vez de tratá-los como eventos isolados, a Microscopia da Sessão Analítica abre um novo caminho de pesquisa que privilegia a experiência emocional compartilhada no sonhar-a-dois, ou, no grupo, um *sonhar-a-n membros* (Cassorla et al., 2024).

A investigação compartilhada dos Working Parties e particularmente da Microscopia da Sessão Analítica, com a ênfase no campo do sonhar, nos direciona para a concepção do encontro analítico como espaço de construção conjunta de narrativas emocionais, ou narrativas entre as emoções de analista e analisando, tecidas com as rêveries do analista e os sonhos-a-dois. Essas vivências emocionais da dupla, à medida que compõem narrativas entre dois, fecundam a capacidade criativa para a construção de sentidos e expansão do pensar.

Nesse sentido, a Microscopia opera como método e metáfora: tal como um grupo de analistas que microscopicamente observam em conjunto uma sessão, e tentam apreender o pulsar do campo, no próximo capítulo o analista é pensado como aquele que sonha e navega com o paciente por águas profundas, onde correntes inconscientes se encontram e em alguma medida se misturam. Como um navegador que aprende a ler as marés observando, enquanto traça rotas, o analista transita da observação do campo para a elaboração narrativa que dá forma ao informe. No espaço intersubjetivo, constrói com o analisando novos caminhos de simbolização.

Para investigar os fatos clínicos e os fatores do campo nos quais a experiência criativa se ancora, o capítulo 2 propõe adentrar o vasto território, ou, seguindo o fluxo do texto, o mar sem fim por onde navega o encontro analítico. Este primeiro capítulo abordou como observamos o mar, o próximo discorrerá sobre como navegamos nele.

## Capítulo 2

### Um mar sem fim: o encontro analítico navega por inconscientes

A partir das ideias lançadas pelo modelo da Microscopia e suas várias conexões com a concepção de um campo funcionando de maneira semelhante à mente, este capítulo aprofunda a exploração do modo pelo qual o campo analítico se apresenta como narrativo, sensível, estético e infinito. Tal como o poeta Paulo Leminski (1987) sugere nos versos de *Minifesto*, a linha que nunca termina tenta escrever um modo de pensar o encontro analítico como um fluxo de acontecimentos entre analista e analisando que não cessa e exige do analista a disponibilidade interna para navegar entre infinitos. Estas ideias desenvolverei a seguir.

*Vim pelo caminho difícil,  
a linha que nunca termina,  
a linha bate na pedra,  
a palavra quebra uma esquina,  
mínima linha vazia,  
a linha, uma vida inteira,  
palavra, palavra minha.*

Paulo Leminski, *Minifesto*

#### A dimensão narrativa do encontro analítico

Os versos de Leminski publicados em seu último livro *Distraídos venceremos* (1987) chegaram-me distraidamente para uma autoconfissão e reflexão sobre os sentidos desta escrita que delineou minha pesquisa. Vim pelo caminho difícil, pois a escrita de um texto psicanalítico sempre faz transbordar algo próprio do autor, uma confissão de si mesmo nas linhas que a rigor nunca terminam, por serem uma narrativa da existência que sustenta a

experiência de escrever psicanálise. A linha de uma vida inteira se abre para que as palavras venham por associação livre, ancoradas em vivências clínicas, nos textos psicanalíticos, na literatura e na arte, e componham uma narrativa que, no caso desta escrita, é a tentativa de recriar a experiência emocional que tenho vivido com o objeto de estudo desta tese.

É desse modo que os versos de Leminski me tocaram e me inspiram a quebrar esquinas com palavras que transitem entre a experiência analítica e a compreensão narrativa dessa experiência. A linha que nunca termina torna-se uma metáfora apropriada para pensar a continuidade entre método, campo e narrativa: no campo do sonhar, amparado no método psicanalítico, a linha que une experiências emocionais – e nunca termina – é uma criação narrativa a irromper o campo a partir dos fenômenos emocionais que se tornaram pensáveis.

Seguirei com algumas reflexões sobre a escrita analítica e como esta se relaciona com a verdade da experiência analítica. Tomando a linha de pensamento de Thomas Ogden, provocarei um diálogo com Paul Ricoeur sobre a dimensão narrativa do encontro analítico, para chegar ao ponto de meu interesse, ou seja, a narrativa que se constrói entre as emoções vivenciadas pela dupla analítica no campo.

A escrita psicanalítica se esforça para margear o inefável da experiência emocional vivida numa análise. Ao discorrer sobre a escrita analítica, Ogden (2010) a descreve como uma conversa entre uma ideia psicanalítica original, desenvolvida em estruturas teóricas existentes, e a criação em palavras de algo que se assemelha a uma experiência analítica. O autor quer dizer que a experiência analítica, como qualquer outra, não pode ser escrita, ela simplesmente é. Tal como cheiros e gostos que apreciamos e somos incapazes de descrevê-los em sua essência, a experiência analítica é impossível de ser comunicada em sua forma pura.

A descrição, para o leitor, de uma experiência analítica é somente a criação do escritor analista de uma nova experiência, esta literária, enquanto escreve algo similar à experiência que teve com o analisando (Ogden, 2010). A escrita analítica é sempre uma

interpretação da experiência emocional. Como postulou Freud (1900/2019) em *A interpretação dos sonhos*, temos um órgão sensorial, a consciência, que nos capacita a perceber as qualidades psíquicas, mas não podemos captá-las em seu estado original, nem apreendê-las.

Bion (1992/2000) sempre recorreu à ideia da mente como um universo em expansão e enfatizou a qualidade inefável da experiência analítica. Em nota no livro *Cogitations* intitulada “A odisseia do analista”, ele ressalta que não se sente capaz de comunicar ao leitor um relato correto da sessão com seu paciente – o leitor precisaria prometer que leria fielmente cada palavra que ele escrevesse, então se “poria a escrever muitas centenas de milhares de palavras, virtualmente indistinguíveis daquelas que já escreveu” (p. 227). Diz não ser capaz de contar ao leitor o que lhe aconteceu; ele confia na sua capacidade de “recriar a experiência emocional [em uma nova experiência de escrita], mas não de representá-la” (p. 227).

Se a experiência analítica só pode ser recriada na forma de uma nova experiência de escrita (e uma nova experiência de leitura) que apenas se assemelha à experiência com o analisando, nossa compreensão de nós mesmos carrega em si um caráter ficcional. Há um jogo dialético na forma como podemos comunicar ao outro a verdade de uma experiência analítica. Como esta não pode ser contada ou escrita, e dela necessitamos para a formulação de qualquer saber psicanalítico, a experiência analítica toma sempre a forma de uma narrativa da própria existência em combinação com a existência de outro.

Nas palavras de Ogden (2010), a experiência analítica “deve ser transformada em ficção (uma versão imaginativa de uma experiência em palavras), para que a verdade da experiência seja transmitida ao leitor” (p. 140). Fatos (clínicos) são transformados em ficção, e esta deve refletir a realidade do vivido pela dupla analítica.

Esta reflexão abre caminho para a discussão sobre os fatos em psicanálise e sua natureza diferenciada dos fatos observáveis das ciências naturais, para isso busco um diálogo com a hermenêutica de Paul Ricoeur (2010). A incorporação das ideias de Ricoeur a esta discussão não pretende situar a psicanálise em um estatuto hermenêutico – como

defende esse autor –, mas criar um diálogo que ilumine a natureza própria dos fatos psicanalíticos tal como emergem no campo psicanalítico.

Ricoeur nos oferece instrumentos conceituais para pensar a transformação da experiência analítica em narrativa. Não pretendo acompanhá-lo delimitando esta compreensão à interpretação de sentidos, mas abrir um diálogo com autores que propõem uma psicanálise ontológica<sup>4</sup>, reconhecendo que o campo, enquanto espaço intersubjetivo em que se pode viver a verdade da experiência, produz sentidos que se tornam pensáveis e acessíveis para uma construção narrativa. Minha conjectura é de uma narrativa que é tecida com o fio das emoções vividas numa relação genuína entre as subjetividades de analista e analisando e, por isso, ela se sustenta na verdade da experiência, com potencialidade transformadora para o sujeito.

Ao apresentar sua compreensão da relação analítica e do endereçamento do desejo ao outro (analista), Ricoeur (2010) propõe que os fatos em psicanálise se constituem sempre na relação e no encontro. Com isso, ele não desconhece a essência da psicanálise em lidar com o ser em sua dimensão de existência psíquica, pulsional e infinita – como entendo a psicanálise ontológica, na qual me apoio em minhas articulações teóricas.

Ricoeur (2010) ajuda a explicitar a passagem das experiências brutas vividas na relação analítica à narrativa compartilhada, enquanto o método psicanalítico mantém aqui sua especificidade, fundada na experiência emocional, no sonhar da dupla e na abertura ao indizível que excede um regime hermenêutico.

Retomando Freud (1923/2011c), a experiência psicanalítica, ao reunir procedimento de investigação dos processos psíquicos (prática clínica), método de tratamento baseado nessa investigação e um corpo teórico que constitui a psicanálise, faz do fato psicanalítico

---

<sup>4</sup> Thomas Ogden (2020) discute as diferenças entre psicanálise epistemológica, de base freudiana e kleiniana, relacionada ao conhecimento e à compreensão de sentidos inconscientes, e psicanálise ontológica, referenciada em Winnicott e Bion, relacionada ao ser e ao tornar-se, que permitiria ao paciente tornar-se mais plenamente vivo, descobrindo sentidos de modo criativo (p. 23). Para Ogden, os dois modos de pensar a psicanálise coexistem e se enriquecem mutuamente.

algo de natureza peculiar, não passível de observação e verificação de forma objetiva. Vale ressaltar que as teorias são construções hipotéticas que buscam organizar e compreender fatos clínicos e essas construções derivam de características pessoais do analista e de fatores socioculturais e históricos (Cassorla, 2015). Sendo influenciada pelo olhar do analista, a teoria psicanalítica é produto da compreensão daquilo que ocorre na situação analítica entre os sujeitos da relação.

Ricoeur (2010) afirma que a noção de fato em psicanálise guarda um parentesco com a noção de texto. Desenvolverei esta ideia, acompanhando o autor. Segundo o filósofo francês, a primeira tarefa na investigação de fatos psicanalíticos é mostrar de que maneira a relação analítica faz uma seleção entre os fatos a serem considerados pela teoria. O autor propõe quatro fundamentos que vão orientar esse processo de seleção.

O primeiro fundamento é o de somente incluir no campo de investigação e de tratamento psicanalítico a parte da experiência capaz de ser dita (Ricoeur, 2010, p. 61). Para o autor, a observação dos fatos em psicanálise está submetida à restrição da linguagem. Sem dúvida, não é possível observar o sonho do paciente. Quando ele relata um sonho da noite anterior, o analista observa o sonhador em seu relato e, escutando o sonho, *ressonha* o sonho sonhado pelo paciente. Por sua vez, o paciente tem uma nova experiência de sonho (acordado), ao colocar em discurso na análise a experiência que na noite anterior foi vivenciada em afetos e pensamentos transformados pelo trabalho do sonho.

Podemos pensar em termos de transformações da experiência emocional (Bion, 1962/2021, 1965/2004b). Aquilo que tange o indizível da experiência precisa de uma mente capaz de captá-lo e processá-lo, para se transformar em algo pensável e comunicável – um trabalho da função-alfa. De modo análogo, na escrita psicanalítica, a experiência emocional deve ser transformada em uma experiência em palavras que possa refletir a parte alcançável do vivido pela dupla analítica. As transformações operam desde dimensões aquém da palavra, no campo das emoções brutas, onde nascem os elementos-alfa que

poderão se transformar em imagens, pelo trabalho de rêverie e então se tornarem capazes de serem pensados.

Bion (1992/2000) defendia a ideia de que a narrativa é a condição necessária para os elementos-alfa serem utilizados como pensamentos. Em *Cogitations*, afirma que qualquer que seja a experiência emocional, ela tem que ser submetida ao trabalho de sonho alfa para ser convertida em elementos-alfa. Só então seriam “processados em forma narrativa” (p. 158) para que se aproximem das experiências emocionais da vida de vigília, no decorrer do tempo.

Ricoeur (2010) considera os fatos em psicanálise como “relatórios” (p. 61). São relatórios da experiência em forma de sonhos (noturnos) e sintomas, em parte observáveis, como também os sonhos diurnos, mitos, lendas, jogos de palavras, que podem alcançar uma narrativa na experiência intersubjetiva da relação analítica. O parentesco entre sonhos, sintomas e todas as formações de compromisso, suscetíveis de ser interpretados, leva o autor a relacionar a psique a “um texto a ser decifrado” (p. 70). O desejo, enquanto significação endereçada ao analista, está para ser decifrado e interpretado. Este é o segundo fundamento para a situação analítica, segundo o autor: ela consiste na “experiência de dizer a uma outra pessoa” (p. 61). O que é dito é sempre endereçado a um outro e caracteriza o desejo humano.

Retoma-se o conceito de transferência revisto por Freud (1914/2010f) em *Recordar, repetir e elaborar*, como fenômeno que cria uma zona intermediária e pode transformar a repetição (do paciente) em rememoração e elaboração. A transferência revela uma condição constitutiva do desejo humano, de se anunciar a outro pela linguagem, por uma narrativa do sujeito. A esta dimensão intersubjetiva do desejo dirigido a outro, podemos acrescentar a implicação direta da mente do analista não como objeto, mas como o outro sujeito da situação analítica, constituindo o binômio transferência-contratransferência – dessa forma, em termos inseparáveis, como é empregado por Ogden (1995/2013a).

Esta construção inconsciente está estruturada por meio do conceito de terceiro analítico intersubjetivo de Ogden (1994), que vem a ser um sujeito criado pela interação

inconsciente analista e analisando. Esta interação transcende a soma das experiências individuais de cada um. O terceiro analítico está na dimensão intersubjetiva cocriada na relação analítica e é vivenciado pela personalidade de cada um, não consistindo em uma mesma experiência para os dois.

Nesta compreensão da dimensão intersubjetiva da transferência, seja como desejo dirigido a outro, seja como totalidade intersubjetiva vivida diferentemente por cada um da dupla analítica, não devemos perder a referência do par freudiano, acentuado por Bollas (2002). Podemos conjecturar que a relação entre um analisando associando livremente e um analista mantendo-se em atenção flutuante cria um campo e suscitará linhas de pensamento inconsciente, propiciadas por sonhos-a-dois (o pensamento onírico de vigília).

No par freudiano, a transferência opera no sentido de desenvolver funções mentais favorecendo a comunicação entre inconscientes e o pensamento criativo entre os dois (Bollas, 2013). A dimensão intersubjetiva da transferência inspira a pensar a situação analítica como campo em que fatos ocorrem e passam de um lado para outro, unindo as experiências subjetivas dos dois sujeitos da relação.

Retomando os critérios de Ricoeur (2010) para a compreensão do fato psicanalítico, o autor introduz como terceiro fundamento “os traços diferenciais da realidade psíquica” (p. 63) de que trata a experiência analítica, as manifestações do inconsciente que configuraram a realidade psíquica em oposição à realidade material. Para ele, é um critério paradoxal, pois o que é oposto à realidade no senso comum é justamente o ponto de intersecção entre o estar no mundo e o existir, onde se apresenta a realidade psíquica do sujeito.

A realidade psíquica do ser humano se constitui na medida em que ele imagina, fantasia, deseja. Os fenômenos a serem investigados na situação de análise não serão os fatos conscientes, reações, sintomas observáveis, mas o sentido que a pessoa dá a esses fenômenos, produto de uma experiência compartilhada com o analista. A significação que a pessoa atribui aos fatos internos (suas fantasias e conteúdos da realidade interna, que constitui uma narrativa de ser) será colocada em relação à construção inconsciente gerada por paciente e analista. Sendo cocriada pelo par analítico, esta narrativa é fruto de uma

experiência intersubjetiva que vai além da significação dos fatos vividos pelo analisando. É uma narrativa que se constrói entre as emoções vivenciadas no campo.

Como quarto fundamento da situação analítica, Ricoeur (2010) menciona que a experiência de análise suscita uma seleção de fatos internos – lembranças, fantasias, cenas emocionais – a partir dos afetos mobilizados no encontro, que passam a compor a narrativa de vida e das experiências emocionais, o modo como a pessoa se compreende. Introduce-se a questão do tempo. A compreensão de si combina traços da história de vida com as fantasias que constituem sua realidade psíquica. História de vida e ficção – a significação que a pessoa atribui aos fatos vividos – combinam-se para uma compreensão narrativa de sua existência.

### **Uma narrativa entre emoções surge do campo**

Embora partam de tradições distintas, Paul Ricoeur e Thomas Ogden oferecem perspectivas que, em certa medida, dialogam para pensar a dimensão narrativa da experiência analítica. De Ricoeur, interessa sobretudo a ideia de que toda experiência emocional, ao ser comunicada, envolve seleção, endereçamento e uma compreensão narrativa da existência da pessoa. Esta dimensão narrativa remete à verdade que não pode ser dita ou escrita e à sua transformação em ficção, a versão imaginativa de uma experiência em palavras, contada ou escrita. Nesse sentido, a arte da escrita psicanalítica está na sustentação de um encontro fecundo entre a experiência analítica e a história escrita da experiência (Ogden, 2010).

A formulação de Ricoeur sobre uma psique como um texto a ser decifrado, ancorada em sua epistemologia hermenêutica, pode ser concebida como uma das camadas do processo mais amplo de produção conjunta de sentidos. No modelo de campo, a mente do analista opera não apenas como intérprete, mas como participante criativo, capaz de sonhar o material com o paciente e criar condições, a partir de suas rêveries, para que algo de novo possa ser sentido, pensado e narrado no campo clínico.

A compreensão de nós mesmos é uma narrativa que construímos tal como uma rede tecida com elementos históricos, ficcionais, de nossa experiência íntima e de nossas relações. O trabalho na análise implica penetrar essa rede, que constitui a estrutura narrativa da existência da pessoa, e ajudá-la a desfazer os nós de uma história distorcida que se faz insustentável para sua vida. Seria essa a tarefa do analista e o caminho da cura em psicanálise, o de construir (ou reconstruir) com o analisando narrativas que possibilitem uma relação mais integrada e de mais aceitação de sua história de vida, concernente à sua realidade psíquica.

Mas será sempre uma outra narrativa. A experiência é sempre única, ainda que o paciente viva de reminiscências e repetições. E será uma nova experiência, compartilhada com o analista, o trabalho de rememorar e elaborar (Freud, 1914/2010f) novas narrativas de si. O tempo participa desse processo guiando a transferência, ao colocar na cena presente o traumático que não pôde ser pensado e ganha sentido ao ingressar na linguagem, podendo se estruturar em uma narrativa atualizada.

O rio corre em um sentido, para frente. André Green (1973/1994) oferece uma bela imagem do processo de análise: ele sempre anda para a frente, mesmo quando ocorre uma regressão do analisando ou suas repetições parecem estagnar o processo. O analisando, mesmo quando repete uma comunicação ao analista, traz uma nova narração: “A progressão é inevitável à medida que o analisando vive e fala. O tempo passa inexoravelmente, e o analista, como afirma Heráclito, nunca se banha duas vezes no mesmo rio” (p. 39).

É nesse sentido, sempre para frente, que a compreensão de si aparece no processo analítico como uma narrativa continuamente atualizada e coconstruída pela dupla. Esta narrativa é o produto da articulação entre história vivida, fantasias e afetos dos dois participantes, mobilizados pelo campo analítico e possíveis de serem sonhados pela dupla.

Essa construção conjunta, uma cocriação que acontece no campo do sonhar, conceituado como *narrativa emocional*. Ela guarda uma semelhança com o processo paradoxal sugerido por Ogden (2010) a respeito da escrita analítica: a transformação da

experiência analítica em ficção, ou uma experiência de palavras (a história ficcional que o sujeito constrói) para que a verdade da experiência possa ser contada (a parte da experiência de ser que pode ser dita).

O que denomino narrativa emocional em minhas elaborações está em consonância com a proposta de Chuster (2024) descrita em seu livro *Linguagem de alcance psicanalítico* como uma linguagem de *poiesis*, que estimula o pensamento e a vivência de emoções. No entanto, diferentemente de uma “linguagem de substituição” (p. 31) mencionada por Chuster, a concepção que sustento não diz respeito ao discurso narrativo sobre coisas do mundo material, que seria produto de memórias e desejo. Esse discurso racional retiraria o potencial criativo e intuitivo dos sonhos sonhados pela dupla analítica. As rêveries do analista que surgem no campo transferencial e as operações de simbolização podem dar nova direção à narrativa da pessoa, produzindo formas mais integradas de compreensão de si para sustentação da vida psíquica.

### **O que se mantém vivo em nós**

Enquanto visito autores cujas ideias trazem sentido às minhas vivências clínicas e me ajudam a construir uma rede de pensamentos que me impulsionam a desenvolver e integrar ideias próprias, sou tomada por vestígios de imagens, que entendo como experiências estéticas (carregadas de sentido emocional) que se comunicam com este texto. São fragmentos de peças literárias, um instante capturado e eternizado numa fotografia histórica, uma obra de arte que resiste ao imediatismo da era tecnológica, um momento de sessão analítica de afetos compartilhados.

Essa densa névoa de imagens que chegam aos meus pensamentos conscientes pode ser compreendida como acontecimentos psíquicos forçando uma irrupção. Podem ser comparados ao processo em que experiências conscientes são transformadas em sonhos acordados (inconscientes), que então se organizam em novos pensamentos conscientes, compondo a narrativa emocional da existência.

Desse modo Ogden (2017) descreve o trabalho do analista em sessão quando sente a necessidade de sonhar os eventos no campo. Ele traduz assim a ideia revolucionária de Bion (1992/2000), expressa em nota de 1960 em *Cogitations*, de que o analista sente a necessidade de converter a experiência racional consciente em sonho (inconsciente) e que entender essa necessidade é muito importante para que o analista não fique insistindo na interpretação do sonho. Ogden explica:

tudo começa com a experiência consciente e vivida que é tornada inconsciente para que algo possa ser feito com ela mentalmente por meio do sonho (pensamento inconsciente). Somente nesse ponto a compreensão inconsciente da experiência vivida às vezes se torna consciente por meio da interpretação. (p. 3)

O que destaco aqui é a ênfase na capacidade de analista e analisando de construir juntos novos sentidos a partir das emoções vividas no campo intersubjetivo e de um estado de mente do analista que o impulsiona a sonhar essas emoções. A história do paciente é modificada por novas narrativas construídas pelas subjetividades dos sonhadores-narradores.

Como a narrativa carrega em si mesma uma ficção<sup>5</sup>, haverá sempre traços do ficcional compondo os trechos da história de nossas vidas, ou seja, a verdade da experiência por nós vivida que nos traz o autorreconhecimento e a autocompreensão. Nesse tear narrativo tecemos sentidos para a existência em nossas experiências de análise e as de nossos analisandos.

Em *Construções na análise*, Freud (1937/2018b) já delineou o que viria a ser compreendido pelos futuros psicanalistas como o espaço intersubjetivo da coconstrução de sentidos no processo analítico. Ele nos lembra que tudo de essencial do objeto psíquico está preservado e apenas se mantém soterrado, mas presente em algum lugar, e o trabalho do analista será o de construir um pedaço da pré-história esquecida do analisando (p. 333).

---

<sup>5</sup> Ficção, aqui, pode ser compreendida como: relato ou narrativa com intenção objetiva, mas que resulta de uma interpretação subjetiva de um acontecimento, fenômeno, fato etc.; criação artística em que o autor faz uma leitura particular e original da realidade (Houaiss, 2001).

Quando lhe faltam recordações, muitas vezes o analista não consegue levá-lo a alcançar o reprimido. Em vez disso, prossegue Freud,

nele [paciente] obtemos, se a análise foi corretamente conduzida, uma firme convicção da verdade da construção, que tem o mesmo resultado terapêutico que uma lembrança reconquistada. Em que circunstâncias isso se dá, e como se torna possível que um substituto aparentemente imperfeito alcance total eficácia, tudo isso é matéria para indagação futura. (p. 340)

Podemos inferir que a questão freudiana encontra uma via de resposta na perspectiva do campo analítico na psicanálise contemporânea. Para autores da corrente bioniana como Ogden, Ferro, Civitarese e Cassorla, a força terapêutica emerge do sonhar conjunto, quando a dupla analítica cria possibilidades de simbolizar experiências até então inomináveis. Mais do que numa verificação histórica da construção, uma construção eficaz estaria amparada na experiência emocional sonhada e compartilhada no encontro analítico.

Na construção de sentidos, o trabalho do analista requer o que Figueiredo (2014, 2021) propõe como uma escuta estética, uma atenção flutuante em sentido ampliado, sensível a todos os aspectos sensoriais do encontro, que permita acessar dimensões inconscientes do analisando e de si mesmo. A escuta estética está relacionada à necessidade do analista de captar afetos e climas emocionais de áreas mais primitivas da psique do analisando. O analista pode estar sensível a imagens e cenas visuais que ganham proeminência nesses momentos, uma vez que a capacidade de imaginar experiências sem significado é um importante fator observado no campo do sonhar (Cassorla, 2016).

Também o autor do texto psicanalítico deveria cuidar para que não lhe escapem imagens (visuais ou não) que surgem em atenção flutuante, pois podem lhe servir para novas associações e conexões com o material que está sendo pensado. Enquanto escrevo sobre a dimensão narrativa do encontro analítico, compreendo que a experiência emocional compartilhada pela dupla é a matéria-prima de uma nova narrativa que vai se construindo a

quatro mãos ou, sendo mais precisa, dois inconscientes cuja interação cria um terceiro que terá sua expressão nesta nova composição.

Thomas Ogden nos auxilia a trabalhar com uma escrita analítica capaz de traduzir a experiência analítica viva entre o autor e os personagens por ele criados para representar a experiência vivida. Para ele, é uma característica comum ao trabalho psicanalítico e ao trabalho literário, ambos envolvidos “na criação e manutenção de uma conexão viva entre as pessoas reais (paciente e analista) e os ‘personagens’ na história escrita, e entre o fluxo da experiência vivida e o ‘enredo da história’ escrita que se desdobra” (Ogden, 2010, p. 140).

O percurso feito até aqui, buscando desenvolver ideias sobre a experiência compartilhada no encontro analítico, a conexão viva de que fala Ogden entre as pessoas reais, os personagens e o enredo da história que se desdobra, estende-se para as fronteiras da própria existência. Toda existência humana só pode ser compreendida dentro de uma narrativa, necessária à sustentação da existência, como a coluna vertebral é necessária ao corpo.

Na narrativa da própria existência habita alguma poesia como um espaço de criação para um novo olhar sobre si. No texto “O poeta e o fantasiar”, Freud (1908/2015a), ao investigar sobre a criação poética, lembra que o escritor nos assegura que em cada um de nós “existe um poeta escondido e que o último poeta deverá morrer junto com o último homem” (p. 54). *Poiesis*, invocada como estímulo ao pensamento e ao potencial criativo humano, é a própria criação de possibilidades de existência.

Em outro texto em que trata das lembranças infantis a partir de uma lembrança de Goethe na obra *Poesia e Verdade*, Freud (1917/2015b) fornece pistas de como construímos nossas próprias narrativas desde a tenra infância, com traços de ficção e lembranças encobridoras, que nos sustentam como uma espinha dorsal e servem de direção para a verdade de nossa existência. Diz Freud:

Em cada reelaboração psicanalítica de uma história de vida, busca-se esclarecer, dessa maneira, o significado das lembranças infantis mais antigas. Sim, em geral, resulta disso que são exatamente essas lembranças, que o analisante [Analysierte]

antecipa, as que ele primeiro conta, com as quais ele introduz a confissão de sua vida, referindo-se a elas como as mais importantes, como as que escondem em si a chave do segredo de sua vida anímica. (p. 262)

Minhas associações levam-me a uma experiência de leitura que desencadeou um diálogo com essas ideias, ancoradas na história ficcional do menino *Moisés negro*, personagem e título do romance de Alain Mabanckou (2020). Trata-se de uma experiência literária sobre a narrativa que crianças órfãs do Congo constroem para se manterem vivas na dura realidade do país africano nos anos 1970, marcado pela violência urbana, social e política sustentada por uma ditadura.

Moisés negro, abandonado quando bebê em um orfanato congolês, é um menino em busca de uma narrativa para sua existência. Sem laços familiares que lhe provessem sustentação afetiva, é educado por um padre católico, o Papai Moupelo, cujas visitas semanais ao orfanato enchem de alegria Moisés e as outras crianças da instituição e as ajudam a tecer fios de alguma esperança para suas histórias de vida. Papai Moupelo dá ao garoto Moisés um sobrenome: *Tokumisa Nzambe po Mose yamoyindo abotami namboka ya Bakoko*. No idioma lingala, amplamente falado no Congo, significa Demos graças a Deus, Moisés negro nasceu na terra dos ancestrais.

Papai Moupelo nunca admitiu a Moisés que tinha sido ele o autor do “sobrenome mais quilométrico do orfanato de Loango, e certamente da cidade, talvez do país” (p. 13), mas convence o garoto a não perder a paciência com as piadas que sofria, pois o “destino de um ser humano está escondido em seu sobrenome” (p. 14). Nessa e em outras cenas de cuidado e afeição paterna, contrastadas com a hipocrisia e o desprezo encarnados pelo diretor do orfanato, Moisés negro estrutura sua narrativa histórica e ficcional com a qual enfrentará as ruas e a violência de uma sociedade disfuncional, nos seus anos posteriores.

A literatura e a psicanálise se beneficiam mutuamente enquanto produtoras de narrativas que conferem ao humano uma compreensão de si, no caráter histórico e ficcional de sua existência. O depoimento do escritor Mia Couto (2020) a respeito do livro de

Mabanckou reafirma essa dimensão histórica e ficcional da identidade narrativa do sujeito humano:

Todos os fatos são históricos, toda a criatura é histórica, estamos todos mergulhados em narrativas históricas, somos resultado de tempos e temporalidades que brigam entre si. O que nos seduz num personagem, seja ele literário ou da vida cotidiana, é a história que ele transporta. Mesmo quando escrevi sobre eventos marcantes do passado, nunca os tratei como se eles me chegassem legitimados por qualquer verdade que nascesse da chancela dos historiadores. Interessa-me do passado aquilo que se mantém vivo em nós. Interessa-me esse passado que não passa e que fabrica no presente a nossa múltipla identidade. (p. 13)

Podemos relacionar essa identidade múltipla evocada por Mia Couto ao sujeito que se constitui nas narrativas coconstruídas no campo analítico, onde história e ficção se entrelaçam para dar formas ao que se mantém vivo em nós. Como no romance, o trabalho clínico não decifra ou resgata uma verdade histórica acabada, mas abre para novas e possíveis versões da própria existência.

*Moisés negro* foi considerado pela crítica literária internacional o *Oliver Twist* africano dos anos 1970, pela semelhança entre suas histórias de orfandade e de luta pela sobrevivência física e psíquica. O analisando que chega ao consultório pode trazer uma narrativa de miséria e caos psíquico e ficará à mercê da capacidade da mente do analista em suportar esse caos, proporcionando sustentação para a construção conjunta de um espaço mental organizado.

### **A função analítica e a escuta sensível**

O ambiente emocional de cuidado e confiança proporcionado ao pequeno Moisés nos encontros com Papai Moupelo me conduz a explorar as funções de *holding* (sustentação) e de *containing* (contínente) que o encontro com o objeto pode suscitar. Tomo os conceitos de Winnicott e Bion para lançar um olhar clínico sobre o romance de

Mabanckou, imaginando as funções de continente e de sustentação operando entre os personagens.

Ao dar um nome a Moisés e sustentar sua dignidade diante do desamparo institucional, o padre cria com o menino um espaço de continuidade de ser e de se sentir vivo no tempo, que se assemelha ao *holding* winnicottiano. Ao mesmo tempo Papai Moupelo funciona como continente das angústias caóticas do garoto, transformando em sentido, por meio de gestos, palavras e presença, os elementos emocionais brutos que Moisés, sozinho, não poderia metabolizar. A dupla ficcional encena uma relação intersubjetiva em que o cuidado do objeto propicia ao menino sonhar uma narrativa possível para si. O que se mantém vivo em nós.

Os conceitos de holding e containing apontam para condições mentais esperadas do analista e desempenham um papel central na análise. A ideia de holding foi apresentada por Winnicott em 1947 e refere-se à capacidade de identificação da mãe com sua criança pequena que possibilita dar-lhe sustentação física e psíquica, diante de sua vulnerabilidade. É uma forma de amor que será a base de um desenvolvimento psíquico integrado (Mijolla, 2005).

Em artigo em que busca distinguir esses dois conceitos, Ogden (2010) afirma que a utilização que Winnicott faz de holding para a psicanálise é muito mais sutil. Supõe a condição do analista de ajudar o analisando a sustentar a sensação de continuidade do ser na passagem do tempo. Mas, sobretudo, refere-se à internalização, pelo analisando, do holding materno (do analista), de continuar sua experiência de ser ao longo do tempo. A qualidade da experiência de estar vivo em diferentes fases da vida vai depender dessa internalização.

Já a função de containing, o continente-contido de Bion (1962/2021), está relacionada com a interação dinâmica entre pensamentos sobretudo inconscientes (conteúdo) e a capacidade de sonhar esses pensamentos (continente). O modelo proposto por Bion baseia-se no uso de identificações projetivas (Klein, 1946/1991), no qual a criança projeta uma parte de sua psique (emoções e sentimentos maus) para dentro da mãe. Sendo

um seio bom, a mãe pode modificá-los e devolvê-los, possibilitando que sejam reintrojados como objeto tolerável para a psique da criança.

Para Bion, sonhar é primordial para a realização de trabalho psíquico inconsciente, e o continente, sendo capaz de efetuar o trabalho de sonhar inconsciente, promove crescimento psíquico. O contido refere-se a pensamentos e sentimentos que surgem da experiência emocional vivida. Segundo Ogden (2010), a ideia de continente-contido diz de como pensamos, como processamos a experiência vivida, e o que acontece com nosso psiquismo quando esse trabalho psíquico não é possível. Trata-se da possibilidade de sonhar, ou não.

Quando a mente do analista pode conter e processar pensamentos e sentimentos que entram no campo, sonhá-los, o benefício é mútuo para ambos os participantes do campo. O crescimento psíquico do contido (conteúdo) envolve maior tolerância de experiências emocionais complexas. Ogden (2010) recorda que, em condições patológicas, a capacidade de pensamentos serem pensados é restrita. Essa destruição da capacidade de pensar geralmente atinge ambos os participantes do campo.

Perrini (2023) observa que holding é o elemento mais importante dentro de uma primeira fase de análise. Na fase seguinte, quando esta sustentação se estabelece, surge a possibilidade do sonho como elaborador de situações psíquicas, no processo de *containing*, quando passa a ocorrer uma interação emocional mais dinâmica entre pensamentos oníricos (contido) e a capacidade de sonhar (continente). Acompanhando esses autores, entendo que holding e containing são funções interdependentes, é preciso haver holding para que a pessoa possa sonhar e processar os seus lutos (containing), e sem containing não haverá holding para sustentar a continuidade da experiência de ser no mundo, inserido na temporalidade.

Enfim, holding e containing são funções analíticas do espaço mental intersubjetivo que favorecerão a expansão do campo e a vitalidade da dupla analítica em compartilhar experiências emocionais. Assim, dependem de um analista envolvido numa escuta sensível para apreender as nuances que permeiam o discurso do analisando. As palavras, os gestos,

o tom de voz, as pausas, silêncios, movimentos corporais, a atmosfera da relação. Todos são elementos que expressam os afetos no momento presente do encontro, à espera de serem captados e sustentados pela sensibilidade do analista.

Como enfatizou Green (1973/1994), sem considerar o afeto, qualquer experiência analítica é estéril. O analista se deixa afetar, convocado a escutar múltiplas dimensões do que lhe apresenta o paciente, a respeito de sua experiência de ser (ou a experiência de não ser). Isto requer uma abertura para ser influenciado pela narrativa emocional do analisando e para responder de maneira autêntica, buscando captar a verdade da experiência.

Figueiredo (2014) ressalta que, a considerar a recomendação de Freud para a atenção flutuante, é preciso diferenciar a postura ética do analista frente a mudanças técnicas, que passaram a ser necessárias, de escutas mais complexas, diante de variadas formas de sofrimento psíquico. Como conduta ética, a posição do analista é manter uma disposição de mente preconizada por Freud, ou seja, deixar o pensamento livre e entregue ao próprio trabalho inconsciente, de modo a sustentar uma escuta sensível do inconsciente do paciente expresso em sua fala (p. 124).

Desde a escuta do inconsciente reprimido (seguindo o modelo do sonho de tornar consciente o inconsciente), a partir de 1923 a atenção do analista se voltou a outras dimensões inconscientes do psiquismo e a escuta analítica se expandiu para a tarefa complexa de acessar estados mentais diversos e desconhecidos. A sensibilidade do analista direciona-se para a atmosfera afetiva que impregna o campo. Figueiredo (2014, 2021) ressalta que esta compreensão psicanalítica diversificada do inconsciente levou a uma expansão da atenção flutuante até o que o autor chama de “escuta polifônica” (p. 135).

Uma escuta polifônica, de acordo com Figueiredo (2014), envolve a flutuação entre diferentes canais de comunicação e de vozes, incluindo as pausas e silêncios, os entrecortes e os contrapontos. Seguindo Figueiredo, entendo que essa forma de escutar o paciente requer disponibilidade do analista de sonhar e de vivenciar, no campo, experiências estéticas, dotadas de significado emocional, que dão sentido à experiência da dupla analítica e abertura criativa para transformações psíquicas. São as experiências

estéticas geradas pela polifonia das vozes que se sobrepõem, contrapõem ou se silenciam no campo intersubjetivo.

As emoções vividas no encontro analítico, contidas nos sonhos, nas imagens, nas narrativas construídas, inundam o campo com várias vozes e linhas melódicas independentes que soam simultaneamente, às vezes se entrelaçando, às vezes se contrapondo, em uma composição complexa e harmônica como numa fuga de Bach (1750). Podem se expressar em fortes dissonâncias, numa polifonia tensa e dramática remetendo a caos e complexidade emocional, como num quarteto de Shostakovich (1960). Ou revelam-se em pausas e silêncios profundos como a polifonia minimalista de Avo Pärt (1978).

Recorro a esses modelos porque a música toca em mim como a arte com maior potencial de provocar experiências estéticas vivas e perturbadoras, talvez pela capacidade do artista de criar uma obra que produz no ouvinte uma intimidade imediata com seus estados emocionais. O *Quarteto nº 8 em Dó menor, Op. 110*, de Shostakovich (1960) é um exemplo. Composto em 1960 em três dias, após o compositor ver os escombros da guerra durante uma estada em Dresden, a peça é capaz de suscitar um estado de desalento existencial súbito no ouvinte, provocado pelos sentimentos vividos pelo compositor quando criou a obra.

Do mesmo modo o analista ouvinte, em sua escuta sensível, pode captar os sentimentos do paciente que irrompem no campo. Compreendo que escutas estéticas amplificam o estado de atenção livremente suspensa do analista e que a recomendação de Freud segue vigente e necessária como ética analítica. Da forma como observa Figueiredo (2014): “É sempre importante retornar a esta *disposição de mente*, mas as estratégias de escuta foram se multiplicando e ficando mais complexas, sem que por isso o *procedimento* inventado por Freud tenha se tornado obsoleto” (p. 123, grifos do autor).

### **Navegando por inconscientes**

Retomemos a premissa freudiana para adentrarmos outras dimensões inconscientes que serão visitadas neste trabalho. Com a proposta de disposição da mente em atenção

livremente suspensa (assentada na teoria topográfica da mente), Freud (1900/2019) definia a tarefa do analista de trazer o inconsciente reprimido para a consciência, promovendo desse modo um encontro entre inconscientes. Também deixava as portas abertas da mente do analista para o desconhecido e antecipava o que Bion (1992/2000) preconizou em 1967 como um estado de mente *sem memória e sem desejo*, esperado do analista.

Freud (1900/2019, 1912/2010e, 1923/2011c) foi consistente, ao longo de sua obra, na recomendação de que o analista mantivesse a mente aberta ao desconhecido, disponível a seguir o fluxo de associações livres do paciente para captar conteúdos mentais latentes e acessar espaços mentais não conhecidos. Em carta a Lou Andreas-Salomé, Freud (1916/1978) sugeriu que o analista deve cegar-se artificialmente para não ser influenciado por pré-conceitos e expectativas durante a análise. Mais tarde, no trabalho “Psicanálise” e “Teoria da libido”, Freud (1923/2011c) teceu numa bela relação entre o inconsciente do analista e o inconsciente do analisando, matriz de todo o processo de análise:

Logo a experiência mostrou que o comportamento mais adequado para o médico que conduzia a análise era entregar-se, com *atenção uniformemente flutuante*, à sua própria atividade mental inconsciente, evitar ao máximo a reflexão e a formação de expectativas conscientes, não pretender fixar especialmente na memória nada do que ouve, e assim apreender o inconsciente do paciente com seu próprio inconsciente (p. 280, grifos do autor).

O trabalho psicanalítico entre inconscientes está sujeito a transferências e contratransferências que passam a atuar, como resistência à análise, vinculadas ao inconsciente reprimido que se manifesta. Mas também a forma de transferência do par freudiano (Bollas, 2013) está presente e suscita a comunicação entre inconscientes, geradora de pensamento inconsciente e criatividade. Áreas não alcançadas de um inconsciente infinito estão no universo de investigação analítica. No capítulo VII de *interpretação dos sonhos*, Freud (1900/2019) já sugere que esse universo infinito se expande em todas as direções e permanecerá incognoscível:

O inconsciente é a verdadeira realidade psíquica, *tão desconhecido para nós, em sua natureza íntima, quanto a realidade do mundo externo, e nos é apresentado de modo tão incompleto pelos dados da consciência quanto o mundo externo pelas indicações de nossos sentidos.* (p.666, grifos do autor)

Com a nova teoria pulsional e a teoria estrutural da mente, o inconsciente freudiano, a partir de 1920, ganha outras dimensões e sai do status bidimensional para o tridimensional. Com a pulsão de morte e o traumático, o não representado, a ideia de inconsciente não mais se reduz a um sistema. Para além das fronteiras do inconsciente reprimido, as águas escuras do inconsciente das pulsões de vida e de morte banham as estruturas do eu e do supereu; os pensamentos inconscientes que emergem do Id espalham-se em todas as direções. Desde *A Interpretação dos Sonhos*, Freud (1900/2019) indagava por que certos pensamentos oníricos podem ser descobertos e outros jamais o serão, propagando-se para o infinito.

O fragmento de sessão a seguir oferece uma noção de como o inconsciente desliza da superfície para as áreas mais profundas do eu: à medida que a pessoa fala à analista, vai captando pensamentos dentro de uma narrativa carregada de emoção, e esses pensamentos se projetam para várias direções, propagam-se para o infinito. Sua primeira fala é sobre um estado permanente de ansiedade e a preocupação com o excesso de compromissos de trabalho, que a força a dedicar todo o tempo de vigília na preparação de palestras em outro idioma com o qual não se sente muito confortável.

Lembra-se então da visita que planejara fazer a uma galeria de arte. Reservou um tempo para ir à tal galeria para ver uma obra do artista romântico alemão Caspar David Friedrich, talvez a mais famosa, criada em 1817. Explica-me que o título da obra, *Wanderer über dem Nebelmeer* (Viajante sobre o Mar de Névoa), pode também ser traduzido como Caminhante sobre as Nuvens. Descreve-me a cena do quadro: um homem de costas para o espectador, de pé no alto de uma montanha rochosa, vestido de um casaco escuro e segurando uma bengala. Ele observa um mar de neblina à sua frente.

A cena do homem sem o rosto visível, contemplando a imensidão à sua frente, é eternizada pela atmosfera criada pelo artista, uma sensação de profundidade e infinito. Ocorre-me, repentinamente, a imagem de um pai que permanecia sempre de costas, diante do filho, olhando para o infinito. Um estado de solidão paira no ar. Há algo que ainda não pode ser comunicado por palavras, mas é sentido nas pausas e na atmosfera da sessão. A associação da imagem serviu para paciente e analista pensarem nas incontáveis possibilidades que se abriam no momento presente e criavam outras narrativas para sua existência, propiciando qualidade psíquica à experiência analítica. São estados que favorecem sentir-se mais vivo e navegar mais tranquilo em seus infinitos.

Esse fragmento clínico é um exemplo de como as formas de escutas em análise estão em consonância e podem se sobrepor no campo de sonhos. A associação do estado emocional do paciente com a cena do quadro puxou fios de emoções na analista, genuínas experiências estéticas. A imagem que aflorou em minha mente não tinha relação direta com a história do paciente, mas produziu uma intensa experiência emocional no campo que deu sentido às vivências do paciente, desencadeando novas conexões de pensamentos para a dupla analítica.

O encontro entre inconscientes é um encontro entre infinitos, um mar sem fim que evoca o sonhar na sessão como uma função em que o trabalho de análise pode se desenvolver em novas redes de pensamentos. Ao escrever sobre a associação livre, aludindo à questão infinita, Bollas (2012) faz uma crítica à teoria da repressão como responsável por eliminar a percepção inconsciente e a comunicação inconsciente da teoria psicanalítica. Ressalta, porém, que a teoria freudiana do trabalho do sonho propiciou à psicanálise entender as múltiplas linhas de pensamento que surgem numa sessão e enriquecem o processo analítico. Lembra:

o sujeito identifica certas experiências comuns do dia como tendo valor psíquico, como essas experiências emocionais são então costuradas no movimento subjacente de ideias preexistentes, e como, por meio do sonho [e, acrescento, do sonhar na sessão], tudo se funde em uma nova leitura, que está latente dentro da

sequência lógica do sonho. Uma sessão, então, é um ato de criação – uma composição – que expressa a interpretação diária do sujeito sobre sua existência. (p. 31)

Imagino que o trabalho para restaurar a compreensão original de Freud sobre o pensamento inconsciente seja uma contribuição essencial de Christopher Bollas à psicanálise contemporânea. Ele o faz sem reduzir o inconsciente à noção de sistema, mas atribuindo-lhe sua natureza infinita. Na leitura de Bollas (2013), embora Freud tenha insistido em que o trabalho do psicanalista é de inconsciente para inconsciente, o par freudiano, fundamento vital do processo analítico, estaria sendo negligenciado por muitas escolas da psicanálise.

Figueiredo (2021) destaca que outras modalidades de comunicação entre inconscientes ganharam relevância entre pós-freudianos, colaborando para a aproximação do analista ao analisando em suas formas mais complexas de sofrimento psíquico. O autor menciona a distinção feita por Sandler e Sandler (1984) entre inconsciente passado e inconsciente presente – ainda no campo do inconsciente reprimido, mas abrindo passagem para o inconsciente dinâmico.

No texto intitulado “The past unconscious, the present unconscious, and interpretation of the transference”, Sandler e Sandler (1984) detalham que uma primeira barreira de censura constituiria o inconsciente reprimido desde a primeira infância, e uma nova barreira de censura se estabeleceria entre o pré-consciente e a consciência. Nessa esfera do pré-consciente ou, segundo os autores, inconsciente presente, a transferência ocorreria impedindo que os pensamentos emergissem livremente para um reconhecimento de si.

Embora o inconsciente do passado esteja ativo no presente e seja estimulado por eventos internos ou externos que ocorrem no aqui-e-agora, aquilo que chamamos de inconsciente presente é concebido como uma organização funcional muito diferente. (...) Em muitos (embora certamente não em todos) aspectos, corresponde ao sistema Pré-consciente do modelo topográfico ou ao ego inconsciente da teoria estrutural.

Enquanto o inconsciente do passado age e reage de acordo com o passado, o inconsciente presente se ocupa de manter o equilíbrio no presente e considera o impulso proveniente do inconsciente do passado intrusivo e perturbador. (p. 372)

A ideia do inconsciente presente, explicitada pelos autores nesse trecho, é útil para pensarmos nas várias dimensões inconscientes que se instalam no aqui-e-agora do campo intersubjetivo, que darão margem para a ocorrência de sonhos-a-dois ou estados psíquicos em que não é possível à dupla sonhar. Essas variadas dimensões psíquicas ganharam destaque desde a entrada das pulsões de morte e a nova estrutura do psiquismo apresentada por Freud, remetendo ao inconsciente presente.

Como mostrou Freud em 1923, uma parte inconsciente do Eu atua exatamente como o reprimido, dificultando muito o trabalho do analista para torná-la consciente. Outras partes, sob o domínio pulsional, estariam ligadas a algo para além do inconsciente passado. Figueiredo (2021) relaciona esta dimensão a um inconsciente pré-histórico, das fantasias originárias e de experiências emocionais não simbolizadas, estágios iniciais da mente em que operam defesas primitivas, como cisões e evacuações. Há ainda as defesas que atuam em áreas do traumático. Figueiredo elenca cisões e criptas, zonas de silêncio e os retornos desses conteúdos do inconsciente encravado (Laplanche, 2015) se expressam em perturbações somáticas, área de retraimento, exigindo muito esforço do analista.

Se no inconsciente presente (do pré-consciente) se infiltram as fantasias reprimidas do inconsciente passado e coabitam as fantasias originárias do inconsciente pulsional pré-histórico, Figueiredo (2021) sugere que talvez fosse conveniente falar de “inconsciente atual” (p. 25) para referir-se à pluralidade de dimensões inconscientes que a situação analítica evoca no aqui-e-agora. Também o pulsional traumático estaria entre apresentações inconscientes a atuar nesse inconsciente atual. É do inconsciente atual que partimos para mergulhar um pouco mais na pré-história da psique, onde encontramos o arcaico.

### **Inconscientes se expandem no infinito**

A psicanálise contemporânea se dedica com especial interesse a estudar os níveis mais primitivos da experiência, reconhecendo que a clínica exige do analista ferramentas psíquicas mais sensíveis para tentar alcançar estágios arcaicos (a mente primitiva) e, mais além, expressões de estados inacessíveis da mente. Bion (1976/1992, 1977/1981) nomeou essas áreas inacessíveis de mente primordial. O analista trabalha, assim, na fronteira entre o intrapsíquico e o intersubjetivo, e usa sua mente como bússola (Cassorla, 2023) para entrar em contato com afetos de seu paciente que não puderam ser simbolizados.

Na atualidade da experiência emocional compartilhada, tem-se algum acesso a essas dimensões psíquicas primeiras que gravitam entre a mente primitiva e a mente primordial. Esses estados psíquicos requerem da função analítica captar a comunicação pré-verbal e as emoções vivenciadas na sessão. O analista necessita de uma intuição psicanaliticamente treinada (Bion, 1965/2004b) para apreender as rêveries e os sonhos que ocorrem na sessão.

André Green (2000) observa que Bion segue a hipótese de Freud de que há algo de primitivo na mente que não é totalmente explicado pelos primeiros estágios da relação do bebê com seu objeto. A respeito da mente primordial, afirma Green que “as raízes da atividade psíquica é o ponto a partir do qual supostamente devemos iniciar, pelo menos na ficção que construímos sobre nós mesmos e sobre os outros” (p. 134).

Green acendeu um debate em 1982 afirmando que o único que realmente pensou o arcaico foi Freud, pois reuniu não somente o que é mais primitivo na mente, mas também o principal sobre o qual se funda o psiquismo. São os traços das primeiras experiências da vida psíquica que o inconsciente conserva e está sempre atualizando, o que nos faz pensar em dimensões inconscientes navegando no mar sem fim do inconsciente atual, fazendo do encontro analítico um encontro entre infinitos.

O arcaico está sempre presente, assim como os registros fragmentados e não simbolizados de uma mente primordial, ainda que sua natureza não seja evidente. Por isso Green (1982/2017) propõe que tomemos o arcaico *après-coup*, pois é a única maneira de se

falar nele. Ou seja, procurando-o onde, apesar de oculto, “sempre se encontra presente, entre as instâncias mais tardias no desenvolvimento libidinal” (p. 217). Green explicita:

Embora seja verdade que o inconsciente é marcado pela inscrição dos mecanismos psíquicos mais primitivos pertencentes ao início da vida psíquica e que ele ignora o tempo, é razoável pensar que as estruturas que se edificaram sobre as inscrições originárias não se contentaram com se sobrepôr a elas. Elas não se constituíram *sobre* o arcaico, mas *contra* ele. Tentaram modificar seu funcionamento pela ligação, a simbolização, a diferenciação etc. (p. 217)

O arcaico força sua irrupção no inconsciente atual. Dos estados não representados e do irrepresentável até as camadas psíquicas que fundamentam a constituição da mente simbólica, chegamos à ideia do inconsciente como infinito. Bion (1965/2004b, 1970/2006) conjecturou as transformações que podem ocorrer da experiência analítica rumo ao infinito. Pensou o inconsciente infinito contrapondo-se a uma consciência finita, tendo como foco de observação estados psíquicos mais primitivos até áreas inacessíveis da mente. Em *Cogitations*, Bion (1992/2000) faz menção à relação como uma realidade em aberto, na qual não existe fim:

A crise do “Eu e Tu”, ou “Nós e Eles”, pode assumir proporções consideráveis, em parte porque não há linguagem com que se possa expressá-la. Eu poderia tentar colocar isto da seguinte forma: a realidade fundamental é “infinita”, o desconhecido, a situação para a qual não há nenhuma linguagem que se aproxime de descrevê-la – nem mesmo a linguagem que se toma de empréstimo ao artista ou à religião. (p. 384)

O inconsciente que nunca foi consciente, um inconsciente sem fronteiras, é o que Bion (1965/2004b) denomina realidade última, designando o símbolo “O” (p. 28). Atribui a esta ideia a expressão do poeta Milton (1674), o vazio infinito sem forma<sup>6</sup>. Como uma

---

<sup>6</sup> Da versão em inglês: *The rising world of waters dark and deep/ Won from the void and formless infinite* (O mundo nascente de águas escuras e profundas/ Conquistado do vazio e do infinito informe).

verdade que não se consegue conhecer, o inconsciente infinito é um “O” que nada diz, nas palavras de Chuster (2024):

(...) quando vou na suposta direção onde parece estar, ele já se moveu e continua se movendo, e quando parece ser alcançado, já voltou para onde eu pensava que inicialmente estava. Parece que o inconsciente é como o vai e vem de uma onda quântica que não encontra barreiras. (p. 40-41)

Investigar no campo analítico as dimensões inconscientes que banham o infinito, em termos bionianos, traz de volta a recomendação freudiana de se trabalhar com a mente aberta ao desconhecido, evitar reflexão e expectativas e não fixar na memória o que se escuta. Bion (1992/2000) explorou esse princípio profundamente, propondo que o analista buscasse desenvolver a capacidade para alcançar, com seu analisando, um estado mental sem memória, sem desejo e sem ânsia de compreensão, e desconectar a observação do passado e do futuro. Importa o que *está* acontecendo, o momento presente.

A recomendação de Bion (1992/2000) direciona o analista a abrir-se à espera de uma resposta criativa de seu inconsciente. Grotstein (2010) traz a ideia no prelúdio do livro *Um facho de intensa escuridão: o legado de Wilfred Bion à psicanálise*, ao recordar um momento de sua análise pessoal com Bion. Ao final de uma sessão, surpreendentemente Bion foi até sua estante de livros, pegou um exemplar alemão da correspondência de Freud para Lou Andreas-Salomé e leu um trecho de carta, traduzindo-o. Logo depois, Grotstein transcreveu-o da seguinte forma: “Ao conduzir uma análise, é preciso emitir um facho de intensa escuridão de modo que algo que até então tenha estado obscurecido pelo resplendor da iluminação possa brilhar ainda mais na escuridão” (p. 15).

O trecho lido por Bion trata de uma advertência ao analista para abandonar memória e desejo e ter fé no próprio inconsciente e sua capacidade de resposta criativa, na versão de Grotstein (2010), e me leva a pensar na função analítica de capacidade intuitiva. Mais precisamente, o que Bion (1965/2004b) chamou de uma intuição psicanaliticamente treinada. A meu ver, a intuição psicanalítica parece brotar do estado de atenção flutuante,

uma vez que essa disposição da mente requer deixar o pensamento livre, despojado de memória e desejo.

Não é tarefa fácil navegar pelos mares dos inconscientes, cujo fluxo de pensamentos inconscientes está sempre a ser desviado pelas resistências e turbulências emocionais encontradas como barreiras entre as ondas. Uma intuição psicanaliticamente treinada envolve paciência e disciplina e o cultivo da capacidade negativa, expressão que Bion (1970/2006) tomou de empréstimo do poeta John Keats para descrever um estado mental de tolerância e ignorância que o analista deve buscar diante do desconhecido neste encontro de mundos.

A capacidade negativa refere-se à criação de um espaço mental para a incerteza, o mistério e a dúvida, sem ânsia de alcançar um fato ou compreensão. Foi citada por Keats em carta a seus irmãos em 1817 – curiosamente, no mesmo ano em que Caspar Friedrich pintou o *Viajante sobre o Mar de Névoa*, o homem que parece navegar sobre as incertezas e mistérios do mundo. Chuster (2014) afirma que essa capacidade de não responder imediatamente é fundamental no processo de aprender da experiência emocional e, com isso, desenvolver o pensar. Para aprender, é preciso acolher o inesperado, tolerar o desconhecido.

Reelaborando, sinteticamente, as ideias discutidas até aqui sobre a função analítica: para transitar pelas dimensões inconscientes e estados mais arcaicos do psiquismo, o analista deixa a mente aberta e tem sua atenção imersa no campo de sonhos que envolve o encontro entre inconscientes infinitos – dele e do analisando. Sonhos (devaneios, ideias, imagens) podem surgir na mente do analista que se deixa afetar (ser tocado pelos afetos presentes no campo). Esses sonhos são apreendidos pela intuição psicanalítica e elaborados pelo trabalho de sonho alfa (função-alfa) do analista. A captação e transformação de elementos que *saltam* à mente do analista, surgidos da experiência emocional, são o trabalho de rêverie. Este é usado na confecção de uma narrativa emocional para a existência da pessoa. E esta narrativa traduz-se na produção de sentido e na expansão do pensar.

### **Rêverie: da imagem à narrativa**

É preciso reconhecer que as mais remotas experiências sensoriais estarão sempre reclamando seu espaço na sessão analítica, convocando o analista a ativar escutas estéticas (Figueiredo, 2014). As várias dimensões inconscientes que permeiam o aqui-e-agora da sessão de análise acionam toda sorte de sensações, fantasias, expressões e reações, que podem suscitar na mente do analista imagens, antes de se chegar às palavras. Imagens sonhadas pelo analista e comunicadas ao analisando são úteis à experiência analítica e propiciam a criação de narrativas afetivas, poéticas, carregadas de sentido. São construídas pela dupla analítica e ajudam a expandir o universo psíquico. O trabalho de análise se potencializa.

Quando as experiências emocionais não podem ser sonhadas e simbolizadas pela dupla analítica, o processo analítico tende a se estagnar. O analista pode se sentir estéril e sua atenção flutuante comprometida. Perde-se a espontaneidade das imagens e enredos que constroem a situação analítica no fluxo livre de pensamentos inconscientes. Eles deixam de ocorrer, pois a capacidade do analista de sonhar fica prejudicada por várias razões. Mas considere-se que a mente do analista recorra a fatos passados ou expectativas e desejos, para evitar o vazio psíquico que possa tomar conta da situação de análise.

Esse cenário aqui imaginado nos põe a pensar que estados mais primitivos da mente permanecem ativos na vida psíquica e solicitam do analista: tolerância para esperar vir à tona o que não conhece; sensibilidade imaginativa e intuição psicanaliticamente treinada para captar e transformar conteúdos mentais tóxicos no campo; holding para sustentar a experiência da pessoa de continuar a ser e prosseguir no tempo; containing para possibilitar à dupla sonhar (processar) pensamentos não sonhados.

O analista é chamado a escutar estados psíquicos com uma mente capaz de fazer contato com as fantasias primitivas do analisando. Bion vincula o estado de rêverie à receptividade do analista para sonhar na sessão o que ainda não pode ser representado, simbolizado ou elaborado pelo analisando. Para Bion (1962/2021), originalmente rêverie é

“um fator da função-alfa da mãe” (p. 74), ou seja, um estado de mente capaz de receber as identificações projetivas do bebê, não importa se a criança as sinta como boas ou más, e com o trabalho da função-alfa essas emoções brutas são transformadas em elementos-alfa e estes transformados em imagens para serem pensados.

No livro *Rêveries do analista: investigações do conceito enigmático de Bion*, Fred Busch (2023) resgata a origem do uso do termo *rêverie* – não por Bion, mas por Breuer e Freud (1895/2016) ao relacionarem os estados hipnoides (sonhos de vigília) de Anna O a devaneios e *rêveries*. A partir do conceito de Bion de *rêverie* materna vinculada à mente do analista, várias definições de *rêverie* foram construídas por pós-bionianos. Na leitura crítica de Busch, são interpretações criativas que, por outro lado, levaram a maneiras bem diferentes de compreender a *rêverie*.

O exame do conceito de *rêverie* sugere um breve retorno às origens da vida psíquica traçadas por Freud. Ele forneceu os pressupostos para a noção de *rêverie* em sua formulação sobre a ocorrência do objeto nos momentos primeiros da vida do bebê. Ao discorrer sobre as pulsões e seus destinos, Freud (1915/2010d) traz a noção de objeto em relação à pulsão, numa ligação que não existe desde o início, mas deve ser construída. É o objeto intrapsíquico que ganha esse status no autoerotismo: a criança investe o próprio corpo e se incumbe de satisfazer suas necessidades corporais.

Em 1923 Freud destaca o atributo dos pais como objetos primordiais, ainda não como resultado de investimento da criança, mas como “a primeira e mais significativa identificação do indivíduo” (Freud, 1923/2011b, p. 38), anterior a qualquer investimento objetual da criança. Mais tarde Freud (1940[1938]/2018a) vai enfatizar que o seio ocupa o lugar de primeiro objeto erótico da criança. Inicialmente sem diferenciá-lo de seu próprio corpo, o bebê carrega o seio consigo, como um objeto para, depois, este ser completado na pessoa da mãe, “primeiro e mais forte objeto de amor, como modelo de todas as posteriores relações amorosas” (p. 248).

A hipótese freudiana é de um movimento do psiquismo nascente do bebê que, diante da falta do seio, busca retomar a experiência de satisfação de um momento inaugural –

desde que esse bebê tenha recebido os cuidados da mãe. Freud (1911/2010b) referiu-se ao fenômeno como uma realização alucinatória do desejo: o bebê recria o seio e se alimenta da própria ilusão. A ausência do objeto faz surgir o desejo e, desde então, a tentativa do psiquismo infantil de reencontrá-lo. Dessa ausência determinante, surge a fantasia. A pulsão insistirá em buscar a satisfação completa e todo ser humano que um dia teve que renunciar ao gozo com a mãe buscará sempre esse desejo. Mas, nenhum objeto da pulsão pode satisfazê-la plenamente (Carneiro & Lazzarini, 2018). O erótico toma então sua centralidade na vida psíquica.

Bion encontra nas formulações freudianas o substrato para desenvolver suas ideias a respeito do impacto do objeto real sobre o sujeito e da função fundamental dos objetos primários nas primeiras representações do bebê. A capacidade de rêverie da mãe dá sentido à atividade do bebê e pode receber, metabolizar e significar suas angústias para então devolvê-las modificadas (Bion, 1962/2021). O bebê, para Bion, tem a preconcepção inata do seio, que é um estado de expectativa de um objeto receptivo, capaz de preencher suas necessidades.

Existem muitas nuances entre as definições que autores pós-bionianos elaboram sobre a rêverie. Farei uma breve exposição das ideias de Antonino Ferro e Giuseppe Civitarese, Elias e Elizabeth da Rocha Barros, Thomas Ogden e Arnaldo Chuster. Ferro (1995) relaciona rêverie à permeabilidade e disponibilidade mental e emocional à comunicação do outro, e isto abrange identificações projetivas, ação da função-alfa, pensamentos oníricos de vigília. Afirma que “todo o trabalho analítico se baseia nas rêveries do analista, na sua acolhida, no metabolizar, transformar do paciente, tornar pensáveis as angústias, as ânsias, as identificações projetivas do paciente” (p. 125).

No pensamento de Ferro (1995), rêveries são imagens captadas inicialmente como pictogramas emotivo-sensoriais, que fazem parte do sonho de vigília. Pictogramas<sup>7</sup> surgem

---

<sup>7</sup> O termo pictograma foi empregado por Piera Aulagnier (1975) para caracterizar a primeira forma de representação, inscrita no que ela denominou processo originário do funcionamento psíquico.

da transformação de elementos-beta em elementos-alfa do analista, para serem pensados, e os vários pictogramas vão constituindo derivados narrativos ao serem colocados em palavras. Nesse sentido, a rêverie é central para o campo e constitui a capacidade do analista de entrar em contato com seu sonho de vigília e de o narrar em palavras, produzindo transformações no campo (Ferro & Basile, 2013).

Minha ideia de narrativa emocional se aproxima do conceito de Ferro (1995) de derivado narrativo que, para o psicanalista italiano, é o produto de uma criação intersubjetiva que vai gerando significados a partir da experiência emocional da dupla analítica. Entendo que a narrativa emocional carrega traços da linguagem poética, pois nasce das experiências estéticas vividas pela dupla no sonhar analítico. Menciono o poético não como forma de expressão literária, mas no sentido colocado por Chuster (2024), como espaço que inaugura uma nova compreensão de si.

A concepção de rêverie de Rocha Barros e Rocha Barros (2012) está ligada à compreensão fundamentalmente intersubjetiva do processo analítico e tem a qualidade de comunicar expressividade, ou vivências do sentir que ocorrem no campo. Elias da Rocha Barros (2000) definiu rêverie como pictograma afetivo, uma forma muito primitiva de representação mental das experiências emocionais, resultante da função alfa e que segue em direção à formação de pensamento. Como para os autores, o pictograma afetivo já é uma representação (uma imagem visual), esta conceituação distingue a rêverie de reações contratransferenciais (em forma de sensações) e de associações livres, que surgem como memórias/narrativas, o que faz Busch (2023) defendê-la como a mais adequada compreensão de rêverie como parte do processo de cura em psicanálise, e mais compatível com paradigmas atuais (p. 68).

Thomas Ogden (1997/2013b, 2017), por outro lado, tem uma concepção mais radical e dialética de rêverie, considerando-a um evento pessoal/privado, ao mesmo tempo intersubjetivo, que vem espontaneamente em formas mundanas – devaneios, pensamentos e sentimentos sobre eventos aleatórios, até ruminatórias e sensações corporais. Todos esses eventos clínicos constituem material para serem aproveitados pelo analista para

sonhar a sessão com o paciente. Para Ogden (1997/2013b), a função de rêverie abrange a noção de contratransferência, é um processo de criação de metáforas que dão forma à experiência do analista de sua relação inconsciente com o analisando. Diz ele:

Paradoxalmente, apesar de o analista sentir suas rêveries como privadas e pessoais, é enganoso vê-las como “suas” criações próprias, já que são, ao mesmo tempo, construções intersubjetivas inconscientes criadas em conjunto (embora assimetricamente), que chamei de “o terceiro analítico intersubjetivo”. (p. 147)

A principal crítica de Busch (2023) a Ogden é por não considerar estados somáticos como rêveries – como o faz Ogden –, pois são opostos à elaboração psíquica. Para Busch, sensações corporais e percepções, como cheiros e sons, não têm o potencial transformador do pictograma afetivo (Rocha Barros, 2000), por estarem em uma forma de representação ainda mais primitiva. Rêveries, quando concebidas como imagens, estariam no nível mais elevado de elaboração psíquica, por já serem uma representação simbólica, o que condiz com a concepção de Rocha Barros e Rocha Barros. Ou seja, quanto mais complexa a rêverie, maior seu potencial transformador.

As diferentes tonalidades na compreensão da rêverie não param aí. Em trabalho mais recente, Civitarese (2021) descreveu-a como uma espécie de dispositivo de GPS apontando constantemente a posição do analista e do analisando no trabalho analítico e a qualidade emocional do vínculo entre eles. Para ele, rêveries ocorrem em forma de imagens e ideias, mas também como expressões somáticas e gestuais. O autor enfatiza que todas essas formas são geradas no campo analítico, como cocriação de paciente e analista.

Chuster (2019) compreende a rêverie em sua ligação com a capacidade imaginativa da mente e a capacidade para sonhar: diz respeito ao potencial amoroso e imaginativo da mãe. Portanto, seria mais adequado dizer que o analista, não sendo mãe do paciente, não usa a rêverie, mas sim “utiliza a sua função-alfa” (p. 202). Mais consoante ao pensamento de Bion, Chuster considera rêverie e função-alfa como um sistema aberto, “um espectro de infinitas possibilidades” (p. 210), tendo em um polo a rêverie como função predominantemente sensorial, e no outro, a função-alfa, predominantemente simbólica.

As confluências e dissonâncias sobre a rêverie revelam o quanto este conceito está presente na psicanálise contemporânea como uma importante ferramenta técnica que coloca o analista intimamente afetado pelo processo investigativo. Ou seja, é intrínseco ao método psicanalítico. Um aspecto que parece comum a todos os conceitos de rêverie é sua qualidade sensível e natureza essencialmente intersubjetiva, o que interessa especialmente a esta pesquisa.

Compreendo a rêverie como um ponto de irradiação para uma narrativa emocional coconstruída, na qual imagens afetivas e movimentos expressivos do campo ganham forma simbólica e têm potencial transformador na experiência analítica. A rêverie funciona como uma nascente narrativa, gerando imagens expressivas e criadoras de sentido para a dupla.

### **Ponte para explorar vivências estéticas**

Neste capítulo busquei apresentar a natureza infinita do encontro analítico e seus aspectos constitutivos, situando-os como fatos clínicos que surgem no campo. Percorri autores que dialogam com ideias centrais deste trabalho: a dimensão narrativa do processo analítico que opera na forma de sonhos do analista, do analisando e de ambos; sua relação com o inconsciente infinito; a função analítica; e concluo com a leitura de Ogden (2010) sobre o trabalho da psicanálise: em termos analíticos, o sonhar é a mais importante função mental. Onde há trabalho do sonho inconsciente, há também trabalho de compreensão inconsciente.

O sonhar, por si mesmo, é uma narrativa. Grotstein (2010) diz que o ato de sonhar sugere que o ser humano nasce com uma propensão a narrar histórias e a buscar histórias. Supõe que seria um instinto para compensar o efeito desestabilizador da realidade psíquica: a narrativa faria uma ligação da trajetória dessa realidade infinita com o momento presente. A narrativa é a via simbólica por onde navega a experiência emocional, abastecida de imagens fecundadas no nascedouro da sensorialidade.

Compreendo a escuta estética como qualidade do sensível que provê a marca emocional à narrativa própria da experiência psicanalítica. Enquanto gestava minhas

próprias ideias sobre a função da escuta estética do analista, recebi um telefonema de minha velha mãe que, no compasso da conversa, me surpreendeu tomando sua gaita e começando a tocá-la ao telefone. Há tempos não a ouvia tocar seu pequeno instrumento. Aos 92 anos, sua espontaneidade de recriar um momento afetivo relembrando músicas de minha infância e exibindo um fôlego vigoroso foi uma experiência estética da qualidade emocional à qual quero me referir aqui.

A comunicação entre inconscientes se desenvolve na linguagem afetiva: a narrativa materna (o gesto de tocar a gaita e a sua música) mobiliza emoções por meio de minha escuta e recrio uma narrativa com os aspectos do inconsciente atual. Há uma vida infinita dentro de nós, ainda que a finitude da vida bata tão insistentemente à porta.

Antes de passar ao terceiro capítulo, deixo os versos de Emily Dickinson para falar do encontro e do inefável da experiência analítica:

*A Fala é um sinal de Afeto  
E outro o Silêncio -  
A arte da comunicação perfeita  
Ninguém possui -  
Existe e lá no íntimo se prova  
A sua evidência -  
O Apóstolo disse "Vejam" -  
Porém não viu!*

Emily Dickinson, 1830-1886

### Capítulo 3

#### Sonhos e experiências estéticas no campo

No texto “O duplo e o ausente” dedicado ao escritor francês Bernard Pingaud, André Green (1973/1994) comenta o trabalho de luto incessante no ato de ler e escrever, pois o prazer do texto é o substituto de uma satisfação perdida. Faz referência ao que mora no espaço do texto, ao lado da angústia e do luto sempre presentes. Esse algo é o inconsciente do autor, mas, segundo Green, é principalmente o inconsciente do texto. De fato, diz ele, “embora possa parecer estranho, um texto tem um inconsciente que atua nele” (p. 48). Trata-se do inconsciente freudiano, com os segredos, os silêncios, as resistências que operam sobre ele.

Aprendemos que esse inconsciente pode se mostrar sem ter que recorrer ao autor. E, conforme Green (1973/1994), vai provocar o leitor com indagações do tipo: “o que é que tudo isso significa? O que provoca em mim? Como, e por que atua sobre mim?” (p. 49). O texto, então, convida o leitor para descortinar a si mesmo. Enquanto o inconsciente textual, este está presente “nas articulações temáticas, nas cesuras do texto, nos silêncios brutais, nas ruturas de tom e sobretudo nas manchas, nas escórias, nos detalhes aparentemente pouco importantes e que só interessam aos psicanalistas” (p. 48).

Vemos nesse trecho uma descrição análoga a uma cena analítica em que se entrecruzam a narrativa da pessoa (o autor) com seus arranjos psíquicos, em suas cisões e deformações (o texto), e o analista (o leitor) em sua escuta, sendo desafiado com as perguntas indispensáveis ao desenrolar do processo analítico: O que tudo isso significa? Que sentimentos provoca em mim? Como e por que (o Isso) atua em mim?

Isso atua no analista – as emoções vividas por paciente e analista que emergem e se entrecruzam nas transferências e contratransferências do campo analítico, produzindo a surpresa de um acontecimento em estado bruto, dão sinais do traumático que surge aprèscoup impondo-se à cena presente, e afetos não representados que invadem o campo, pela

compulsão à repetição. O analista é então instigado a atuar, ele irá responder de certo modo àquilo que o analisando projeta de seu passado arcaico, não simbolizado (Sandler, 1976; Joseph, 1985; Perelberg, 2016).

Os pensamentos e sentimentos do analista, e sua presença no *setting*, atravessada por uma sensorialidade, serão relevantes na compreensão dos movimentos psíquicos que circulam no campo. O analista que se deixa afetar pelas emoções no campo estará mais envolvido e próximo ao arcaico que se apresenta no inconsciente atual (Figueiredo, 2021). Freud (1937/2018b) já antecipara, em seu artigo sobre construções em análise, que cabe ao analista a ação de construir (ou reconstruir) o que está “apenas soterrado, tornado indisponível para a pessoa” (p. 332). O essencial da vida psíquica segue preservado, diz Freud, não havendo nada no psiquismo que passe por uma destruição total.

Esta perspectiva se apoia no modelo estrutural da mente, o qual abrange as dimensões psíquicas que constituem o pensamento simbólico até estados não representados e o irrepresentável, com todos os impulsos eróticos e agressivos de paciente e analista, além de expressões do somático que surgem no aqui-e-agora da sessão de análise. Como vimos no capítulo anterior, o estado mental de receptividade do analista (*rêverie*) tem sua importância pela abertura que faz para captar e compreender os movimentos sensoriais e psíquicos dos dois participantes da situação, como também as defesas acionadas por eles diante das turbulências emocionais que entram no campo.

O analista com sua capacidade de *rêverie* será desafiado a sonhar os aspectos não significados, os vazios, os restos não traduzidos<sup>8</sup> (Laplanche, 1992) da vida psíquica do paciente. O trabalho da mente do analista será o de dar figurabilidade a esses elementos não simbolizados. É sobre o trabalho de figurabilidade que nos deteremos na sequência, situando-o num campo bem mais amplo do que o da *rêverie*, para seguirmos com o sonhar compartilhado na sessão (sonhos-a-fois), celeiro de experiências estéticas que emergem do

---

<sup>8</sup> Laplanche (1992) propôs, em sua teoria da sedução generalizada, que a criança terá o desafio de traduzir as mensagens sexuais enigmáticas implantadas em seu inconsciente nascente pelo inconsciente do adulto, e haverá sempre restos não traduzidos que deixarão rastros nos processos de elaboração dos conteúdos psíquicos.

encontro e propiciam abertura à criatividade da dupla. Na sequência, serão apresentadas vinhetas clínicas para demonstrar como o trabalho de figurabilidade opera na análise, na forma de rêveries e outros acontecimentos psíquicos, e como o sonhar na sessão produz tramas narrativas e novas experiências emocionais no campo.

### **Rêverie e figurabilidade no campo dos sonhos**

O termo rêverie é muitas vezes empregado de forma muito similar à figurabilidade, o que torna importante dedicar-nos à compreensão das diferenças entre os dois conceitos para uma leitura mais acurada das funções de cada um no processo analítico.

Rêveries ocorrem na mente do analista na forma de pictogramas (Ferro, 1995), pictogramas afetivos (Rocha Barros, 2000), devaneios, experiências sensoriais e estados somáticos (Ogden, 1997/2013b; Civitarese, 2021), imagens visuais ou não, pensamentos. Em sua definição original, é um estado de mente ativo que permite que emoções brutas sejam captadas e transformadas em pensamento onírico inconsciente (Bion, 1962/2021). Um aspecto comum às várias definições de rêverie é sua qualidade sensível e natureza essencialmente intersubjetiva.

Ribeiro (2024) observa que o termo rêverie tem sido empregado em duas direções na psicanálise contemporânea: para designar um estado de mente aberto para o outro (a proposição bioniana) e como produto desse estado de mente que torna-se perceptível na experiência emocional do analista (os pictogramas de Ferro e os pictogramas afetivos de Rocha Barros). A autora propõe que a rêverie também pode ser utilizada para uma interpretação ou uma narrativa, ou é apenas uma apreensão dos afetos inconscientes que causam sofrimento no paciente e não será transformada em interpretação (p. 203).

A noção de figurabilidade é mais ampla que a de rêverie, envolvendo outras construções psíquicas. César e Sara Botella desenvolvem o conceito a partir de 1983 e o apresentam como aspecto central não apenas do trabalho onírico, mas do funcionamento psíquico de forma geral. Os autores a definem como um processo psíquico que permite a

conversão de elementos inconscientes em imagens e formas perceptíveis, ressaltando sua qualidade processual distinta da representação, percepção ou alucinação.

A noção é originária de Freud (1900/2019): *Darstellbarkeit*, ou figurabilidade traduzida do francês; representabilidade traduzida do inglês. Foi ampliada e radicalizada por Botella e Botella (2003) para abarcar os estados psíquicos primitivos, traumáticos, sem representação, que no trabalho analítico podem tornar-se acessíveis por meio de imagem que é formada para o analista. Assim, experiências que não foram inscritas no aparelho psíquico e existem em estado não representado podem ganhar representação pelo trabalho da figurabilidade via imagem.

A figurabilidade ocorre pela via regrediente no trabalho de sonho diurno, similar ao noturno. No capítulo VII de *A interpretação dos sonhos*, Freud (1900/2019) nomeou essa via de regressão formal, para descrever o caminho, no trabalho onírico, da excitação até a satisfação alucinatória (do objeto ausente), ao passo que a via eferente (progreidente) é o caminho da pulsão à representação psíquica. Nas *Novas conferências*, Freud (1933/2010g) sintetiza como o impulso instintual reprimido, pela vias eferente e regressiva, ganha representabilidade:

(ele) pressiona pela satisfação através da ação, mas o caminho para a motilidade lhe é bloqueado pelos dispositivos fisiológicos do estado do sono; ele é obrigado a tomar a direção regressiva para a percepção e a contentar-se com uma satisfação alucinatória. Os pensamentos oníricos latentes são convertidos numa série de imagens sensoriais e cenas visuais. (p. 143)

Segundo Botella e Botella (2003), a regressão formal conceituada por Freud se daria quando modos primitivos de expressão e de figuração substituem os modos habituais. Não se trata de uma volta para trás; seria então “uma capacidade psíquica não regressiva, mas regrediente, que faria parte da plasticidade normal do funcionamento psíquico” (p. 277). Eles a definem, portanto, como uma capacidade psíquica constante para resolver, de forma alucinatória (por imagem), a quantidade de excitação, quando não há descarga pela via motriz.

O termo *regrediência* foi escolhido pelos autores para não haver dúvida de que não configura um retrocesso no desenvolvimento psíquico, mas são processos complementares: o progrediente faz o caminho da pulsão à representação de palavras; o regrediente, dos pensamentos latentes e das representações de palavras à imagem sensorial. Este último está sob a pressão do pulsional, do sexual infantil reprimido, e resulta sempre numa construção original e diversa, pois reúne em uma unidade (a imagem) vários elementos simultâneos, por exemplo, um resto diurno, um desejo reprimido, uma percepção do presente etc. (Botella & Botella, 2003).

O trabalho de figurabilidade torna-se fundamental ao analista para pensar, com sua função criativa, os estados mentais impedidos de representação, aqueles cujas marcas se alocaram de modo fragmentado em um campo sem sentido e sem elaboração psíquica. Segundo Botella e Botella (2005), a figurabilidade, como processo instintivo, deriva de um movimento intrapsíquico de convergência e inteligibilidade alucinatória, o qual possibilita ao analista que escuta os elementos inconscientes de seu analisando alcançar, por meio do trabalho em duplo, estados psíquicos não acessíveis ao paciente.

(...) a *figurabilidade* também atua durante outros momentos retrógrados da vida psíquica. Por exemplo, na forma de fantasia de origem inconsciente, cujo surgimento repentino surpreende o ego; ou, com a participação deste último, na forma de *rêverie*; ou ainda, a *figurabilidade* está em ação no analista durante a sessão, quando um fenômeno retrógrado particular ocorre nele, muitas vezes de importância decisiva para o tratamento, o que chamamos de "acidente de pensamento". (p. 13, grifos dos autores)

Em um trabalho conjunto, Botella, Ferro, Ogden e Parsons (2008) discutem se o sentido de *sonho* que Bion deu à *rêverie* não correria o risco de simplificar a complexidade da metapsicologia freudiana do sonho e de reduzir o vasto campo da figurabilidade à *rêverie*. Esses autores entendem que seria um equívoco denominar *rêverie* todos os fenômenos que ocorrem na sessão analítica que sejam figuráveis.

Botella et al. (2008) concordam que, se o pensamento do analista em sessão funcionasse unicamente sob o vértice da rêverie, estaria restringindo todo um campo de pesquisa do trabalho de figurabilidade, que amplia e potencializa as possibilidades de expressão e construção de sentidos às experiências emocionais. Rêveries surgem a partir do trabalho da figurabilidade. Enquanto a rêverie opera em nível pré-consciente, na apreensão de afetos emergentes no campo, o trabalho de figurabilidade ocorre em nível mais profundo, nas camadas inconscientes e no reino do irrepresentável.

### **Sonhos-a-dois e a narrativa das emoções**

Freud (1900/2019) descreveu os esforços do trabalho do sonho para transformar pensamentos oníricos em conteúdo do sonho, preferencialmente por meio de imagens visuais. Esta consideração pela representabilidade, como explicou, acontece com um tipo de deslocamento na formação do sonho, “de modo que uma expressão abstrata e descolorida do pensamento onírico seja trocada por uma concreta e figurativa”(p. 435). Esse processo ocorre numa atmosfera de emoção. De modo análogo, o processo do sonhar na sessão analítica envolve um trabalho inconsciente de elaboração das experiências emocionais vivenciadas entre paciente e analista, cuja atmosfera afetiva determinará as imagens e expressões do sonhar (Cassorla, 2005a).

Ogden (2017) afirma que, para ele, a ideia de sonhar a sessão analítica é um dos conceitos psicanalíticos fundamentais e, também, um dos mais difíceis. Por isso, ressalta, é impossível de definir. Contudo, não somente Ogden, mas todos os autores que trabalham com a perspectiva de campo em que o processo analítico ocorre no sonhar a sessão, considera o sonho um pensamento inconsciente inerentemente terapêutico. Uma concepção afinada com o que Bion chamou de “função psicanalítica da personalidade” (p. 151). Freud (1900/2019) já descrevia os sonhos como uma forma particular de pensamento, que tenta resolver problemas de nossa vida mental. Para Ogden, o sonhar “contribui para resolver problemas emocionais pouco a pouco, sem nunca atingir um ponto final, a solução” (p. 4).

O sonhar na situação analítica é uma experiência compartilhada em que o analista contribui com o analisando para elaborar (inconscientemente) as experiências emocionais que é incapaz de vivenciar sozinho. Desse modo, o papel do analista é, segundo Ogden (2017), ajudar o analisando a sonhar seus sonhos previamente não sonhados (terrores noturnos) e interrompidos (pesadelos), “o pano de fundo de toda análise” (p.6).

A situação analítica constitui-se assim num sonho-a-dois (Cassorla, 2015). O analista escuta o sonho do analisando e o ressonha; esse novo sonho é contado ao analisando por meio das intervenções/interpretações; quando elas se conectam à rede simbólica do analisando, ele ressonha o sonho do analista; e, dessa forma, vai se configurando uma “trama de *sonhos-a-dois*” (p. 6, grifo do autor). Por outro lado, quando os conteúdos psíquicos de uma análise não estão acessíveis à simbolização, portanto não possíveis de serem sonhados, analisando e analista formam um conluio inconsciente, o que Cassorla (2013) concebeu como um enactment crônico<sup>9</sup>, configurando um “não-sonho-a-dois” (p. 9).

Desde as ideias de Bion (1992/2000) sobre o sonhar a sessão analítica, autores que seguem sua tradição vêm desenvolvendo concepções próprias sobre os sonhos-a-dois. Utilizo neste trabalho as formulações de Meltzer (1983), Ogden (1994, 2010, 2017) e Cassorla (2005a, 2015, 2016). Importante acrescentar que outras contribuições relevantes ao tema se devem a Ferro (1995), Caper (2002), Grotstein (2010), entre outros.

Apresentarei a seguir uma sequência de três vinhetas clínicas com o intuito de ilustrar os elementos sensoriais, imagéticos e verbais que emergem das mentes de analista e analisando, e como esses elementos vão compondo uma narrativa emocional por meio de sonhos, rêveries, associações e outros fatos gerados no campo analítico. Se o analista se

---

<sup>9</sup> O termo *enactment* surgiu na literatura psicanalítica americana na década de 80 e foi extensamente pesquisado por Cassorla (2005b, 2012, 2013, 2015), de quem tomo esta definição: um fenômeno intersubjetivo, induzido pela emoção, em que o campo analítico é tomado por condutas e atos que envolvem os dois membros da dupla analítica, sem que se deem conta do que ocorre, e em situação de simbolização verbal prejudicada (2015, p. 47). Cassorla propôs o conceito de enactment agudo (comportamentos abruptos que surgem como descargas e não-sonhos) e enactment crônico (quando esses comportamentos se prolongam numa colusão não percebida).

entrega a sentir subjetivamente as experiências emocionais que surgem no encontro, favorece os acontecimentos no campo.

Os recortes clínicos dão exemplo de como experiências emocionais não representadas adquirem representação na mente da analista por meio do sonhar compartilhado. O trabalho de figurabilidade ocorre compondo uma experiência estética vivenciada no campo e se manifesta nos acontecimentos da sessão, destacando-se os sonhos-a-dois. No decorrer do processo analítico, os sonhos em dupla evoluem para uma construção narrativa que gera no analisando novos sentidos do viver. O material traz, ainda, momentos de estagnação da análise que configuram a incapacidade de sonhar da dupla analítica.

### **Vinheta 1: *Vidas secas***

Durante os primeiros anos de análise Roberto relatava sensações de ter um corpo “congelado” e “seco”, dizia não se sentir seguro em relacionamentos. Trazia lembranças de uma infância de pouca vivacidade e uma frieza emocional no ambiente doméstico. Chegava em meu consultório e mapeava o ambiente, antes de deitar-se no divã. Comentava sobre um filme, uma situação no trabalho, passagens de sua infância, intercaladas de longos silêncios na sessão. Quando falava, era num tom de voz baixo, quase inaudível, o que me impelia a ficar muito atenta para captar suas palavras, além de escutar seu silêncio.

O clima emocional nas sessões por vezes me parecia como uma terra árida, pelos silêncios vazios de afeto e uma impossibilidade de sonhar. Outras vezes eu imaginava um corpo paralisado diante de situações de muito impacto emocional que ele me relatava, desprovido de recursos para lidar com suas emoções. Me ocorria a imagem de duas crianças estáticas, lado a lado, sem saber como brincar. Eu associava esta imagem a meu bloqueio mental, me esforçava para encontrar fiapos de pensamentos que me ligassem a seu estado de mente. Meu esforço era também o de reunir as partes fragmentadas e dissociadas de seu discurso, buscando construir uma linha de pensamento.

Embora fosse um homem que gozava de confortos materiais, Roberto mantinha uma vida austera, comedida. Sobretudo na vida afetiva, era econômico de palavras e alegrias, parecia pouco presente em suas relações mais íntimas, o que envolvia os pais e irmão. Suas decisões eram tomadas sempre depois de muita reflexão, eu entendia esse padrão como rumações necessárias até que ele pudesse de fato digerir a situação emocional.

Levou muito tempo para as sessões ganharem um ritmo mais fértil de associações e narrativas. A tonalidade e a altura da voz foi mudando à medida que o clima afetivo aquecia. Sinais de que estávamos mais íntimos e começávamos a sonhar juntos, como uma tela que vai sendo pintada lentamente a quatro mãos, com cores opacas que exigiam de nós um trabalho delicado e parcimonioso. Era um trabalho de espera, uma gestação.

Em uma sessão de manhã, Roberto chegou preocupado com o destino de dois jovens que ele acabara de ver no caminho para o consultório. Descreveu os adolescentes vagando desacompanhados pela rua. Enquanto me contava, ocorreu-me uma cena pictográfica, uma recriação imagética rudimentar da tela *Retirantes*, de Candido Portinari (1944). A obra me evocava sentimentos de desolação e desamparo, imaginando aquela família e suas crianças esqueléticas, tristes, famintas de alimento físico e psíquico.

As figuras na tela de Portinari (1944) e em minha mente eram “vidas secas”, tão rudemente retratadas no romance de Graciliano Ramos (1938) com esse título, que também muito me impactara. No instante em que eu vagava entre o relato de Roberto e as imagens visuais daquelas vidas tristes, ele trouxe uma lembrança de sua infância em que se sentiu sozinho e inseguro na escola, por longo tempo à espera dos pais.

As associações levaram-nos a compreender o quanto essa e outras experiências de sua infância se aproximavam dos sentimentos de paralisia e falta de espontaneidade na vida adulta. Desse modo ele prescindia da experiência de contato verdadeiro com o outro. A ausência do objeto real foi vivenciada como uma experiência afetiva em que o contato com o objeto devia ser evitado e o afeto despertado devia ser congelado, para se proteger do passado infantil traumático, que sobrecarregava sua mente de forma paralisante.

Minha experiência emocional com Roberto era a de estar com uma pessoa que esperava por meus cuidados, mas se mantinha distante. Eu deveria encontrar maneiras de fazer contato com seu mundo afetivo silenciado e os aspectos dispersos da narrativa que construía de si. Eu buscava me manter muito presente com ele. As emoções vivenciadas juntos na análise lhe possibilitaram, com o tempo, sentir uma relação mais viva com seu corpo e com o objeto, quando os afetos vão descongelando e podem se ligar a representações.

Roberto passou a relatar sonhos com mais frequência. Em uma sessão trouxe um sonho com um bebê, que o deixou muito aflito:

*Roberto:* Um bebê estava em meu colo, levava a boca ao meu peito, querendo mamar, mas eu não tinha peito.... A sensação é de que o leite tinha secado. Tinha passado o tempo, a chance, eu não sei de quê. Eu era jovem no sonho, mas deixei passar a oportunidade e aquilo me entristecia muito. Acordei muito angustiado.

Depois de uma pausa, ele prosseguiu dizendo que ainda sentia algo endurecido dentro de si, feito pedra, e que pensar assim o deixava desolado. Novamente veio a cena do menino esquelético ao colo da mãe seca, a imagem da fome e da desolação pintada por Portinari (1944) misturou-se com a história devastada dos personagens de *Vidas secas*. Era a escassez de afeto dos pais para aquelas duas crianças largadas no sertão árido.

Essas imagens sonhadas no aqui-e-agora da sessão indicavam o traumático do passado arcaico do paciente e mobilizavam a analista a responder de maneira empática, receptiva. A cena me mobilizou para uma interpretação. Eu disse a Roberto que ele sentia seu leite empedrado, não era suficiente para nutri-lo. Um bebê com fome, deixado sozinho. Mas era um bebê que já podia suportar um peito vazio sem desesperar-se. Aos poucos ia sobrevivendo e encontrando meios de se sentir mais vivo.

Algumas semanas após, Roberto trouxe um sonho significativo para nós dois: “Uma água infinita, que vai até a linha do horizonte. A única imagem que tenho é a de colocar as mãos sobre a água, tocar a superfície e uma sensação de estar sendo nutrido.” Pensei num bebê passivo, num útero, aguardando ser nutrido enquanto se constitui em longos meses de

gestação. Na análise de Roberto, vivíamos tempos de estagnação, em que eu imaginava a tranquilidade de águas tocadas apenas em sua superfície. Eu sentia sua evitação de chegar a áreas mais profundas (não sonhadas). Naquele momento começava a se mostrar mais flexível com suas emoções.

*Analista:* Tenho a impressão de que você quer me falar de uma dor que te congela e seca seu leite, me parece uma dor silenciosa e infinita. Você reconhece algo, toca na superfície. Penso em um tempo anterior ao tempo de vacas magras, de vidas secas da infância. Um tempo mítico que você tenta resgatar.

*Roberto:* Eu sou um sobrevivente! Fico na superfície porque ali eu posso respirar sem os riscos de ir mais fundo e não ter fôlego para suportar voltar.

## **Discussão 1**

Ao rememorar minha experiência analítica com Roberto, os primeiros estágios da análise me remetem à fantasia filogenética de Freud (1915/1987) da era glacial. Em seu rascunho metapsicológico sobre as neuroses de transferência, Freud, numa imaginação especulativa, relacionou o surgimento da angústia às privações impostas à humanidade pela era glacial, quando o mundo externo “transformou-se num acúmulo de riscos iminentes” (p. 75). A angústia e o medo de se relacionar de Roberto eram expressos em estados de congelamento do afeto pela ausência dos cuidados e vivenciados no corpo seco como um peito cujo “leite havia secado”. Esta era sua vivência de desamparo e de solidão.

No campo da transferência-contratransferência eu sentia os silêncios de Roberto como espaços mentais frágeis e desvitalizados, áreas não simbolizadas (Cassorla, 2016) que requeriam da mente da analista um trabalho de vitalização (Figueiredo, 2021). Segundo Figueiredo, há zonas de silêncio vazio e retraimento afetivo, elementos cindidos de um inconsciente pulsional e traumático, em que as defesas primitivas operantes deixam os objetos externos e internos “inutilizáveis” (p. 25). Foi necessária uma escuta empática, à espera de brechas psíquicas, que eu relacionava a um estado gravídico, de uma gravidez

de alto risco em que todo cuidado inicial era essencial para garantir a sobrevivência (psíquica) do ser.

A imagem das “duas crianças estáticas sem saber brincar”, à qual relatei meu bloqueio mental em determinados momentos da análise, representava minha tentativa de sonhar (brincar) o não-sonho do paciente (Ogden, 2017). No texto “Sonhar, fantasiar e viver” de *O brincar e a realidade*, Winnicott (1971/1975) relaciona a inacessibilidade do fantasiar à dissociação, impedindo as alternativas de sonhar e de se relacionar com objetos no mundo real. O fantasiar como fenômeno isolado pode permanecer estático (estados de congelamento, terra árida, silêncios vazios de afeto) e não evoluir para o sonhar.

Winnicott (1971/1975) descreve uma paciente que vivia em um estado de fantasia, como atividade mental dissociada, o que a impedia de constituir-se como pessoa integrada. No fantasiar, como fenômeno estático, nada acontece (evolui) do ponto de vista do observador (o analista). “De fato, nada tem probabilidade de acontecer pelo fato de tanta coisa estar acontecendo, no estado dissociado”, diz Winnicott, diferenciando esse estado daquele de “uma investigação imaginativa do mundo e do lugar onde sonho e vida são a mesma coisa” (p. 46). Na vida psíquica árida de Roberto, os estados dissociados se manifestavam em sua economia afetiva, atitude passiva e temerosa e falta de espontaneidade. Eu era convocada a uma posição de receptividade, em estado de rêverie, de espera por pensamentos que pudessem ser pensados por nós e transformados em uma experiência de genuinamente viver.

Uma frase de Graciliano Ramos (1938) me capturou ao revisitar o romance *Vidas secas*, depois de minha rêverie na sessão com Roberto. No primeiro capítulo, o escritor narra a saga do personagem principal Fabiano e de sua família, caminhando pelo sertão nordestino, cansados e famintos. O vaqueiro buscava um lugar para chegar, “não sabia onde”. O menino mais velho, com a cachorra Baleia, sentou-se no chão e pôs-se a chorar, nada o fazia levantar, nem as pancadas recebidas do pai. “O pirralho não se mexeu, e Fabiano desejou matá-lo. Tinha o coração grosso, queria responsabilizar alguém pela sua desgraça” (p. 3).

O menino mais velho, de pouco recurso com as palavras, também tentava sobreviver à escassez material e afetiva da família no sertão. Essas imagens me falavam de vivências emocionais inconscientes de meu paciente, remontadas a um tempo arcaico, vivendo sob os ataques de um superego cruel, em que se sentira responsabilizado por alguma desgraça, o que por muito tempo não lhe permitiu brincar/sonhar e sentir-se mais vivo.

Bion (1962/2021) afirma que a falha na rêverie materna acarreta ao bebê a impossibilidade de organizar suas experiências emocionais perturbadoras e de ser capaz de pensá-las. O leite seco e empedrado era o alimento psíquico que lhe faltava. O sonho de Roberto com um bebê no colo (ele) levando a boca ao seio (dele) ilustra o trabalho de transformação do traumático em cena onírica. O antes não representado começa a ser representado e sua angústia, compartilhada com a analista. O paciente foi atenuando as defesas psíquicas, permitindo ser nutrido pela mente da analista.

Aos poucos o trabalho analítico com Roberto conduziu-nos a áreas mais primitivas, nas quais sonhos não sonhados e sonhos interrompidos (Ogden, 2010) começam a ser sonhados a dois. São áreas psíquicas cujos conteúdos da experiência emocional ainda não haviam sido simbolizados. Roberto passou a reconhecer o paradoxo de sobreviver sem “viver”, e intuiu a necessidade de buscar alimento em águas psíquicas mais profundas – a profundidade de vivências não lembradas, por não terem representação para serem lembradas.

O significado do paradoxo vivido pelo analisando na transferência pôde ser compreendido *après-coup*, representado na frase com que James Joyce (2012) abre seu ensaio “Não se deve confiar nas aparências”, de 1896. Afirma: “Não há nada tão enganador, e por isso mesmo tão atraente, quanto uma superfície calma”<sup>10</sup> (p. 13). A situação traumática original era revivida em sonhos no presente, sob a força da compulsão à repetição (Perelberg, 2016). Roberto mantinha-se na superfície das águas onde podia “respirar” e sentir-se “nutrido”, pelo temor de se afogar nas profundezas de sua dor mental.

---

<sup>10</sup> Esta frase foi resgatada de Vieira (2015) em *Psicanálise da Vida Cotidiana* e está publicada em resenha daquele livro, escrita por mim para a *Revista Brasileira de Psicanálise*, 50(2), 2016.

Analista e analisando se engajam num mesmo processo para sonhar juntos sonhos não sonhados ou interrompidos, nos quais o analista vivencia, com o analisando, as experiências emocionais mais perturbadoras. Tem-se uma abertura criativa: experiências que não podiam ser representadas ganham representação por meio de rêveries e o sonhar conjunto. O encontro com a obra *Retirantes* na mente da analista e a atmosfera afetiva de *Vidas secas* são acontecimentos estéticos no campo. Do contato com áreas psíquicas antes inacessíveis do paciente, imagens visuais espontâneas são captadas, como pictogramas afetivos (Rocha Barros, 2000) dotados de expressividade, que dão representação simbólica e novos sentidos para a experiência emocional.

### **Vinheta 2: O sorriso do lagarto**

Neste exemplo clínico quero destacar o movimento produzido pelos elementos que surgem na mente de analista e analisando no decorrer da sessão, a partir da lembrança de um sonho noturno. Os aspectos inconscientes do universo psíquico dos dois sujeitos da análise se unem a elementos conscientes e, à medida que são pensados, compõem novos sentidos da experiência analítica de ambos. O título desta vinheta está relacionado ao sonho sonhado pela analista a partir do sonho narrado pelo paciente, em um momento da análise em que os sonhos sonhados pelo paciente ganhavam mais expressividade.

Com o tom pausado e de certa expectativa, deitado no divã, o paciente começou a narrar o sonho. A analista, buscando escutá-lo como se estivesse sonhando, ressonhou o sonho dele. Uma nova narrativa começou a ser tecida e, à medida que sonhavam, novos elementos se juntavam à experiência emocional da dupla, para serem pensados e simbolizados. Eis o relato do sonho de Fábio, como chamarei esse paciente:

*Fábio:* Eu pilotava uma espécie de quadriciclo, que não avançava para frente; ele só se movia em marcha a ré. Era trabalhoso e eu tinha que inventar um modo de chegar ao lugar onde precisava ir, sempre guiando para trás. Chego em um terreno onde tenho que escalar uma estrutura de ferro muito alta. Ao subir, encontro dois lagartos sobre os braços da estrutura: um deles bem esguio, azul-esverdeado, com um brilho

metálico, meio escondido em uma fenda; o outro, maior, encorpado, com uma cabeça que me lembrou seres pré-históricos de filmes de ficção científica. Eu me esforço para não me aproximar deles, pois parecem perigosos. Tive o impulso de afugentá-los, tomado por urgência e fúria, mas me contive pois poderia ser ferido.

Enquanto escutava Fábio, imagens soltas surgiam em minha mente, atraídas pelas imagens sonhadas pelo paciente e pelas impressões sensoriais que me ocorriam, constituindo um novo sonho. Os elementos imagéticos (os lagartos), produzidos por deslocamento e condensação do trabalho do sonho de Fábio, resgataram de minha memória uma expressão de tristeza e nostalgia, impregnada de um colorido estético. Esses sentimentos estavam ligados a uma imagem sonora que tive: a voz distante de Peter Gabriel (1986) cantando *Mercy Street*, uma canção sobre solidão, memórias de infância e a busca por redenção.

A música era tema da minissérie *O sorriso do lagarto*<sup>11</sup>, baseada na obra homônima de João Ubaldo Ribeiro (1989). A imagem de um lagarto sorrindo aparecia na minissérie, como uma figura enigmática representando uma sub-raça híbrida e uma verdade perturbadora sob a superfície da realidade. É possível inferir que esses elementos estavam, de algum modo, presentes no campo analítico em estado pré-consciente, uma vez que habitavam o mundo mental da analista, e alguns tornaram-se conscientes a partir da rêverie da analista.

Subitamente todas as imagens, afetos, lembranças que me ocorreram pareciam ter uma nítida relação com a maneira como eu percebia Fábio. Pensando nos esforços de meu paciente, imaginei um homem traçando rotas, precisando fazer um caminho de volta, organizando-se engenhosamente para isso. Eu lhe disse que percebia sua necessidade de rever a própria história, de modo que pudesse tomar as direções adequadas para chegar aonde planejava, sem ser detido por estorvos no caminho.

---

<sup>11</sup> A minissérie, escrita por Walther Negrão e Geraldo Carneiro, foi exibida pela TV Globo em 1991.

Fábio comentou que estava “quebrando a cabeça” para resolver os passos de um projeto, cuja data de entrega ao cliente se aproximava. Como eu estava intrigada com o caminho de retorno representado em seu sonho, não desprezei meus pensamentos e reformulei minha fala. Disse-lhe que ele buscava corrigir um passado familiar, indagando se existia uma maneira de cuidar do passado sem se machucar; ele buscava traçar uma rota criativa para avançar em direção ao destino pretendido e precisava passar por trechos de sua existência para ligar o que parecia desconectado entre si, montando o quebra-cabeça comigo.

Ele fez um longo silêncio. Então comentou que, finalmente, sentia-se satisfeito em retomar seus projetos na área profissional. Havia anos desviara-se de sua formação, cercado de dilemas que o paralisavam. Mas ainda parecia duvidar de sua capacidade, não investindo tempo e energia suficientes no que desejava de fato construir. A imagem de lagartos imóveis na estrutura de ferro se impunha ao meu pensamento. Associei-os a objetos primários e visualizei o lagarto azul-esverdeado, mais discreto, aparentemente menos ameaçador; o lagarto maior, ancestral, atracado num galho. Um objeto interno primitivo, arcaico, emperrando o fluxo dos movimentos de Fábio rumo a uma vida mais autônoma.

Nossa conversa analítica seguiu construindo em minha mente uma narrativa com elementos de seu sonho; imaginei a estrutura de ferro como uma grande árvore e, num ato falho, perguntei-lhe se a árvore lhe evocava algo. Ele fez uma piada: “Só se for a árvore do primeiro erro da humanidade!” O comentário provocou risos (defesa contra alguma verdade incômoda?) e minha surpresa. Revisitando o material, entendo que meu ato falho remetia ao inconsciente do paciente e rompeu uma resistência do pré-consciente, possibilitando tornar-se palavra e ligar os afetos no campo, o que foi despertado pela intuição da analista.

A associação do paciente ao pecado original trouxe algo para a sessão. O conteúdo onírico representado pelos répteis evidenciava como o objeto primário em fantasia estava instalado *entre* nossos sonhos. Permaneci em silêncio, mas nesse momento Fábio mencionou que esteve com sua mãe e considerava importante trazer a conversa à sessão.

Com um tom que me pareceu de indignação, contou suas descobertas sobre a “árvore genealógica da família”. Disse-lhe que o percebia tentando se desatracar de uma herança maldita que o paralisava: um estilo familiar arcaico, rastejante, de lidar com as necessidades da vida. A árvore genealógica precisava ser pensada para que ele pudesse elaborar suas fantasias com relação às próprias raízes que remetiam aos lagartos. Não adiantaria ficar se camuflando – como fazem os lagartos – porque não se pode fugir das raízes sem cortá-las e, ainda assim, os frutos que florescem em cada árvore não mudam a sua natureza.

Uma narrativa tomou o fluxo das associações: o paciente fez um caminho de volta a seus ancestrais, a narrativa histórica familiar à qual se via atracado e buscava uma rota de fuga. Uma lembrança de rumores ouvidos na infância, soterrados em sua mente, pareciam agora vívidos. Pensei em sua associação com o pecado original, “o primeiro erro da humanidade”, disse que ele compreendia sua vida condenada a manter-se agarrada ao tronco dessa árvore familiar. O clima da sessão era de emoção. Algo ancestral impede o contato com sua história (tocar nos lagartos). Continuamos buscando nos aproximar de sua dor mental.

Juntos construímos narrativas permeadas por nossas emoções. Sentidos novos vão substituindo a sombra ancestral que o impedia de abrir novos caminhos para uma vida mais autônoma. No sonho, ele criou uma rota em marcha a ré para reconstruir o caminho. A rota era retornar ao passado onde havia deixado experiências não metabolizadas, para fazer novas ligações e seguir em frente. O trabalho analítico seguiu explorando “o pecado original”, metáfora para seus impulsos eróticos e agressivos dirigidos aos objetos primários. O anseio sexual inconsciente ligado ao objeto primário, sob força da compulsão à repetição, ganha figurabilidade em sonhos, em um processo de deformação onírica no psiquismo do paciente. No decorrer da análise o trabalho onírico tende a dar nova qualidade psíquica aos anseios antes impensáveis.

## **Discussão 2**

Os sonhos de Fábio eram geralmente ricos de elementos visuais e narrativas extensas que nos enredavam em busca de interpretar seu conteúdo latente. Compreendi no decorrer de seu processo analítico que Fábio “quebrava a cabeça” para entregar à analista (o cliente) material mais apto a ser sonhado por nós dois. Tentava assim fazer de seus sonhos e conteúdos produzidos na análise um projeto mais acabado dos roteiros complexos e indecifráveis de seu mundo interno. Cabia a nós o trabalho conjunto de nos aproximarmos do conflito edípico inconsciente, de modo a ressignificar os aspectos sombrios e ameaçadores da relação com o objeto primário e estabelecer uma relação de mais confiança em si.

Como postulou Freud (1933/2010g), a resistência é “o mais seguro indício de conflito” (p. 136). Na revisão de sua teoria do sonho, Freud afirma que o trabalho do sonho “se realiza contra uma resistência que varia de grandezas insignificantes até o insuperável” (p. 135) e cabe ao analista estar atento às manifestações dessa resistência no decorrer do trabalho.

Em seu sonho, Fábio pilota um quadriciclo que só anda para trás. Ele encena em sua narrativa onírica uma temporalidade paradoxal: um destino psíquico que se organiza como retorno, pois ainda não encontrou um outro suficientemente vivo e presente para transformar sua experiência de atracamento ao objeto arcaico. Experiências primitivas de simbiose e ainda não individuação o mantinham preso pela raiz ao objeto primário. As imagens dos lagartos, formações de compromisso figuráveis, apresentam-se para a analista como pictogramas afetivos do campo que, antes de serem palavras, são vivenciados como emoções em forma, visualmente narradas, gerando forte impacto emocional para a dupla.

Para Cassorla (2016), quando a dupla analítica trabalha em áreas da mente de simbolização possível, as cenas e narrativas que surgem no campo analítico são providas de intensos componentes visuais. Tanto paciente quanto analista imaginam o que está sendo narrado. Desse modo Cassorla detalha o processo do sonhar da dupla analítica na sessão:

As experiências emocionais que são sonhadas pelo paciente são comunicadas ao analista através de símbolos, principalmente verbais, e identificações projetivas normais. O analista, usando sua capacidade de rêverie, experiencia o sonho do paciente e percebe as defesas que mascaram conflitos edípicos. Chamando a atenção para elas, o sonho do analista transforma o sonho do paciente em outro sonho com ampliação de seu significado. (p. 456)

Ao ressonhar o sonho do paciente, eu procurava formas de interpretar o conflito inconsciente que o mantinha atado ao seu “pecado original”, de modo que as defesas do eu fossem atenuadas. Não havia dúvida de que o sonho de Fábio era endereçado à analista, com elementos psíquicos selecionados e dramatizados, um “relatório do desejo do paciente dirigido ao outro” (Ricoeur, 2010, p. 61). Mas, como relembra Meltzer (1983), toda interpretação que o analista poderá fazer de um sonho será sempre o sonho dele próprio, sob a influência dos aspectos de sua realidade psíquica. Nas palavras de Meltzer:

O que parece acontecer é que o analista escuta o paciente e observa a imagem que surge em sua imaginação. Poder-se-ia afirmar, com razão, que ele permite que o paciente evoque um sonho em si mesmo. É claro que esse é o sonho dele e será moldado pelas vicissitudes de sua própria personalidade. (p. 90)

Mas, para além da imagem visual, a analista era afetada pela imagem sonora em sua rêverie, sendo comunicada do profundo sentimento de solidão e desamparo que habitava Fábio. A imagem sonora se une ao pictograma (imagem visual) para formar derivados narrativos (Ferro, 1995). Imagens sensoriais que, ao ingressarem na linguagem narrada, transformam-se em narrativa afetiva com potencialidade de ampliar o universo simbólico do paciente.

É no percurso da análise e no sonhar compartilhado das emoções que o tempo passado se presentifica e o tempo futuro se anuncia. Perelberg (2015) observa que o processo de elaboração ocorre “por meio de um percurso complexo de reunir afeto, representação, experiências sensoriais e somáticas, sonhos, associações e enactments, à

medida que se reúnem, encontram significado après-coup por meio do trabalho analítico” (p. 1.472). A autora reitera que o trabalho psicanalítico ocorre, por definição, no après-coup.

Em retrospectiva, encontramos o arcaico (Green, 1982/2017) na relação de hostilidade e de fúria que Fábio mantinha com seus objetos internos primários e se manifestava por meio de impulsos sexuais e agressivos que, não elaborados, minavam sua capacidade de criar e confiar em si. Esses impulsos inconscientes eram dirigidos a mim na transferência, na forma de sedução (lagartos de cor rara e brilhante que produziam curiosidade e fascínio) e de violência velada e camuflada (como a imagem perturbadora do sorriso do lagarto sonhada por mim). Seus sentimentos ambivalentes em relação ao objeto puderam ser acolhidos e interpretados, à medida que a analista vivenciava e compreendia, no après-coup, suas próprias rêveries.

Ribeiro (2024) discute como a capacidade de rêverie gera o pensamento/imagem, acentuando que primeiramente pensamos por imagens, depois chegamos à palavra:

A imagem que emerge com base na capacidade de rêverie do analista é apenas o aspecto visível de uma forma de pensamento em grande parte inconsciente; em outras palavras, refere-se à capacidade do analista de tornar visível a experiência invisível, de tornar apreensível o pensamento onírico de vigília, função diuturna da mente. A rêverie é a captação do inaudível e do imperceptível da experiência, algo que é apreendido pela intuição psicanalítica e transformado pela função alfa em uma forma, uma imagem sensorial: a rêverie. (p. 201)

O trabalho com Fábio demandou muita disponibilidade para escutar os aspectos sensoriais da experiência com ele. Fábio preenchia as sessões com uma variedade de narrativas históricas, sonhos noturnos, imagens que coloriam a conversa analítica. Com certa frequência eu compreendia seus movimentos como uma estratégia psíquica diversionista. Suas defesas ativadas para evitar contato com a dor mental sinalizavam uma verdade perturbadora sob a superfície da realidade, o que eu intuía como o enigmático no campo. Mais do que a narrativa produzida pelos elementos visuais, significativos para a analista, me impactava o estado emocional que tomava minha mente. A ocorrência de

imagens sensoriais e de afetos na mente do analista devem ser tratados de maneira distinta na análise.

Junqueira (2018) discute os aspectos que diferenciam os processos de rêverie e de figurabilidade e sugere que essa distinção se dá em termos da importância da imagem para cada fenômeno. Nos processos de rêverie, a autora afirma que “o mais importante não é a imagem que se forma para o analista, mas os sentimentos e a conexão emocional que ela suscita no seio de uma relação intersubjetiva” (p. 121). Enquanto nos processos de figurabilidade, prossegue Junqueira, a imagem formada para o analista é relevante: é essa imagem que vai formar e manter ligadas as marcas inscritas de modo fragmentado na mente do analisando.

O próximo recorte clínico tem o objetivo de servir como uma ilustração mais detalhada dos modos como os processos de figurabilidade podem ocorrer no campo analítico. E, com eles, a emergência de experiências estéticas com potencialidade transformadora para o psiquismo. Seguirei com minhas elaborações sobre a experiência estética como acontecimento criativo no campo, em diálogo com autores que trataram da dimensão estética da psicanálise.

### **Vinheta 3: *Maman***

Em uma segunda-feira após uma semana em viagem de férias, retornei ao consultório e esperava Paula para a sessão. Chegou calada e, como de costume, colocou a bolsa na mesa ao lado do divã, tirou as sandálias e deitou-se. Durante um silêncio inicial, minha atenção se desviou para providências no consultório que eu deveria resolver rapidamente. O condomínio avisara de uma dedetização geral que deveria acontecer em poucos dias, me deixando aborrecida por esse serviço não ter sido executado durante meus dias de férias.

Paula me trouxe de volta de meu devaneio ao começar a falar: “Esses dias em que ficamos sem nos encontrar, acabei permanecendo em casa sem contato com o mundo exterior. Despachei meu trabalho por e-mail e preferi não falar com ninguém. Assim não me

aborreço com as questões de sempre.” Seu aborrecimento estava claro para mim. Pensei no que ela havia sentido enquanto estávamos separadas. Ela queria evitar aborrecimentos com pessoas próximas, mas, sobretudo, com a mãe e imaginei que estivesse também zangada comigo, por tê-la deixado na semana anterior, tendo que se resolver sozinha com suas inquietações mentais. Falei de minhas impressões a ela, o que me pareceu tê-la confortado.

Havia uma queixa frequente em relação à mãe e cada ausência significativa era marcada pela lembrança, envolta em ressentimento, de um tempo em que a mãe a deixava sozinha em casa, dizendo que ela podia se cuidar. Eram momentos em que Paula, ainda menina, tinha pesadelos em que a casa era invadida por seres estranhos. Quando estava sozinha em casa, fechava todas as portas e janelas e permanecia quieta, aguardando a mãe voltar. Eu também era a mãe egoísta e descuidada que a abandonara por uma semana, deixando-a sozinha para lidar com seus medos e fantasias que ameaçavam sua frágil estabilidade emocional.

Enquanto escutava Paula sobre sua semana trabalhosa, minha mente foi invadida pela imagem visual imponente de uma aranha, diante de mim. Aquele *flash* de imagem – que descrevo como o flash visual<sup>12</sup> designado por Meltzer (1983) – misturou-se com o registro em minha mente da dedetização programada no consultório. Essa associação me deixou confusa. Somente depois pude relacionar minha imagem visual às fantasias infantis de Paula com seres invasores estranhos e a um sonho recente dela, de estar sendo envenenada.

Paula trazia sonhos recorrentes de “coisas estranhas” invadindo seu corpo, sua casa, colocando-a em perigo. Semanas antes de minhas férias, trouxe um sonho em que um líquido era lentamente introduzido em seu corpo por um tubo conectado ao acesso

---

<sup>12</sup> Em seu clássico trabalho sobre a vida onírica, *Dream Life*, Meltzer (1983) nomeou de flash visual o fenômeno que alguns pacientes vivenciavam no consultório como flashes: imagens súbitas, vívidas e enigmáticas, que não pareciam relacionadas à conversa analítica imediata (pp. 88-89).

venoso em seu braço. Ela recebia aquele líquido necessário, sem saber se era alimento ou remédio. Depois de um tempo, constatava que estava sendo envenenada. O sonho foi interrompido pelo seu despertar.

Nas sessões com Paula, eu sentia o impacto contratransferencial de suas fantasias com o corpo materno, vivenciado como invasivo, outras vezes reclamado por ela como o casulo protetor de que necessitava. Eu era atravessada pela angústia que a paciente sentia. Levava um certo tempo para metabolizar os afetos que transbordavam na transferência, até sentir clareza para interpretá-los, reunindo-os às suas fantasias, oferecendo-lhe nova via para seus pensamentos.

Naquela sessão de segunda-feira, eu fiz primeiramente uma conexão do flash visual da aranha com uma imagem que muito me impressionara, quando a encontrei, certa ocasião, em uma visita ao museu. Refiro-me à gigantesca aranha de três metros de altura e mais de cinco metros de largura, esculpida por Louise Bourgeois em 1996 e exposta no Museu de Arte Moderna de São Paulo por 20 anos. Era uma homenagem da artista à sua mãe, tecelã. Mais tarde, Bourgeois (1999) criou a série *Maman* (mamãe, em francês) espalhando aranhas monumentais por museus ao redor do mundo. As aranhas representam as memórias de infância da artista e sua mãe, evocando tanto força e proteção, quanto ameaça.

Associei as representações da imagem da aranha, em meu devaneio, ao corpo materno da fantasia de Paula na qual garras gigantes a mantinham aprisionada. Também associei suas queixas de intrusão ao sonho em que o corpo-líquido entranhava seu próprio corpo, intoxicando-a. E envenenando-a.

*Analista:* Lembrei-me de seu sonho em que um corpo estranho penetra você, enquanto espera ser protegida, ao contrário, é intoxicada. Essa cena sonhada me fez lembrar de outra cena, das aranhas-mães que protegem seus filhotes produzindo um líquido no corpo e alimentando as crias com seu próprio corpo, na escassez de alimento. Você parece me dizer o quanto teme essa força que sente atuar em você,

como um corpo feminino potente, que te alimenta, ao mesmo tempo teme ser aprisionada e envenenada com suas garras.

Essa sessão trouxe para a dupla analítica a possibilidade de explorar novos percursos no trabalho de elaboração dos afetos e pensamentos que eram um impedimento para uma relação mais pacífica da paciente com sua própria existência. As rêveries da analista e os sonhos de Paula tinham relação íntima com a forma como, na transferência, a paciente vivenciava sua sexualidade e tinha o objeto primário materno no núcleo de seus conflitos.

Meu sonhar com Paula na sessão deslocou e condensou a imagem das aranhas de Bourgeois e sua representação da mãe tecelã, com a associação das aranhas-mães que doam seu próprio corpo aos filhotes para servir-lhes de alimento na fome. Essa interpretação construída a dois teve importância decisiva naquele momento da análise para a transformação de sentidos. Permitiu a Paula apropriar-se mais de seu corpo.

Com este exemplo clínico, pretendo enfatizar a função sonhante do campo analítico e os fatores que promovem ou interferem na função do sonhar, além dos fatos que emergem no campo intersubjetivo decorrentes de processos de figurabilidade. No trabalho analítico, os fios da existência, associados a dois, se entrelaçam num todo, e do emaranhado de imagens, afetos, representações e os restos do não representado, forma-se uma trama indissociável da existência. Como na teia da aranha em que cada fio é tecido ligando-se a outro e constituindo uma rede multifuncional e resistente, cada fio da experiência emocional dá sustentação aos vínculos e à história que o sujeito vai construindo em sua existência, por meio do encontro criativo, sintonizado e genuíno.

Dias após nossa conversa sobre as fantasias de Paula com o corpo feminino e sua própria potencialidade negada, eu tive um sonho noturno em que um amigo caminhava comigo e perguntava se eu estava bem. Ele parecia preocupado com algo que eu não tinha conhecimento. Com uma clareza nas palavras que se destacou no sonho, eu disse a ele: “A cura interna é um processo que leva muito tempo”. Ao acordar e lembrar dessas palavras, pensei que, apesar de o sonho ser meu, era ainda vestígio do trabalho do sonho-a-dois que

se projetava em minha mente e continuava reverberando, como a tessitura infinita que constitui nosso ser.

### **Discussão 3**

No decorrer de uma análise, muitos conteúdos podem ficar sem significado durante um tempo, às vezes anos, até que em algum momento um fato clínico irrompe o campo – uma rêverie, uma imagem, a lembrança de um filme, pensamentos fugazes – e dá sentido à experiência emocional. Nos encontros seguintes com Paula, pude investigar a relação de meus pensamentos dispersos, sobre organização de minha agenda e a dedetização que deveria ocorrer no consultório, com os elementos despertados no pré-consciente, que constituem uma rêverie.

Enquanto nós duas ficamos com “a casa fechada”, durante minha ausência de férias, aranhas se impregnaram no ambiente analítico do campo transferencial e minha paciente se viu intoxicada. Apesar dos aborrecimentos que suas queixas podiam representar para mim, em momentos de menor receptividade de minha parte, era preciso cuidar da casa interna, identificando seus conteúdos nocivos e tratando-os. Para Paula, a análise tinha a função de arejar sua casa interna, abrir janelas e permitir que o ar entrasse para respirar mais profundamente, mais confiante e cuidadosa de encontros que poderiam intoxicá-la.

Destaco alguns fatos clínicos desse último recorte de sessão analítica. A rêverie da analista, inicialmente atravessada pelo incômodo prático da dedetização, demonstra a natureza permeável do campo (Ferro, 1995). Elementos da realidade exterior (agenda, dedetização) forçaram espaço na mente da analista e se comunicaram com fatos internos que afetavam paciente e analista no campo transferencial (vivência de separação e ausência do objeto, fantasia de abandono, sentimentos agressivos, invasão de elementos tóxicos). Reunidos, esses elementos se juntaram à rede de pensamentos inconscientes e pré-conscientes, produzindo novas ocorrências e fantasias internas, fatos internos novos.

O flash visual (Meltzer, 1983), a imagem da aranha corpulenta, irrompeu na mente da analista como um novo elemento quase alucinatório (Ribeiro, 2024). Conforme esclarece

essa autora, a imagem é “vista” externamente, mas se distingue de uma alucinação porque seu sentido pode ser apreendido a posteriori (p. 202). Meltzer ressalta que a intrusão de flashes na conversa analítica remete ao que Freud apontou como o corpo entrando na conversa, quando se referiu à cena de Dora brincando com sua bolsa.

Na versão de Meltzer (1983) da metáfora freudiana, “o processo onírico entrou na conversa” (p. 89) na forma de linguagem visual de forte significação, reunindo elementos que permearam a mente da analista e a afetaram. Minha confusão inicial combinando o flash visual da aranha e a dedetização pôde evoluir para uma interpretação, ao conectar com o material onírico da paciente e com a situação traumática presente no inconsciente atual.

Minha interpretação articulando aranha – mãe – líquido corporal – proteção – garras aprisionadoras produziu um enlace narrativo para a produção de novos símbolos que puderam, no trabalho analítico, ser metabolizados pela paciente e entrar para seu universo simbólico. Ao oferecer novas conexões imaginativas, a analista-mãe produziu alimento psíquico para a paciente, que pôde usá-lo sem a ameaça produzida por seus sentimentos hostis projetados no objeto (analista). Em outras palavras, a analista, afetada por elementos sensoriais, imagéticos e verbais que emergiram na situação analítica, buscou significá-los em palavras que produziram novas imagens e novos significados. Cassorla (2015) ressalta que o analista pode não encontrar palavras para representar a experiência e a cena analítica continuará numa busca por significações para desenvolvimento emocional.

Meu sonho (na sessão) da aranha-mãe protetora ganhou figurabilidade a partir da imagem em flash da aranha corpulenta e se conectou às outras imagens oníricas e rêveries para construir a interpretação. A partir dessa experiência emocional, Paula pôde aproximar-se do objeto amado de sua infância e transformar laços afetivos antes atados pelo ressentimento. Por meio do trabalho da figurabilidade, em diferentes níveis, a paciente pôde entrar em contato com aspectos de sua sexualidade infantil, que surgiram como elementos imagéticos na mente da analista.

No lugar da memória sem recordação, uma memória que não existe para a paciente, a analista constrói uma imagem-sonho em sua mente (uma ação), que é compartilhada com a paciente para um novo sentido em seu psiquismo. No trabalho do sonhar compartilhado em que a mente do analista atua para transformar trauma em lembrança, Paixão (2025) destaca o papel da sensorialidade como uma via que “amplifica o potencial criativo e transformador da escuta analítica” (p. 63).

O trabalho de figurabilidade participa das funções do campo e acontece como um ato criativo, pelo qual experiências que não tinham representação são representadas no trabalho da análise. Botella e Botella (2003) salientam que, pela regrediência, emerge da psique o acontecimento que constituiu o sexual primordial: a ligação da pulsão ao objeto perdido da satisfação alucinatória (p. 279). Assim, a memória sem lembrança, inacessível ao paciente, ganha figurabilidade (um registro imagético) e uma memória substitutiva é formada, reorganizando a rede simbólica.

Outra metáfora freudiana usada por Botella e Botella (2003) ajuda-me a pensar a importância fundamental da regrediência nos processos psíquicos: eles a designam a “profissão de tecelão do aparelho psíquico, onde se tramam as ligações até o infinito” (p. 279). Os autores enfatizam que rêveries, flashes, sonhos e muitos outros fatos psíquicos fazem parte dos processos que constituem o vasto campo do trabalho da figurabilidade.

Em seu estudo sobre rêveries, Aguiar (2025), acompanhando Botella e Botella, observa que a regrediência permite ao analista que sonha a sessão com seu paciente alcançar o mundo das imagens. E, no caminho regrediente, ir da representação até a figura; aquilo que até então não era acessível no mundo interno do paciente pode ser acessado. Aguiar destaca a ênfase que aqueles autores dão à necessidade de a psicanálise expandir suas investigações para abranger toda a complexidade do psiquismo, para além da representação.

## **O traumático e a dimensão dramática do encontro**

O trabalho da figurabilidade se faz presente e mais ativo à medida que a análise avança, nos sonhos noturnos do paciente, nas rêveries da analista, nos sonhos-a-dois, e novas aberturas vão se criando. O que se repete na sessão de análise ganha figurabilidade em sonhos, mas nem sempre evolui para uma elaboração. Pode ficar ali, no invisível, no silêncio, nos afetos contidos, nas emoções que transbordam e convoca o analista a vivenciar essas emoções com o analisando sob o impacto do traumático.

A dupla analítica pode permanecer imobilizada por longo tempo, sob o domínio da compulsão à repetição, num enactment crônico (Cassorla, 2012), até que algo aconteça e rasgue as malhas rígidas do campo do traumático. Mas o arcaico está sempre presente (Green, 1982/2017) e, tal como a imagem poética de Woolf (1928/2015) sobre a existência, o processo analítico mantém-se envolto em um emaranhado de fios que se desenrola e se enreda, é tecido e é desfeito sem que o entramado seja concluído e seja vista a figura inteira. E nunca se vê o desenho inteiro.

Perelberg (2016) afirma que no après-coup da análise podemos ter acesso aos traços do arcaico traumático, que poderá, em parte, encontrar representação no aqui-e-agora da sessão analítica. Em *Estudos sobre a histeria*, Freud (1895/2016) enfatizou a ação persistente do traumático, como um “corpo estranho” (p. 221) que entra na psique e precisa ser descarregado, pois não é acessível à simbolização. Segundo Freud (1933/2010g), os sonhos reconduzem os pacientes “regularmente à situação traumática” (p. 155) das vivências infantis. Com a virada de 1920, os sonhos traumáticos e as situações estagnadas e angustiantes vividas em análise, resistentes a processos de simbolização, entraram para o domínio da compulsão à repetição (Freud, 1920/2010a).

A mudança paradigmática introduzida por Freud levou a desdobramentos teóricos que enfatizam o aspecto dramático da sessão analítica, pela atuação da dupla na situação de análise (Sandler, 1976; Perelberg, 2015, 2016). O trabalho do analista na sessão deslocou-se da atenção à representação para a atenção à atuação, com a “compreensão de que os pacientes atuam mais do que recordam” (Perelberg, 2016, p. 1.587). Sandler aponta que na interação dinâmica do campo da transferência e contratransferência, o paciente

“impõe” uma ação no analista e este responde em sua “contratransferência útil” (p. 45). Para Joseph (1985), “a noção de (analistas) sermos usados e de algo estar constantemente acontecendo, se apenas pudermos perceber isso, abre muitos outros aspectos da transferência” (p. 447). Por exemplo, movimentos e mudança afetando constantemente a dupla.

Segundo Perelberg (2015, 2016), a dimensão dramática está presente em qualquer tratamento analítico: a repetição de vivências traumáticas, que é característica da situação analítica, “cria um encontro dramático” no qual “paciente e analista repetem minimamente uma interação que é relevante para o passado do paciente” (Perelberg, 2016, p. 1.587-88). O paciente, via identificação projetiva, age e provoca uma resposta no analista, quando é então “empurrado a responder de certa maneira” (p. 1.588). Para a autora, a dimensão dramática da situação de análise é traumática por natureza, porque traz para a cena analítica o estado de desamparo do recém-nascido (Perelberg, 2007, 2016).

Por meio de minhas rêveries e dos sonhos compartilhados no aqui-e-agora da sessão, eu me vejo dramaticamente mobilizada pelos fatos psíquicos de diferentes dimensões inconscientes que tomam a cena analítica. A atuação, uma resposta à afetação dos sujeitos do campo, tem como produto as rêveries e devaneios, os flashes, as sensações corporais, as imagens fugazes. Enfim, é na dimensão dramática que se dá o acontecimento estético, a experiência singular e única de sentido que nasce da emoção no encontro.

### **Experiências estéticas e criação**

Encontramos em Freud (1919/2010c) uma primeira referência ao campo da estética na psicanálise como uma teoria das qualidades do sentir e da percepção, não limitada à teoria do belo. Já na virada para sua nova teoria pulsional, Freud anunciava os domínios do demoníaco em seu trabalho *O inquietante*, em que afirma que raramente o psicanalista sente-se inclinado a investigações estéticas. Bion (1965/2004b), com sua teoria das transformações, expandiu o campo de observação do psicanalista para experiências

intuitivas e para domínios estéticos, colocando a emoção como central à experiência humana e o conhecimento como experiência estética (Braga, 2016; Levy, 2019).

A centralidade da emoção no encontro com o outro foi reforçada por Meltzer em *A apreensão do belo* (Meltzer & Williams, 1988/1994), ao descrever o conflito estético vivenciado pelo bebê, que sente encantamento, ao mesmo tempo medo e angústia diante de sua mãe. O conflito estético, entre o belo e o mistério, seria o início do desenvolvimento, seguindo pela vida como indispensável ao crescimento mental. Segundo Meltzer, a experiência estética que acontece no contato com o objeto é caracterizada por emoções e sensações intensas, e não pela razão que pode ser incitada pelo encontro.

Civitarese (2017b, citado por Levy, 2020) traz uma radicalidade ao modelo estético de psicanálise, situando a experiência estética da dupla analítica no centro da relação psicanalítica, do senso de verdade e do crescimento mental. Ele propõe que a experiência estética pode elevar o funcionamento mental a um nível superior, do sublime (p. 1.276). Tanto Meltzer e Williams (1988/1994) como Civitarese argumentam que o desenvolvimento dessa imaginação especulativa seria a função poética do inconsciente, pois cria imagens que possam conter a emoção do encontro com o outro.

O fenômeno estético tem a potencialidade de gerar um efeito emocional forte entre analista e analisando. Por sua vez, nessa esteira, a emoção dá o sentido da experiência e este sentido advém de um processo de construção simbólica (Meltzer & Williams, 1988/1994). É a essa emoção como elo da experiência entre dois sujeitos e o inconsciente, com a função poética de construir imagens dotadas de significado e emocionalidade, que Levy (2019) atribui a dimensão estética da psicanálise (p. 74)

Perrini (2017) observa que, quando trabalhamos com os sonhos-a-dois, ocorrem sensações e percepções na dupla analítica e o trabalho de sonho-alfa do analista, e sua comunicação ao paciente, permitem a emergência de formas estéticas sentidas e percebidas na relação intersubjetiva psicanalítica. Segundo Perrini, o analista fica diante de três trabalhos mentais: apreender o sonho diurno, que pode vir como “um lampejo, um espanto, um poema, uma imagem, uma música, uma história constituída” (p. 145); dar uma

expressão verbal ao sonho; e trabalhar com o paciente o sonho que, a partir da experiência emocional despertada pelo sonho diurno e do trabalho de sonho-alfa, vai sendo sonhado a dois na sessão.

Como se vê, os autores que investigam o fenômeno estético na sessão de análise vinculam-no a uma intensa experiência emocional, que induz ao pensamento criativo e à expansão da mente, ou, quando a emoção é insuportável, a *acting out* (Levy, 2019). As vinhetas clínicas apresentadas acima são exemplos de como os elementos sensoriais, imagéticos e verbais dotados de emocionalidade surgem nos sonhos sonhados por analista e paciente e vão construindo uma narrativa emocional, num acontecimento criativo. Ribeiro (2022) afirma que as rêveries se manifestam como uma capacidade imaginativa da mente ou um pensamento imaginativo em busca de um pensador na dupla analista-analisando.

Defino a experiência estética no campo do sonhar como uma vivência emocional na borda entre a sensorialidade e a realidade psíquica. Ela emerge no campo analítico como uma ruptura, nas rêveries, nas imagens dos sonhos, nas atmosferas carregadas de sentido emocional, produzidas no encontro entre paciente e analista. Os elementos estéticos participam do processo de simbolização dos conteúdos até então não possíveis de serem pensados. São matéria compartilhada do sonhar em sessão (compõem os sonhos-a-dois) e impulsionam a criação e novos sentidos da experiência da dupla analítica.

A experiência estética é o sentido pessoal e único que se dá à experiência emocional e que surge no compartilhamento de emoções no encontro analítico. É uma espécie de leitura que se faz da experiência emocional, e só naquele momento em que acontece, porque a próxima experiência será diferente. Na construção de sentidos da dupla analítica, a experiência estética é a via para que uma análise se dê e dessa leitura permanente se faz o processo analítico.

Entendo que o fenômeno estético se dá na nascente dos sentimentos e desponta com a intuição – fenômeno que Bion (1965/2004b, 1970/2006) relacionou com a capacidade negativa, um estado mental que favorece o pensamento imaginativo. Em *Seminários clínicos y quatros textos*, Bion (1976/1992) explicita o problema que envolve a definição de

fatos como a intuição e os sentimentos. Ele usa a ideia de Kant (1724-1804) de que intuições sem conceito são cegas e conceitos sem intuição são vazios, para introduzir a questão:

Como fazemos para expressar, em termos racionais e conscientes, algo que pode estar reconhecidamente ligado a um sentimento? Às vezes penso que um sentimento é uma das poucas coisas que os analistas têm o luxo de poder contemplar como um fato. Se os pacientes se sentem com raiva, com medo, sexualizados ou o que quer que seja, podemos pelo menos supor que isso é um fato. Mas quando embarcam em teorias ou em coisas que conhecem de ouvidos, não podemos distinguir o fato da ficção. (Bion, 1976/1992, p. 241)

Para o propósito deste estudo, a questão da intuição pode ser pensada como a fonte do pensamento imaginativo, o que Chuster (2019, 2024) chama de imaginação criadora. Ao ler as ideias de Chuster (2023) sobre criação, utilizando o exemplo de autores que têm o dom de associar certas palavras dando-lhes um aspecto inusitado ao sentido comum, considero que a capacidade intuitiva e criativa no analista está intimamente ligada à sua percepção estética.

Acompanhando Chuster, Ribeiro (2022) propõe que a intuição é uma criação imaginativa cujo sentido se dá a posteriori, e ocorre entre cesuras da área indiferenciada da mente (o infinito) e a área diferenciada (o finito). Nessas cesuras, instantâneas e fugazes, a intuição evoluiria para a rêverie. Nas palavras de Ribeiro: “a intuição (não sensorial) evolui para uma rêverie (sensorial) que emerge entre várias cesuras (...) nos estados mentais do analista na sessão” (p. 155).

Compreendo esse trânsito entre a intuição e a rêverie como o espaço do acontecimento estético. A experiência estética depende do estado de rêverie do analista para irromper o campo analítico. É algo que toca a alma, uma experiência emocional profunda e uma abertura criativa da dupla. O que chamo de abertura criativa é a possibilidade de a dupla fazer construções simbólicas que resultam em narrativas de potencialidade transformadora para o analisando. Essa abertura é favorecida pela escuta

estética (Figueiredo, 2014), uma escuta para captar as qualidades sensíveis da experiência emocional que são traduzidas no trabalho de sonho-alfa do analista.

Desse modo, a experiência estética, que margeia a sensorialidade e o psíquico, é favorecida pelos movimentos do campo do sonhar e abre um processo criativo no campo, quando a experiência emocional pode ser acolhida, vivenciada e pensada pela dupla analítica. Torna-se a via princeps para a construção compartilhada de uma narrativa emocional, pois é o que, individualmente, dá sentido às experiências vividas em dupla e, assim, pode dar sustentação à existência da pessoa. É o que podemos chamar de cura em psicanálise, um processo de maturação psíquica que expande para o infinito, em movimentos oscilatórios, acontecimentos estéticos, abertura criativa e construção de sentido para a vida psíquica.

*Pensava que quando se sonha tão grande, a realidade aprende.*

*Valter Hugo Mãe, O filho de mil homens*

### Considerações finais

Na fase final de pesquisa e formulações teóricas desta tese, tive um sonho noturno significativo, cujos restos diurnos utilizados pelo trabalho de sonho oferecem associações sobre o processo de construção de teorias. O enredo do sonho leva a refletir sobre a evolução e a modificação de conceitos, quando pontos de vista distintos e a própria subjetividade dos autores marcam as diferenças teóricas e despertam novas ideias. O sonho também ajuda a pensar sobre o fenômeno estético da forma como busquei delinear neste trabalho.

Eis o sonho:

Eu estava em um grande saguão de aeroporto e muitos colegas transitavam por ali, parecia fim de congresso de psicanalistas quando todos se reencontram e se despedem, na volta para casa. Um colega psicanalista e autor, que muito me ajudou em minhas elaborações teóricas para esta tese, carregava muitas malas e precisava despachá-las. Eu me ofereci para cuidar das malas dele temporariamente. Depois de um certo tempo e de trânsito intenso no aeroporto, eu me dei conta de que estava com as malas do colega e precisava devolvê-las! Aquelas não eram as minhas malas e eu precisava das mãos livres para conduzir a minha própria bagagem. Ele havia se distanciado e comecei a procurá-lo. Felizmente, esse sonho se encerrou com uma realização de desejo: encontrei meu colega, devolvi-lhe o que lhe pertencia e pude caminhar para o meu destino, com minhas mãos e minha mente livres para carregar comigo meu acervo, a bagagem com meus pertences e o que havia ampliado minha mente no encontro científico e afetivo.

O processo de elaboração de um pensamento teórico, do modo como as teses acadêmicas se propõem a fazer, envolve um trabalho de integração, de depuração e de ressignificação conceitual, que busca colocar conceitos clássicos e contemporâneos para dialogar. Essa articulação de conceitos corresponde a converter noções dispersas em um corpo teórico coerente, o qual deveria ser capaz de sustentar a investigação clínica e a reflexão do método, conforme foi o destino que busquei tomar para a construção da tese de

meu doutorado. Espera-se das ideias herdadas do campo teórico, articuladas e transformadas, que sejam integradas em novas sínteses. Devemos incorporar as teorias para que sejam esquecidas – como diz Ribeiro (2024), da maneira como os exercícios técnicos se fazem úteis para o músico.

Essa metabolização das teorias tem suas vicissitudes. Busch (2023) comenta a variedade de pontos de vista de autores pós-bionianos concernentes ao uso clínico da rêverie, a partir do conceito originado em Bion (1962/2021). Nas palavras de Busch,

Existem muitos pontos de vista sobre o que acontece na mente do analista que determina se ele está tendo uma rêverie, e o mesmo vale para o que o analista pode fazer com sua rêverie que seja transformador para o paciente. Em geral, a respeito do uso clínico da rêverie, eu diria que, até o momento presente, não existe um ponto de vista pós-bioniano unificado, apenas os pontos de vista de pós-bionianos. (p. 63)

Isso não quer dizer que não haja várias concordâncias entre os pós-bionianos sobre a natureza da rêverie como uma coconstrução das mentes de analista e analisando. No entanto, Busch ressalta os diferentes pontos de vista a respeito de “onde”, na mente do analista, uma rêverie se forma, se no pré-consciente ou no inconsciente. Lembra o autor que, “às vezes, quem escreve muda de ponto de vista sem notar a modificação” (p. 64).

Sobre esta e outras posições dissonantes a respeito da rêverie, Busch se debruça em uma criteriosa pesquisa para destrinchar as semelhanças e diferenças entre os autores e tirar suas conclusões. Ele se coloca mais a favor da noção de Rocha Barros (2000) sobre o pictograma afetivo, pois “o afeto que acompanha a imagem pode refletir de onde a imagem está vindo ao longo da dimensão pré-consciente-inconsciente” (p. 179). Mas, acrescenta Busch, de onde do inconsciente a imagem vem e se pode tornar-se representada “permanecem a ser descobertos em cada pictograma” (p. 181).

A discussão sobre a evolução do pensamento teórico se junta à reflexão sobre o pensamento clínico, definido por Green (2002, citado por Urribarri, 2013) como o modo original e particular de realizar e racionalizar a experiência que emerge na prática clínica, na relação singular que o analista tem com o outro. O pensamento clínico é o destino para as

elaborações teóricas, apuradas pelo olhar do analista para a experiência emocional que ele vive na clínica. Isso abrange as realizações internas do psicanalista fora de sua clínica, mas, a meu ver, sempre envolve um encontro estético com algo inesperado, a ideia não pensada que irrompe, ganhando sentido.

No mesmo contexto do sonho com a analista, com o qual iniciei esta narrativa escrita, o sonho com o colega autor desperta um elemento estético que vai agregar-se e dar sentido ao meu processo de elaboração de pensamentos para alcançar a integração das ideias. Assim, o elemento estético provoca uma experiência emocional que irrompe o campo e, através do trabalho de sonho alfa, pode ser pensada e prover significado.

Ferreira Gullar (2016) nos oferece uma bela imagem sobre a criação poética (estética). Ele diz que a poesia nasce do espanto: ela nasce de algo que não tem explicação prévia e que, ao acontecer, surpreende. A imagem é um ato criativo, semelhante a criação artística (Busch, 2023), pois já é uma representação simbólica. A imagem sonhada irrompe e salta à mente do analista, um ato criativo que, na forma de rêverie, tem uma textura essencialmente intersubjetiva, pois é tecida pelos afetos mobilizados no encontro com o outro.

É preciso acrescentar que, em minhas articulações, não estou relacionando a experiência estética em sua vertente do sublime (Civitarese, 2017), pelo menos não somente. Entendo que esta é uma das possíveis assimilações da experiência estética. Perrini (2017) desenvolve a acepção de sublime de Likierman, que remete a uma vivência primitiva de “algo essencialmente bom” (p. 146) e fonte das experiências estéticas e relaciona a experiência estética a uma “experiência originalmente boa internalizada” (p. 146). Perrini também a distingue da experiência idealizada descrita por Melanie Klein (1946/1991) e do conflito estético de Meltzer e Williams (1988/1994), que alude às vivências do bebê acerca da fascinação e do belo, de medo e horror, frente à imagem da mãe.

Como adverte Willemart (2009), na obra dos artistas, o belo é apenas para atrair. Esclarece: o objetivo essencial de qualquer arte (ele cuida de enumerá-las: a literatura, a pintura, a música, a escultura, a arquitetura etc.) e de sua função estética “não é

primeiramente ser admirada; a beleza é apenas uma isca, para não dizer uma armadilha, destinada a atrair o olhar ou a audição” (p. 153). Willemart cita a proposição lacaniana da função da beleza na tragédia, a de criar uma barreira radical para impedir o acesso a um “horror fundamental” (p. 153).

Enquanto campo que se propõe a alcançar as dimensões radicais da existência humana, a psicanálise oferece sua função *poiética* (Chuster, 2024), como ato de criação no sentido mais amplo. O método psicanalítico abre um campo para o encontro de subjetividades e reafirma o compromisso ético de cuidar, dando condições para uma escuta afinada que favorece a cocriação no encontro analítico.

No campo grupal do WP, a Microscopia oferece esse exercício estético de entrelaçar experiências, na configuração de várias mentes trabalhando e pensando juntas. A exploração de fatores que influenciam o campo obstruindo a função criadora e a formação de imagens (rêveries) na mente do analista, bem como fatores que interferem a comunicação inconsciente, podem abarcar outra via de observação em potencial, que constitui uma linha para continuidade deste trabalho.

## Referências

- Aguiar, A. F. (2025). *Entre penumbra e centelhas: as reveries no encontro analítico*. Blucher.
- Aulagnier, P. (1975). *A violência da interpretação: do pictograma ao enunciado*. Imago.
- Bach, J. S. (1750). *The Art of Fugue* (BWV 1080) [Composição musical].
- Baranger, M., Baranger, W., & Mom, J. (1982). Proceso y no proceso en el trabajo analítico. *Revista de Psicoanálisis*, 39(4), 527-549; *International Journal of Psychoanalysis*, 64, 1-15, 1983.
- Baranger, M., & Baranger, W. (2008). The analytic situation as a dynamic field. (S. Rogers & J. Churcher, Trads.). *Internacional Journal of Psychoanalysis*, 89(4), 795-826. (Trabalho original publicado em 1961-1962)
- Bernardi, R. (2002). The need for true controversies in psychoanalysis. *International Journal of Psychoanalysis*, 83, 851-873.
- Bion, W. R. (1975). *Experiências com grupos: os fundamentos da psicoterapia de grupo*. Imago; Ed. da Universidade de São Paulo. (Trabalho original publicado em 1961)
- Bion, W. R. (1981). Cesura. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 15, 123-136. (Trabalho original publicado em 1977)
- Bion, W. R. (1992). La evidencia. In W. R. Bion, *Seminarios clínicos y cuatro textos* (pp. 237-244). Lugar Editorial. (Trabalho original publicado em 1976)
- Bion, W. (2000). *Cogitations* (E. H. Sandler e P. C. Sandler Trads.). Imago. (Trabalho original publicado em 1992)
- Bion, W. R. (2004a). *Elementos de psicanálise*. (J. Salomão Trad.). Imago. (Trabalho original publicado em 1963)
- Bion, W. (2004b). *Transformações: do aprendizado ao crescimento*. (E. H. Sandler e P. C. Sandler Trads.). Imago. (Trabalho original publicado em 1965)
- Bion, W. (2006). *Atenção e interpretação*. (P. C. Sandler Trad.). Imago. (Trabalho original publicado em 1970)
- Bion, W. (2021). *Aprender da experiência* (E. H. Sandler Trad.). Blucher. (Trabalho original publicado em 1962)

- Bion, W. R. (2022). Um teoria do pensar. In W. R. Bion, *No entanto... pensando melhor*. (P. C. Sandler Trad., pp. 157-170). Karnac. (Trabalho original publicado em 1962)
- Bollas, C. (2002). *Free Association*. Icon Books UK; Totem Books USA.
- Bollas, C. (2012). *A questão infinita*. Artmed.
- Bollas, C. (2013). A interpretação da transferência como uma resistência à associação livre. In C. Bollas, *O momento freudiano* (pp. 63-74). Roca.
- Botella, C., & Botella, S. (2003). Figurabilidade e regrediência. *Revista de Psicanálise da SPPA*, 10(2), 249-341.
- Botella, C., & Botella, S. (2005). *The work of psychic figurability: mental states without representation*. Brunner-Routledge.
- Botella, C., Ferro, A., Ogden, T., & Parsons, M. (2008). Rêverie-reverie: o sonhar do psicanalista na sessão. *Alter Revista de Estudos Psicanalíticos*, 25-26(1-2), 155-185.
- Bourgeois, L. (1996). *Spider* [Escultura]. Museu de Arte Moderna de São Paulo.
- Bourgeois, L. (1999). *Maman* [Série de esculturas].
- Braga, J. C. (2016). Transferências? Transformações? Encontros estéticos? Como me encontro hoje com esses conceitos na prática clínica? In C. J. Rezze, C. A. Camargo, & E. S. Marra (Orgs.), *Bion: transferência, transformações, encontro estético* (pp. 90-107). Primavera Editorial.
- Busch, F. (2023). *Rêveries do analista: investigações do conceito enigmático de Bion* (T. Zalberg Trad.). Blucher.
- Canestri, J. (2010). Grupo de Trabalho sobre questões teóricas. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 44(3), 43-52.
- Canestri, J. (Ed.). (2012). *Putting theory to work: How are theories actually used in practice?*. Karnac Books.
- Carneiro, C. A., & Lazzarini, E. R. (2018). A bissexualidade psíquica na constituição do sujeito: sobre suas origens e destinos identitários. *Revista de Psicanálise da SPPA*, 25(3), 585-612.
- Caper, R. (2002). *Tendo mente própria: uma visão kleiniana do self e do objeto*. Imago.

- Cassorla, R. (2005a). Considerações sobre o *sonho a dois* e o *não-sonho a dois* no teatro da análise. *Revista de Psicanálise da SPPA*, 12(3), 527-552.
- Cassorla, R. M. S. (2005b). From bastion to enactment: the 'non-dream' in the theatre of analysis. *International Journal of Psychoanalysis*, 86, 699-719.
- Cassorla, R. M. S. (2012). What happens before and after acute enactments? An exercise in clinical validation and the broadening of hypotheses. *International Journal of Psychoanalysis*, 93, 53-80.
- Cassorla, R. (2013). Afinal, o que é esse tal *enactment*? *Jornal de Psicanálise*, 46(85), 1-10.
- Cassorla, R. M. S. (2015). *O psicanalista, o teatro dos sonhos e a clínica do enactment*. Karnac.
- Cassorla, R. M. S. (2016). O campo analítico como campo do sonhar. *Revista de Psicanálise da SPPA*, 23(3), 447-476.
- Cassorla, R. (2017). Dreams and non-dreams: a study on the field of dreaming. Em M. Katz, R. Cassorla, & G. Civitarese (Eds.), *Advances in Contemporary Psychoanalytic Field Theory: Concept and Future Development* (pp. 91-112). Routledge.
- Cassorla, R. (2023). O arcaico do caráter e a clínica contemporânea: reflexões a partir de *O eu e o isso*. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 57(4), 149-165.
- Cassorla, R. M. S., Gavião, A. C. D., Carneiro, C. A., Galvani, M. R. P., Silva, M. P., & Carvalho, R. M. L. (2016, outubro). *A construção da interpretação: investigação realizada durante Working Parties - "Microscopia da Sessão Analítica"* [Apresentação de trabalho]. Conferência Internacional sobre Pesquisa Clínica da IPA, SBPSP, S. Paulo.
- Cassorla, R. M. S., Gavião, A. C. D., & Carneiro, C. A. (2021). Developing the Capacity for Clinical Investigation: The Working Party Microscopy of the Analytic Session. In M. A. Litvan. (Org.), *Clinical Research in Psychoanalysis: Theoretical Basis and Experiences through Working Parties* (pp. 202-213). Routledge.
- <https://doi.org/10.4324/9781003182870>
- Cassorla, R. M. S., Gavião, A. C. D., & Carneiro, C. A. (2024). The Working Party "Microscopy of the Analytic Session": Developing the capacity for clinical investigation

- (dreaming, interpreting, validating and theorizing). In R. Levy, B. Reith, M. Rudden, A. Fernández, N. Kulish, L. Bleger, & I. B. Villegas (Eds.), *New tools for psychoanalysis: Clinical investigation and psychoanalytic training in the Working Parties* (pp. 159-174). Routledge. <https://doi.org/10.4324/9781032656311>
- Chuster, A., Muratore, C., Decker, C., Conte, J., Walz, J., Castro, J., Rodrigues, L., Walz, M. B., & Beck, S. (2003). *W. R. Bion, novas leituras: a psicanálise: dos princípios ético-estéticos à clínica*, Vol. 2. Companhia de Freud.
- Chuster, A. (2014). A obra complexa. In A. Chuster, G. Soares, & R. Trachtenberg, *W. R. Bion: a obra complexa* (pp. 29-64). Sulina.
- Chuster, A. (2019). Bion e Laplanche: função tradutiva e função-alfa. Um encontro que celebra a psicanálise. In T. Candi, & A. Rocha Barros (Orgs.), *Diálogos psicanalíticos contemporâneos Bion e Laplanche: do afeto ao pensamento* (pp. 189-214). Escuta.
- Chuster, A. (2023). Um estudo psicanalítico sobre a intuição através da cesura decorrente de personalidades criativas. *Revista de Psicanálise da SPPA*, 30(3), 605-625.
- Chuster, A. (2024). *Linguagem de alcance psicanalítico: a diferença transcendental em W. R. Bion*. Blucher.
- Civitarese, G. (2017a). Notes on transformations in hallucinosis. In M. Katz, R. Cassorla, & G. Civitarese (Eds.), *Advances in contemporary psychoanalytic field theory: concept and future development* (pp. 57-66). Routledge.
- Civitarese, G. (2017b). *Sublime subjects: aesthetic experience and intersubjectivity in psychoanalysis*. Routledge.
- Civitarese, G. (2021). Campo incorporado e reverie somático. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 55(3), 43-57.
- Couto, M. (2020, dezembro). "Interessa-me do passado aquilo que se mantém vivo em nós". Entrevista, prefácio do livro de A. Mabanckou, *Moisés negro*. TAG Curadoria.
- Dorey, Y., Frisch, S., & Bleger, L. (Eds.). (2025). *Spécificités du traitement psychanalytique: naissance d'une méthode*. Les Éditions d'Ithaque.

- Dunker, C. (2011). *Estrutura e constituição da clínica psicanalítica: uma arqueologia das práticas de cura, psicoterapia e tratamento*. Annablume.
- Eizirik, C. L. (2025, 13 junho). *Cassorla e a Microscopia da sessão analítica* [Apresentação de trabalho]. Simpósio Internacional “O pensamento de Roosevelt Cassorla”, SBPCamp, Campinas, São Paulo.
- Elia, L. (2023). *A ciência como psicanálise: metodologia e princípios*. Edições 70.
- Faimberg, H. (1981). Une des difficultés de l'analyse: la reconnaissance de l'altérité: l'écoute des interprétations. *Revue Française de Psychanalyse*, 45, 1351-1367.
- Faimberg, H. (2010). Método “a escuta da escuta”. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 44(3), 33-41.
- Ferro, A. (1995). *A técnica na psicanálise infantil. A criança e o analista: da relação ao campo emocional*. Imago.
- Ferro, A. (1998). *Na sala de análise: emoções, relatos, transformações*. (M. Justum Trad.). Imago.
- Ferro, A., & Basile, R. (2013). O universo do campo e seus habitantes. In A. Ferro, & R. Basile (Orgs.), *Campo analítico: um conceito clínico* (pp. 13-34). Artmed.
- Ferro, A., & Civitarese, G. (2018). *The analytic field and its transformations*. Routledge.
- Figueiredo, L. C. (2014). Escutas em análise / Escutas poéticas. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 48(1), 123-137.
- Figueiredo, L. C. (2021). *A mente do analista*. Escuta.
- Figueiredo, L. C., & Minerbo, M. (2006). Pesquisa em psicanálise: algumas ideias e um exemplo. *Jornal de Psicanálise*, 39(70), 257-278.
- Freud, S. (1987). *Neuroses de transferência: uma síntese (manuscrito recém-descoberto)*. Imago. (Trabalho original em rascunho de 1915)
- Freud, S. (2010a). Além do princípio do prazer. In S. Freud, *Obras completas volume 14* (P. C. Souza Trad., pp. 218-229). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1920)

- Freud, S. (2010b). Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico. In S. Freud, *Obras completas volume 10* (P. C. Souza Trad., pp. 108-121). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1911)
- Freud, S. (2010c). O inquietante. In S. Freud, *Obras completas volume 14* (P. C. Souza Trad., pp. 247-283) [Edição eletrônica]. Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1919)
- Freud, S. (2010d). Os instintos e seus destinos. In S. Freud, *Obras completas volume 12* (P. C. Souza Trad., pp. 51-81). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1915)
- Freud, S. (2010e). Recomendações ao médico que pratica a psicanálise. In S. Freud, *Obras completas volume 10* (P. C. Souza Trad., pp. 147-162). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1912)
- Freud, S. (2010f). Recordar, repetir e elaborar. In S. Freud, *Obras completas volume 10* (P. C. Souza Trad., pp. 193-209). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1914)
- Freud, S. (2010g). Revisão da teoria do sonho. In S. Freud, *Obras completas volume 18* (P. C. Souza Trad., pp. 126-157). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1933)
- Freud, S. (2011a). "Autobiografia". In S. Freud, *Obras completas volume 16* (P. C. Souza Trad., pp. 75-167). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1925)
- Freud, S. (2011b). O eu e o id. In S. Freud, *Obras completas volume 16* (P. C. Souza Trad., pp. 13-74). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1923)
- Freud, S. (2011c). "Psicanálise" e "Teoria da libido". In S. Freud, *Obras completas volume 15* (P. C. Souza Trad., pp. 273-308). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1923)
- Freud, S. (2014). Pós-escrito à questão da análise leiga: diálogo com um interlocutor imparcial. In S. Freud, *Obras completas volume 17* (P. C. Souza Trad., pp. 218-229). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1927)

- Freud, S. (2015a). O poeta e o fantasiar. In S. Freud, *Arte, literatura e os artistas* (E. Chaves Trad., pp. 53-66). Autêntica Editora. (Trabalho original publicado em 1908)
- Freud, S. (2015b). Uma lembrança de infância em *Poesia e Verdade*. In S. Freud, *Arte, literatura e os artistas* (E. Chaves Trad., pp. 259-272). Autêntica Editora. (Trabalho original publicado em 1917)
- Freud, S. (2016). Estudos sobre a histeria, em coautoria com Josef Breuer. In S. Freud, *Obras completas volume 2* [Edição eletrônica]. Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1895)
- Freud, S. (2018a). Compêndio de psicanálise. In S. Freud, *Obras completas volume 19* (P. C. Souza Trad., pp. 189-273). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1940[1938])
- Freud, S. (2018b). Construções na análise. In S. Freud, *Obras completas volume 19* (P. C. Souza Trad., pp. 327-344). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1937)
- Freud, S. (2019). A interpretação dos sonhos. In S. Freud, *Obras completas volume 4* (P. C. Souza Trad., pp. 13-675). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1900)
- Freud, S. & Andreas-Salomé, L. (1978). *Correspondencia*. Siglo XXI.
- Friedrich, C. D. (1817). *Wanderer über dem Nebelmeer* [Pintura]. Hamburgo Kunsthalle.
- Gabriel, P. (1986). *Mercy Street*. [Composição musical].  
<https://youtu.be/DYw9UrsFJa4?si=NTnxcltv1X1tzCRP>
- Gavião, A. C. D. (2024, 12 abril). *O grupo como microscópio para observação da sessão analítica* [Apresentação de trabalho]. Reunião científica da SBPRP, Ribeirão Preto, São Paulo.
- Giampieri-Deutsch, P. (2024). Contributions of Working Parties to psychoanalysis. In R. Levy, B. Reith, M. Rudden, A. Fernández, N. Kulish, L. Bleger, & I. B. Villegas (Eds.), *New tools for psychoanalysis: Clinical investigation and psychoanalytic training in the Working Parties* (pp. 256-281). Routledge.

- Glaser, B. & Strauss, A. L. (1967). *The discovery of grounded theory: Strategies for qualitative research*. Aldine de Gruyter.
- Green, A. (1994). O duplo e o ausente. In A. Green, *O desligamento: psicanálise, antropologia e literatura* (pp. 37-55). Imago. (Trabalho original publicado em 1973)
- Green, A. (2000). A mente primordial e o trabalho do negativo. *Livro Anual de Psicanálise*, 14, 133-148.
- Green, A. (2017) Après coup, o arcaico. In A. Green, *A loucura privada* (pp. 209-233). Escuta. (Trabalho original publicado em 1982)
- Grotstein, J. (2010). *Um facho de intensa escuridão: o legado de Wilfred Bion à psicanálise*. Artmed.
- Gullar, F. (2016, Abril 12). Ferreira Gullar – Entrevista ao programa Super Libris da SescTv no You Tube. <https://youtu.be/dxPpsm8Rwts?si=VV5XMJ0zfPdQ7aQX>
- Herrmann, F. (2004a). O que é a Teoria dos Campos (Curso de New Orleans). *Revista Brasileira de Psicanálise*, 38(1), 15-38.
- Herrmann, F. (2004b). Pesquisando com o método psicanalítico. In F. Herrmann, & T. Lowenkron (Orgs.), *Pesquisando com o método psicanalítico* (pp. 43-83). Casa do Psicólogo.
- Herrmann, F. (2006). Psicanálise, ciência e ficção. *Jornal de Psicanálise*, 39(70), 55-79.
- Houaiss, A. (2001). Microscopia. In A. Houaiss, & M. S. Villar, *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Objetiva.
- Joseph, B. (1985). Transference: the total situation. *International Journal of Psychoanalysis*, 66, 447-454.
- Joyce, J. (2012). *De santos e sábios: escritos estéticos e políticos* (S. Medeiros e D. W. Amarante Orgs.). Iluminuras.
- Junqueira, C. (2018). *Enactment, rêverie e figurabilidade: a partir de uma experiência clínica*. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 52(1), 113-127.

- Katz, M. (2017). The third model of contemporary psychoanalytic field theory. In M. Katz, R. Cassorla, & G. Civitarese (Eds.), *Advances in contemporary psychoanalytic field theory: concept and future development* (pp. 139-162). Routledge.
- Katz, M., Cassorla, R., & Civitarese, G. (Eds.). (2017). *Advances in contemporary psychoanalytic field theory: concept and future development*. Routledge.
- Klein, M. (1991). Notas sobre alguns mecanismos esquizoides. In M. Klein, *Inveja e gratidão e outros trabalhos* (E. M. Rocha; L. P. Chaves, Coords., p. 17-43). Imago. (Trabalho original publicado em 1946)
- Kohon, G. (2019). *Concerning the nature of psychoanalysis: the persistence of a paradoxical discourse*. Routledge.
- Laplanche, J. (1992). Fundamentos: rumo à teoria da sedução generalizada. In J. Laplanche, *Novos fundamentos para a psicanálise* (pp. 95-159). Martins Fontes.
- Laplanche, J. (2015). *Sexual: a sexualidade ampliada no sentido freudiano 2000-2006*. Dublinense.
- Leminski, P. (1987). *Distraídos venceremos*. Brasiliense.
- Levy, R. (2017). Intimacy: the drama and beauty of encountering the Other. *International Journal of Psychoanalysis*, 98(3), 877-894.
- Levy, R. (2019). Verdade e a dimensão estética da psicanálise. *Revista de Psicanálise da SPPA*, 26(1), 65-83.
- Levy, R. (2020). [Book review of *Sublime subjects: Aesthetic experience and intersubjectivity in psychoanalysis*, by G. Civitarese, 2017]. *International Journal of Psychoanalysis*, 101(6), 1276–1298.
- Levy, R., Reith, B., Rudden, M., Fernández, A., Kulish, N., Bleger, L., & Villegas, I. B. (Eds.). (2024). *New tools for psychoanalysis: Clinical investigation and psychoanalytic training in the Working Parties*. Routledge.
- Lewin, K. (1946). Action research and minority problems. *Journal of Social Issues*, 2(4), 1-79.
- Mabanckou, A. (2020). *Moisés negro*. (P. S. Nogueira Trad.). TAG Experiências Literárias.

- Maldonado, J. L. (2022). Madeleine and Willy Baranger's contribution to psychoanalysis. *International Journal of Psychoanalysis*, 103(5), 872-889.  
<https://doi.org/10.1080/00207578.2022.2114650>
- Meltzer, D. (1983). VI. Dream-Life: The generative theatre of meaning. In D. Meltzer, *Dream-Life: a re-examination of the psychoanalytic Theory and technique*. Classic Books, Psychoanalytic Electronic Publishing, 142, 5-177.
- Meltzer, D., & Williams, M. H. (1994). *A apreensão do belo: o papel do conflito estético no desenvolvimento, na violência e na arte* (P. C. Sandler Trad.). Imago. (Trabalho original publicado em 1988)
- Mijolla, A. (2005). *Dicionário internacional da psicanálise: conceitos, noções, biografias, obras, eventos, instituições*. Imago.
- Milton, J. (1674). *Paradise Lost: Book III* (1674 version). In J. Milton, *Paradise Lost* (repr. Poetry Foundation edition). Poetry Foundation. <https://www.poetryfoundation.org/poems/45739/paradise-lost-book-3-1674-version>
- Ogden, T. (1994). The analytic third: working with intersubjective clinical facts. *International Journal of Psychoanalysis*, 75, 3-19.
- Ogden, T. (2010). *Esta arte da psicanálise: sonhando sonhos não sonhados e gritos interrompidos*. Artmed.
- Ogden, T. (2013a). Analisando formas de vitalidade e de desvitalização. In T. Ogden, *Rêverie e interpretação: captando algo humano* (pp. 35-68). Escuta. (Trabalho original publicado em 1995)
- Ogden, T. (2013b). Rêverie e interpretação. In T. Ogden, *Rêverie e interpretação: captando algo humano* (pp. 143-180). Escuta. (Trabalho original publicado em 1997)
- Ogden, T. (2017). Dreaming the analytic session: a clinical essay. *The Psychoanalytic Quarterly*, 86(1), 1-20.
- Ogden, T. (2020). Psicanálise ontológica ou "Ou que você quer ser quando crescer?". *Revista Brasileira de Psicanálise*, 54(1), 23-46.

- Paixão, C. (2025). *O sonhar compartilhado em análise: rêverie e fotografia na escuta clínica*. Blucher.
- Pärt, A. (1978). *Spiegel im Spiegel for cello and piano*. [Composição musical].
- Perelberg, R. J. (2007). Space and time in psychoanalytic listening. *International Journal of Psychoanalysis*, 88(6), 1473-90.
- Perelberg, R. J. (2015). On excess, trauma, and helplessness: repetitions and transformations. *International Journal of Psychoanalysis*, 96(6), 1453-76.
- Perelberg, R. J. (2016). Negative hallucinations, Dreams and hallucinations: the framing structure and its representation in the analytic setting. *International Journal of Psychoanalysis*, 97(6): 1575-90.
- Perrini, E. (2017). Em busca de uma experiência estética em psicanálise: sonho, trabalho de sonho-alfa e sonhar-a-dois. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 51(1), 140-149.
- Perrini, E. (2023, 14 março). *Pensamento psicanalítico de Thomas Ogden e sua aplicação na clínica*. [Evento científico "Reflexão Psicanalítica"]. Sociedade Psicanalítica do Recife, Recife, Pernambuco.
- Portinari, C. (1944). *Retirantes* [Pintura]. Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand.
- Ramos, G. (1938). *Vidas secas*. Ed. José Olympio.
- Ribeiro, J. U. (1989). *O sorriso do lagarto*. Nova Fronteira.
- Ribeiro, M. F. R. (2022). Sobre intuição psicanalítica: a afetação enigmática. *Cadernos de Psicanálise. (CRPJ)*, 44(46), 155-168.
- Ribeiro, M. F. R. (2024). A intuição psicanalítica e a rêverie: captando fatos ainda não sonhados. *Livro Anual de Psicanálise*, 38, 195-216.
- Ricoeur, P. (2010). *Escritos e conferências 1 em torno da psicanálise*. (E. Bini Trad.). Loyola.
- Rocha Barros, E. M. (2000). Affect and pictographic image: the constitution of meaning in mental life. *International Journal of Psychoanalysis*, 81, 1087-1099.
- Rocha Barros, E. M., & Rocha Barros, E. L. (2012). Reflexões críticas sobre os processos intersubjetivos: contratransferência, rêverie e o processo de simbolização. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 46(1), 135-149.

- Sandler, J. (1976). Countertransference and role-responsiveness. *The International Review of Psycho-Analysis* (3), 43-47.
- Sandler, J. (1983). Reflections on some relations between psychoanalytic concepts and psychoanalytic practice. *International Journal of Psychoanalysis*, 84, 315-330.
- Sandler, J., & Sandler, A.-M. (1984). The past unconscious, the present unconscious, and the interpretation of transference. *Psychoanalytic Inquiry*, 4, 367-99.
- Shostakovich, D. (1960). *Quarteto de cordas nº 8 em dó menor, Op. 110* [Composição musical].
- Tanis, B. (2015). A escrita, o relato clínico e suas implicações éticas na cultura informatizada. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 49(1), 179-192.
- Tuckett, D. (2008). Appendix: The origins of the EPF 'new' scientific policy and the early history of the working party. In D. Tuckett (Ed.), *Psychoanalysis comparable and incomparable: the evolution of a method to describe and compare psychoanalytic approaches* (pp.262-281). Routledge.
- Tuckett, D. (2010). O que são Grupos de Trabalho e o que podem fazer?. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 44(3), 15-32.
- Tuckett, D., Allison, E., Bonard, O., Bruns, G. J.,Christopoulos, A. L., Diercks, M., Hinze, E., Linardos, M., & Sebek, M. (2024). *Knowing what psychoanalysts do and doing what psychoanalysts know*. Rowman & Littlefield.
- Urribarri, F. (2013). O pensamento clínico: contemporâneo, complexo, terciário. *Revista de Psicanálise da SPPA*, 20(1), 203-219.
- Vieira, C. (2015). *Psicanálise da vida cotidiana*. Technopolitik.
- Willemart, P. (2009). *Os processos de criação na escritura, na arte e na psicanálise*. Perspectiva.
- Winnicott, D. (1975). *O brincar e a realidade*. Imago. (Trabalho original publicado em 1971)
- Woolf, V. (2015). *Orlando: uma biografia*. Autêntica Editora. (Trabalho original publicado em 1928)